

RAQUEL DA SILVA PAVIN

**A VISIBILIDADE DE MULHERES IDOSAS AVÓS NA CONTEMPORANEIDADE:
CONSTRUINDO PERSPECTIVAS SOBRE NOVOS CONCEITOS DE AVOSIDADES**

RAQUEL DA SILVA PAVIN

**A VISIBILIDADE DE MULHERES IDOSAS AVÓS NA CONTEMPORANEIDADE:
CONSTRUINDO PERSPECTIVAS SOBRE NOVOS CONCEITOS DE AVOSIDADES**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPG-Unilasalle) como requisito final para a obtenção do título de Doutora em Memória Social e Bens Culturais.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan

CANOAS, 2024

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

P338v Pavin, Raquel da Silva.

A visibilidade de mulheres idosas avós na contemporaneidade [manuscrito] :
construindo perspectivas sobre novos conceitos de avosidades / Raquel da Silva
Pavin. – 2024.
188 f. : il.

Tese (doutorado em Memória Social e Bens Culturais) –
Universidade La Salle, Canoas, 2024.
“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan”.

1. Memória social. 2. Sociedade - mulheres. 3. Gênero feminino.
4. Envelhecimento. I. Mangan, Patrícia Kayser Vargas. II. Título.

CDU: 305-055.2

Bibliotecária responsável: Melissa Rodrigues Martins - CRB 10/1380

RAQUEL DA SILVA PAVIN

**A VISIBILIDADE DE MULHERES IDOSAS AVÓS NA CONTEMPORANEIDADE:
CONSTRUINDO PERSPECTIVAS SOBRE NOVOS CONCEITOS DE AVOSIDADES**

Tese aprovada para obtenção do título de doutor, pelo
Programa de Pós-Graduação em Memória Social e
Bens Culturais, da Universidade La Salle.

BANCA EXAMINADORA

Profª. Drª. Geraldine Alves dos Santos
Universidade Feevale

Profª. Drª. Josimara Aparecida Delgado Baour
Universidade Federal da Bahia

Profª. Drª. Lúcia Regina Lucas da Rosa
Universidade La Salle, Canoas/RS

Prof. Dr. Moisés Waismann
Universidade La Salle, Canoas/RS

Profª. Drª. Patrícia Kayser Vargas Mangan
Orientadora e Presidente da Banca - Universidade La Salle, Canoas/RS

Área de concentração: Memória Social e Bens Culturais
Curso: Doutorado em Memória Social e Bens Culturais

Canoas, 26 de julho de 2024.

Dedico este estudo a todas as “Dona Cila”,
essas mulheres de afeto desmedido, força
inabalável e legado profundo. Elas, que são a
própria materialização das nossas
ancestralidades, entrelaçam as gerações com
laços de sabedoria e carinho.

AGRADECIMENTOS

Inicialmente, expresso minha gratidão às avós da minha vida: a avó materna Maria Aparecida e a minha mãe, agora conhecida carinhosamente como vó Pola, bem como as minhas tias que desempenham esse papel desafiador e essencial. Obrigada por serem a inspiração para este estudo. De maneira especial, agradeço a toda minha família que sempre me incentivou a persistir nos estudos e a lutar pelos meus ideais.

Estendo meus agradecimentos às minhas orientadoras, especialmente à Profa. Patrícia Kayser, pelos valiosos conselhos e trocas durante minha jornada. Agradeço igualmente a todos os professores que se tornaram referências acadêmicas para mim. Um agradecimento especial à banca examinadora por aceitar o desafio de colaborar com o meu estudo e a minha formação.

Sou grata ao apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que fomentou este estudo. Também a todas as pessoas que vibram com cada uma das minhas conquistas com entusiasmo.

Um agradecimento cheio de afeto a cada uma das avós que contribuíram para esta pesquisa, especialmente às dez participantes cujas narrativas enriqueceram este trabalho e me ensinam sobre as diversas faces das avosidades. Vocês são incríveis!

Esta tese é a realização de um sonho, uma homenagem a todas as pioneiras que trilharam o caminho antes de mim e às corajosas que continuam a batalhar por velhices dignas. Mesmo diante de momentos de extrema adversidade, superamos os desafios e, juntas, exaltaremos a visibilidade de mulheres idosas e avós, revelando ao mundo toda a força e resiliência que carregam.

Obrigada!

“De todo o amor que eu tenho
Metade foi tu que me deu
Salvando minh'alma da vida
Sorrindo e fazendo o meu eu ...”
(MARIA GADÚ)

RESUMO

Essa tese foi desenvolvida em uma perspectiva interdisciplinar, tendo como campo de estudos a memória social, investigou a experiência da avosidade entre mulheres idosas no contexto contemporâneo através de narrativas memoriais, explorando padrões e divergências nas experiências dessas. Para tanto, o estudo utilizou-se de relatos de vivências pessoais e de rotinas diárias dessas mulheres, buscando entender como essas experiências contribuem para a construção de uma identidade social baseada na memória coletiva. O objetivo foi refletir sobre o papel social e cultural das avós, destacando a necessidade de reconhecimento do protagonismo feminino e da autonomia em uma sociedade patriarcal. Trata-se de uma pesquisa descritiva de cunho qualitativo: a coleta de dados se deu por entrevistas semiestruturadas, divididas em duas partes - a primeira englobou dados demográficos que serviram para apresentar as características das participantes e a segunda foi composta por perguntas abertas em profundidade -. As participantes da pesquisa foram dez mulheres idosas que são avós. Estas possuem em comum residir na cidade de Porto Alegre (RS), a idade igual ou superior a sessenta anos e a vivência da avosidade. A análise dos dados foi feita utilizando Bardin (1977). A metodologia adotada incluiu a transcrição de entrevistas e a análise profunda dos dados coletados, bem como a criação de mapas conceituais para organizar e destacar os temas emergentes. As categorias de análise foram divididas em três temáticas principais: relações intergeracionais, diversidade das avosidades e suas percepções e as várias formas de contribuição das avós na sociedade. Este estudo não só ressalta a relevância das avós na formação do legado e na preservação da ancestralidade, mas também serve como uma ferramenta para fomentar uma compreensão mais profunda e pessoal sobre o tema, incentivando interpretações individuais sobre. O estudo demonstrou que as avós contemporâneas ultrapassam seus papéis tradicionais, atuando como importantes redes de apoio e transmissoras de cultura, história e valores. Isso reflete uma maior autonomia e influência ativa no meio social, permitindo-lhes moldar seus papéis e envolver-se em atividades sociais, educacionais e econômicas. A pesquisa destacou a importância das avós na manutenção da memória coletiva e na preservação da herança cultural, sublinhando a necessidade de valorização dessas mulheres na sociedade. Assim, o

estudo conclui que as avós desempenham um papel essencial na estrutura social e na continuidade cultural das gerações, enfatizando a necessidade de reconhecer e apoiar suas contribuições variadas para uma sociedade mais equitativa. Recomenda-se, então, a continuidade das discussões sobre os novos conceitos de avosidade e suas implicações para políticas públicas e sociais, visando garantir que o papel vital dessas mulheres seja valorizado.

Palavras-chave: envelhecimento; visibilidade; mulheres idosas; avosidades; memória social.

ABSTRACT

This thesis was developed from an interdisciplinary perspective, focusing on social memory as its field of study. It investigated the experience of grandparenthood among elderly women in the contemporary context through memory narratives, exploring patterns and divergences in these experiences. For this purpose, the study utilized personal experience accounts and daily routines of these women to understand how these experiences contribute to constructing a social identity based on collective memory. The goal was to reflect on the social and cultural role of grandmothers, highlighting the need for recognition of female agency and autonomy in a patriarchal society. This is a descriptive qualitative study; data collection was conducted through semi-structured interviews divided into two parts—the first covering demographic data to present participant characteristics, and the second comprising in-depth open-ended questions. The research participants were ten elderly women who are grandmothers, sharing the common factors of residing in Porto Alegre (RS), being sixty years or older, and experiencing grandparenthood. Data analysis was carried out using Bardin (1977). The adopted methodology included the transcreation of interviews and in-depth analysis of collected data, as well as the creation of conceptual maps to organize and highlight emerging themes. The analysis categories were divided into three main themes: intergenerational relationships, diversity in grandparenting experiences and perceptions, and the various ways grandmothers contribute to society. This study not only emphasizes the relevance of grandmothers in legacy formation and the preservation of ancestry but also serves as a tool to foster a deeper, personal understanding of the subject, encouraging individual interpretations. The study demonstrated that contemporary grandmothers surpass traditional roles, serving as important support networks and transmitters of culture, history, and values. This reflects greater autonomy and active influence within society, allowing them to shape their roles and engage in social, educational, and economic activities. The research underscored the importance of grandmothers in maintaining collective memory and preserving cultural heritage, highlighting the need to value these women in society. Thus, the study concludes that grandmothers play an essential role in the social structure and cultural continuity of generations, emphasizing the need to recognize and support their varied contributions for a more equitable society. Continuation of discussions on new concepts of grandparenting and their implications for public and social policies is recommended to ensure the vital role of these women is valued.

Keywords: aging; visibility; elderly women; grandparenting; social memory

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa: A avosidade para Tulipa 77

Figura 2 - Mapa: A avosidade para Amor Perfeito80

Figura 3 - Mapa: A avosidade para Flor de Maio 85

Figura 4 - Mapa: A avosidade para Orquídea 90

Figura 5 - Mapa: A avosidade para Violeta 94

Figura 6 - Mapa: A avosidade para Margarida 98

Figura 7 - Mapa: A avosidade para Girassol 103

Figura 8 - Mapa: Avosidade para Flor de Hibisco108

Figura 9 - Mapa: Avosidade para Rosa114

Figura 10 - Mapa: A avosidade para Lavanda118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Objetivos e perguntas disparadoras para as entrevistas64

Quadro 2 - Dados sociodemográficos das entrevistadas68-69

LISTA DE SIGLAS

AFM	Associação dos Funcionários Municipais de Porto Alegre
Covid-19	Corona Vírus Disease - 2019
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ILPi	Instituições de Longa Permanência para idosos
NEDERS	Núcleo de Pesquisas em Demandas Políticas Sociais
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
SM	Salário Mínimo
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1	PREPARANDO O CAMINHO: INQUIETAÇÕES INICIAIS ¹⁶	
2	CAMINHO SE CONHECE ANDANDO: MEMORIAL DA PESQUISADORA	20
3	INICIANDO UMA NOVA CAMINHADA: DEFINIÇÕES DA TESE	Erro! Indicador não definido.
4	AS LENTES USADAS DURANTE A CAMINHADA: CONCEITOS E AUTORES	32
4.1	Mulheres idosas e representações sociais	33
4.2	A abordagem interseccional e as velhices femininas	40
4.3	Relações intergeracionais	44
4.4	Avosidades e memória social	48
5	DESCREVENDO OS PRINCIPAIS PASSOS: CAMINHO METODOLÓGICO	Erro! Indicador não definido.
5.1	Participantes da pesquisa: um jardim colorido com raízes	60
5.2	Explorando o jardim: instrumentos e processos de coleta de dados	61
5.3	Análise dos dados	Erro! Indicador não definido.
6	QUEM SÃO AS FLORES DESTE JARDIM? DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS	67
7	QUANDO FLORESCEM AS AVÓS: NARRATIVAS SOBRE AVOSIDADES	71
7.1	Tulipa ⁷³	
7.2	Amor Perfeito	77
7.3	Flor de Maio	81
7.4	Orquídea	85
7.5	Violeta	90
7.6	Margarida	94
7.7	Girassol	98
7.8	Flor de Hibisco	103
7.9	Rosa	108
7.10	Lavanda	114
8	A BRISA QUE SOPRA DO JARDIM: CATEGORIAS DE ANÁLISE	118
8.1	Jardins compartilhados: as relações intergeracionais entre avós e netos	119
8.2	As raízes deste jardim: diferentes dimensões de apoio	123

8.2.1 Apoio social material.....	125
8.2.2 Apoio emocional, afetivo e de informação.....	127
8.2.3 Apoio de interação e convívio social.....	128
8.3 Um jardim multicolorido: a beleza da diversidade	131
8.3.1 O convívio e as responsabilidades.....	135
8.3.2 Novos conhecimentos e autonomia.....	138
8.3.3 A preservação da autonomia.....	140
8.4 Entrelaçando raízes: As diversas florescências das avosidades	144
8.5 Entre trabalho e legado: a “comida de vó” e a memória coletiva	149
8.6 Percebendo diferentes aromas: será que ser avó é ser “mãe com açúcar”	151
9 CONTEMPLANDO O JARDIM: REFLEXÕES AO LONGO DA TRILHA	157
161	
APÊNDICE A - QUADRO COM SÍNTESE DAS CATEGORIAS NORTEADORAS	
.....	172
APÊNDICE B - TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	176
APÊNDICE C - INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	178
APÊNDICE D - ROTEIRO DE PERGUNTAS EM PROFUNDIDADE	180
APÊNDICE E - QUADRO CONCEITUAL (LIVROS E CAPÍTULOS)	181
APÊNDICE F - QUADRO CONCEITUAL (PERIÓDICOS DA CAPES)	185

1 PREPARANDO O CAMINHO: INQUIETAÇÕES INICIAIS

O tema desta tese é o envelhecimento das mulheres, com foco específico na avosidade, que indica a possibilidade de mulheres assumirem o papel social de avós e as diversas implicações em suas vidas. Assim, o objetivo principal foi investigar como mulheres idosas vivenciam a avosidade no cenário contemporâneo, utilizando narrativas memoriais para identificar padrões e perspectivas convergentes e divergentes, além de desenvolver conjecturas sobre o tema para o avanço desses estudos. Para atingir esse objetivo, foi necessário aproximar-se das rotinas das mulheres idosas, explorando como a avosidade se manifesta e se materializa nos diferentes cotidianos por meio de uma metodologia descritiva qualitativa, utilizando entrevistas em profundidade. Para compreender a definição deste objetivo, detalhar o percurso metodológico e apresentar os principais achados, é essencial iniciar com a contextualização do cenário em que esta pesquisa foi desenvolvida.

Desta forma, como notas introdutórias, destaco alguns indicadores que demonstram o quanto o Brasil é um país envelhescente. Conforme aponta o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas, até 2060 o número de idosos (maiores de 60 anos) deve chegar a 25,5% da população brasileira (IBGE, 2022). Já em 2100, a projeção é que o país ultrapasse a casa dos 60 milhões de idosos, o que retrata um número superior a 40% de todos os brasileiros. Ou seja, o Brasil está envelhecendo de forma contínua e veloz, chegando a idades bastante avançadas.

O aumento do percentual de idosos no Brasil está associado à elevação da expectativa de vida global aliada ao decréscimo da taxa de fecundidade. Este fenômeno tem sido objeto de estudo em várias disciplinas acadêmicas e campos profissionais. Áreas como Geriatria, Gerontologia, Enfermagem, Fisioterapia, Educação Física, Nutrição, Psicologia, Sociologia e Serviço Social têm dedicado atenção especial ao tema. Esse crescimento da população idosa, tanto em termos absolutos quanto percentuais, pode ser atribuído aos avanços científicos e tecnológicos que têm proporcionado uma melhor qualidade de vida à população em geral.

De acordo com os dados do Censo de 2022 do IBGE, a proporção de homens dentro de uma certa faixa etária era de 6,8%, enquanto as mulheres representavam 8,6%.

Observa-se que as mulheres continuam predominando em termos de longevidade no país. Segundo o mesmo censo, a expectativa de vida dos homens é de 73,1 anos, enquanto para as mulheres é de 80,3 anos. Essa diferença evidencia uma tendência de envelhecimento mais acentuado entre as mulheres. Diante dessas informações, justifica-se a necessidade de continuar e intensificar estudos sobre o envelhecimento feminino.

Neste estudo, busquei compreender como as vivências da avosidade podem contribuir para a construção de uma identidade social por meio da memória coletiva. Ao explorar as narrativas memoriais compartilhadas pelas avós participantes, pude conhecer diferentes realidades, reconhecer padrões e identificar visões divergentes, visando desvendar as conjunturas que moldam essas experiências.

Pesquisar sobre a visibilidade de mulheres idosas e avós me permitiu refletir sobre vivências, experiências, legado e identidade. Me despertou a necessidade de pautar o protagonismo feminino e a autonomia como forma de resistir às opressões históricas de uma sociedade patriarcal, bem como exaltar o papel social de grande relevância executado por estas mulheres no passado, presente e futuro. As principais questões tratadas no decorrer deste trabalho fazem parte de uma investigação iniciada na minha dissertação de mestrado, quando me debrucei sobre mulheres idosas e o apoio social. Ao concluir o estudo, constatei que muitas das participantes que forneciam esse apoio eram avós, destacando, assim, a importância de dar visibilidade a este tema.

Estas inquietações também estão relacionadas com as minhas memórias pessoais, que se manifestam de forma íntima e particular. Estão ligadas, em grande parte, ao fato de que, durante a minha infância, a minha avó materna teve uma grande influência na minha criação. Além disso, a proximidade com mulheres idosas, que são avós no meu convívio social e familiar, a exemplo de minha mãe e tias, também contribuiu para estas memórias e o interesse na temática. Assim, pesquisar sobre avosidades me permitiu mergulhar em lembranças e também ampliar o olhar sobre este conceito. Nas relações estabelecidas entre avós, netos e netas, existe uma intrínseca relação de afetividade e desafios, mas ainda falta visibilidade para a extrema relevância social e cultural do papel que estas mulheres desempenham em nossa sociedade.

Saliento que a escrita se deu na primeira pessoa em boa parte da tese, menos quando estiver me referenciando nas discussões teóricas, pois, nestes momentos, irei

usar a terceira pessoa. O uso da primeira pessoa está relacionado ao meu lugar de pesquisadora feminista, portanto saliento a necessidade de trazer tal visibilidade. Também gostaria de destacar que, ao longo da escrita, os títulos fazem referência a jardins e flores, e os nomes das participantes do estudo foram escolhidos por elas e se referem a diferentes tipos de flores. Essa escolha foi feita com o intuito de conferir uma maior poeticidade ao texto, com isso o uso de expressões que traçam aspectos orais, como a repetição de conjunções. As participantes foram caracterizadas com nomes de flores de sua preferência, a fim de preservar o sigilo e dar visibilidade a suas escolhas.

Neste contexto, a tese está estruturada, iniciando pelas minhas exposições, abrindo um pouco da minha vida pessoal, profissional e acadêmica via relato do memorial da pesquisadora, "*Caminho se conhece andando*". Após, faço a justificativa deste estudo e a escolha pelo tema juntamente com as categorias teóricas que foram norteadoras para a discussão deste trabalho. Logo, descrevo todo o meu caminhar metodológico, os passos que foram necessários e criados para a realização deste estudo. Ainda, neste relato, exponho quem foram as mulheres que permitiram esta tese se materializar, a partir de suas narrativas, dando cor e aroma a esse jardim. Após os instrumentos escolhidos, a organização e materialização da coleta dos dados, momento de inúmeros desafios, conforme relato detalhadamente.

Em seguida, descrevo como se deu a análise dos dados, composta pela transcrição¹ das entrevistas, e aqui me permitam ser um pouco mais detalhada, pois foi um momento de maior desafio e descobertas do processo metodológico da pesquisa. Esta jornada se desdobrou em uma aventura no universo das palavras e significados, com canetas coloridas e papel impresso, mergulhei nas profundas narrativas coletadas, explorando e decifrando, comecei a releitura atenta, marcando com cores vivas as passagens mais reveladoras em resposta às doze perguntas disparadoras do estudo. Essas marcações foram essenciais, pois destaquei o que eu considerava mais valioso nas conversas.

No entanto, selecionar os diálogos não foi tarefa fácil, mas essencial para avançar. Com os trechos escolhidos destacados, iniciei a transcrição das falas, informações

¹ Entendendo essa prática como: [...] em primeiro lugar, não se trata de um conceito; o termo foi cunhado por Haroldo de Campos para designar um processo de tradução, que se caracteriza por ser criativo. Diz mais respeito, portanto, a uma prática do que a uma teoria [...] (Gessner, 2016, p. 3).

brutas extraídas das conversas em uma composição textual única e coesa. Assim, nomeei cada uma das participantes com nomes de flores, tecendo suas histórias e percepções sobre as avosidades em um novo contexto, uma narrativa que capturou a essência das suas experiências sem perder as nuances originais. Este uso da transcrição visava não apenas a recriação dos diálogos, mas também a destilação precisa dos pontos centrais das questões abordadas, mantendo a fidelidade aos sentimentos e sentidos das narrativas.

Descrito essa fase inicial da análise dos dados, agora explico a vocês leitores como os resultados foram conduzidos, em um diverso jardim. Começo então transcrevendo as narrativas, após criando mapas conceituais com todos temas centrais, e logo começo a descrever as categorias de análise, em um jardim de múltiplas cores. Aqui as categorias trazem as peculiaridades individuais e coletivas, iluminam os caminhos do estudo junto a vivências plurais e até então desconhecidas pela pesquisadora. Essas auxiliaram a compreender realidades diversas, se entrelaçando e formando uma estrutura, posto que foram capturadas, organizadas e são essenciais, pois destilam realidades e refletem a profundidade dos fenômenos estudados, que, para isso, foram divididas.

Iniciando pelo “*Jardins compartilhados: As relações intergeracionais entre avós e netos(as)*”, descrevo a partir das narrativas das entrevistadas as relações destas com seus netos(as), articulando a discussão com os tipos de apoio social, as bases de apoio deste jardim, que se dividem em: apoio social material, apoio emocional, afetivo e de informação e o apoio de interação e convívio social.

Após em “*Um jardim multicolorido*”, trago as diversidades das avosidades e suas percepções, considerando que não existe um único padrão ou formato de ser ou estar avó, ou até mesmo de se envolver com os netos(as). Este foi dividido em subcategorias, que são: o convívio e as responsabilidades, novos conhecimentos e a preservação da autonomia.

E o último, “*Entrelaçando raízes: As diversas florescências das avosidades*”, neste dei ênfase a algumas categorias que considere de extrema importância, devido à significativa capacidade de enriquecer o estudo. Estas emergiram das narrativas individuais e coletivas das avós, conferindo importante profundidade e dando uma nova perspectiva para o tema da tese.

Assim, os temas abordados foram: o privilégio de conviver com os(as) netos(as), experiência não vivida por outros familiares, a oportunidade de realizar com os(as) netos(as) atividades que não conseguiram desempenhar com os(as) filhos(as). Também a discussão sobre a influência das mulheres e das famílias matriarcais na formação do legado e na preservação da ancestralidade entrelaçadas à vivência da avosidade. Ademais, a análise da contribuição das avós como uma significativa força de trabalho, e a relação da "comida de vó" com a memória coletiva.

Após a apresentação dos resultados e discussões, procedo com as reflexões finais do estudo, seguidas da apresentação das referências bibliográficas e dos anexos e apêndices pertinentes à pesquisa. Contudo, antes de concluir a introdução, é importante destacar dois pontos fundamentais. Primeiramente, é essencial sublinhar que esta tese não tem a intenção de estabelecer uma definição conclusiva sobre quem são as avós no contexto contemporâneo brasileiro. Ao contrário, este estudo visa disponibilizar ferramentas que possibilitem aos leitores desenvolver suas próprias interpretações e abordagens sobre o tema, fomentando a construção de definições pessoais e coletivas acerca das avosidades existentes.

Em segundo lugar, entendendo que nem sempre o caminho é permeado de facilidades, destaco que esta jornada acadêmica teve início no contexto desafiador da pandemia de COVID-19, em agosto de 2020. A realidade imposta pela pandemia trouxe adversidades sem precedentes, frente às restrições de mobilidade e ao isolamento social, que exigiram uma adaptação aos meios virtuais. A incerteza quanto à duração da pandemia e as alterações abruptas em cronogramas e na disponibilidade de recursos adicionaram complexidades ao planejamento e à execução da pesquisa. Diante dessas dificuldades, foi necessária muita resiliência e flexibilidade, frente um cenário mundial profundamente alterado pela crise sanitária.

Também, é importante destacar que a conclusão deste trabalho ocorre em um momento igualmente turbulento, marcado pela maior enchente já registrada no Rio Grande do Sul, em 2024. Este evento está trazendo consigo sentimentos de desalento e tristeza, intensificando as incertezas e as dificuldades já presentes, o que conferiu à finalização deste doutorado um caráter ainda mais desafiador.

2 CAMINHO SE CONHECE ANDANDO: MEMORIAL DA PESQUISADORA

Relembrar é construir. Para isso, faço menção à música de Nando Reis “*Por onde andei*”, pois de forma poética me inspira. Assim, me permito um mergulho pelas minhas memórias, reconstruindo a trajetória que me trouxe até aqui. Com a possibilidade de relembrar e recriar, ofereço um vislumbre das estradas percorridas, no trilhar pessoal, acadêmico e profissional.

Cada lembrança que surge é um fragmento do caminho, um mosaico de momentos que considero marcantes. Ao refletir sobre esses instantes, traço o mapa das experiências que moldam minha visão de mundo. Desde os encontros significativos até as despedidas que o marcaram, cada episódio compõe o relato de quem sou e de como interpreto o universo ao meu redor.

Fica aqui um convite para que você caminhe comigo pelos rumos que explorei, observando as marcas que deixei e as lições que colhi. Com cada passo narrado, destaco minhas posturas e posicionamentos diante das aventuras da vida, da interação humana e do constante aprendizado que a trajetória acadêmica e profissional exige e permite. Aqui, um pedaço da minha história é tecido na intersecção entre o ontem e o hoje, numa trajetória permeada pelo ser e o tornar-se.

E assim, embalada pela poética de Chico César, que traz em sua canção: “*Caminho se conhece andando*” e “*vai só procurando e acha sem saber*”, começo aqui a narrativa da minha jornada, unindo as experiências vividas com as descobertas que ainda estão por vir. Meu nome é Raquel, tenho 35 anos, sou de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Nascida em um lar cheio de afeto, onde meus pais, sem formação superior, lutaram para nos oferecer o melhor, cresci junto com minha irmã sob os cuidados cotidianos de minha avó materna, enquanto eles trabalhavam. Durante os anos escolares, no ensino fundamental e médio, dediquei-me intensamente aos estudos, particularmente atraída pelas letras de Literatura e os enigmas da História, sempre com um olhar atento às dinâmicas sociais que moldam nosso mundo e também muito influenciada pelo posicionamento político do meu pai, que me ensinou muito sobre pertencer a uma classe que vive do trabalho.

Nos anos de 2005 até 2007, durante o ensino médio, estudei em um colégio estadual próximo de casa, neste pude alargar minhas relações sociais e aos poucos ir me preparando para o mercado de trabalho e a tão temida escolha por uma profissão. Durante estes três últimos anos de formação estive me qualificando, iniciei um curso de idiomas, com ênfase na língua inglesa, via desconto para rede pública de ensino, também realizei curso básico de informática e profissionalizante na área administrativa. Isso tudo com muito incentivo dos meus pais, pois sempre fui uma pessoa curiosa que gosta de novidades e desafios.

Com a proximidade da conclusão do ensino médio e sendo neste período da minha vida que realizei um trabalho voluntário, por três anos, essa vivência foi crucial na escolha do curso para prestar vestibular. Lembro que este momento foi de grande indecisão, cheguei a me inscrever para Ciências Sociais, na UFRGS, pois ainda não existia o curso de Serviço Social na universidade federal. Conquanto, não realizei a prova, optando pelo vestibular na PUCRS, em Serviço Social, pois de início pensava ser a profissão que mais me aproximava da possibilidade de “ajudar ao próximo”, pensamento que já no primeiro semestre de graduação foi sendo transformado.

Ingresso então em uma universidade privada, com exigências acadêmicas, relações e diferenças sociais, de renda e acessos nunca experimentados, um grande desafio. Realmente a faculdade não é a continuidade da escola! E certamente o primeiro semestre de aulas me fez questionar muito sobre minhas capacidades, e se aquele lugar era para mim. Em um episódio, ao qual fui motivo de desprestígio por alguns colegas na apresentação de um trabalho, fui às pressas ao banheiro chorar, o que prometi para mim mesma que nunca mais iria passar por aquilo, que daria o meu melhor em tudo que conseguisse.

Foi no segundo ano da graduação que fui selecionada para ser bolsista de Iniciação Científica no Núcleo de Pesquisas em Demandas e Políticas Sociais (NEDEPS), coordenado pelas professoras Dra. Leonia Bulla e Dra. Jane Prates, e pude permanecer neste espaço até o fim da minha graduação. Neste lugar experimentei a vida enquanto estudante e pesquisadora, recebi a minha primeira remuneração enquanto bolsista, desenvolvendo pesquisas nas diversas áreas temáticas do envelhecimento humano.

Minha primeira pesquisa foi sobre a participação de idosos em atividades grupais. Ali encontrei espaço de atuação e de crescimento. A iniciação na pesquisa permitiu a apreensão dos conteúdos trazidos na graduação e a sua materialização na prática, bem como o cotidiano acadêmico e a interação na universidade. Foi quando fiz minha primeira apresentação em público nos eventos científicos internos e externos, e experimentei a sensação de ser destaque em um Salão de Iniciação Científica.

Durante os quatro anos de graduação, também tive a oportunidade de voltar à instituição que lá no ensino médio fiz voluntariado, para agora realizar o estágio supervisionado em Serviço Social. Lembro da imensa ansiedade e medo deste momento, pois agora tudo precisava ser “colocado” em prática. Durante o estágio tive a oportunidade de seguir estudando sobre envelhecimento, para além das pesquisas realizadas no grupo de estudos. Pude me aproximar da realidade multidimensional das velhices institucionalizadas. Identificando as expressões da Questão Social daquele lugar, vivido em especial por mulheres idosas, elaborei, executei e avaliei um projeto de intervenção, e, após o trabalho de conclusão de curso, também levei esse estudo teórico-prático a eventos científicos acadêmicos.

A graduação em Serviço Social foi significativa na minha vida, à medida que me proporcionou a ampliação de conhecimentos tanto na área social quanto dos processos educacionais, que permeiam esta trajetória. A necessidade de compreender mais especificamente sobre outras inserções do trabalho do assistente social me fez buscar capacitações específicas na área (colóquios nacionais e internacionais, seminários e congressos), vivenciando novos processos metodológicos e, sobretudo, a reflexão sobre as transformações do processo de trabalho no contemporâneo.

Concluída a graduação em 2011, agora Assistente Social, segui minha caminhada em busca do primeiro emprego, que desafio! Mas para minha grata surpresa recebi o convite da Prof. Leonia, para seguir como apoio técnico à pesquisa, responsável pelas pesquisas da área da Gerontologia Social, convite que acolhi com muita honra. Passados seis meses, participei de um processo seletivo em um hospital geral, ao qual fui selecionada. E assim começava uma nova fase!

Este novo passo estava entrelaçado com a perspectiva de que a atuação profissional deve estar articulada com qualificação permanente, como bem nos direciona

o Código de Ética Profissional, o conhecimento como oxigênio para as nossas ações. Atuei neste hospital por nove anos, durante esse período de atuação realizei duas especializações com publicação de artigos e também ingressei no mestrado.

Juntamente com a atuação hospitalar retornei à instituição que fiz voluntariado e estágio supervisionado, para agora exercer a função de assistente social. Em 2015, fui selecionada para uma vaga como tutora externa no curso de Serviço Social no Centro Universitário Uniasselvi, onde pude me experimentar na docência e me apaixonar. Em 2018, me preparei para o processo seletivo junto ao Programa de Pós-Graduação em Serviço Social e Políticas Sociais (UFRGS), após algumas etapas fui selecionada. No decorrer destes dois anos pude me qualificar, realizar aprofundamento teórico, experimentar apresentações de seminários, ministrar aulas, realizar o estágio docente e desenvolver juntamente com meu orientador Prof. Dr. Sergio A. Carlos (em memória), uma pesquisa que me desacomodou dos padrões metodológicos até então conhecidos, o que me impulsionou para novos desafios. Saliento que durante o curso segui trabalhando e pude desenvolver a pesquisa na associação mantida pelo hospital, em uma escola de artes.

Sem dúvidas, o mestrado foi um impulsionador e definiu o lugar que eu quero estar: na docência. No ano de 2020, com o mestrado finalizado, defendido e socializado através de produções científicas, me permito fazer da dissertação um livro, intitulado “Mulheres idosas e o apoio social”. Quem diria que a adolescente, que por um momento duvidou da sua capacidade no banheiro da universidade, agora estava fazendo dedicatórias. Com a materialização deste produto, em material impresso, alcei espaços fora do estado, realizar lançamentos e divulgação do mesmo em eventos nacionais e internacionais, uma verdadeira “abertura de portas”.

Essas portas não se fecham aqui. Em 2020, peço meu desligamento da instituição que trabalhei por muitos anos, e sigo na docência. Em agosto do mesmo ano, decidi tentar a seleção para o doutorado. Aprovada, dei início ao curso, com a proposta de seguir discutindo as velhices femininas, pretendendo analisar como mulheres idosas narram suas vivências sobre a avosidade. Os meus sentimentos em relação ao tema sempre foram motivadores para a realização da práxis, teoria e prática.

Ao ingressar no doutorado, iniciei imediatamente a busca por uma bolsa de estudos, dada a impossibilidade de arcar com as mensalidades de uma instituição privada, apesar do apoio financeiro dos meus pais. Apenas um mês após o início das aulas, tive a alegria de ser agraciada com uma bolsa integral da CAPES/PROSUC, um verdadeiro alívio! Essa conquista me permitiu, já no primeiro ano do curso, engajar-me em atividades acadêmicas, participando de eventos científicos, publicando capítulos de livros e artigos. Além disso, recebi diversos convites para eventos nacionais, bem como para ministrar aulas e palestras.

Após completar um ano no doutorado, tive a chance única de participar de uma seleção para docente substituta na Universidade Federal da Bahia (UFBA), no curso de Serviço Social. Como costumo dizer, "a vida não para esperando as oportunidades surgirem", e, assim, em setembro de 2021, participei do processo seletivo. Com grande satisfação e realização pessoal fui agraciada com o primeiro lugar, o que me permitiu atuar em uma renomada instituição federal no Nordeste do Brasil.

Ingressa na UFBA em setembro de 2021, ainda em formato remoto, sabendo que ao fim do ano estaria me mudando para Salvador [quando escrevo isso, sorrio na frente do computador, pois eu não tenho palavras para explicar essa experiência. Chegar até aqui é viver um grande sonho, mas também contido de muitos desafios].

Ao ingressar no Campus São Lázaro, onde é ofertado o curso de Serviço Social, assumi uma carga horária de 40 horas semanais. Durante esse período, segui cursando o doutorado e realizando tutoria remota. Atuei como professora substituta de setembro de 2021 a março de 2023, o que corresponde a três semestres de rica interação com os docentes através de aulas conjuntas e eventos organizados, além de valiosas aprendizagens com os estudantes. No entanto, conforme mencionado anteriormente, devido às responsabilidades relacionadas ao doutorado, preparei-me para retornar a Porto Alegre/RS, no início de 2023 para dar continuidade à minha pesquisa.

No decorrer da minha pesquisa, em abril de 2023, fundei o grupo "Tecendo Vivências" e o EnvelheCine, ambos possuem o objetivo de fomentar a socialização e o fortalecimento das relações sociais de mulheres acima de 50 anos. Adicionalmente, desde agosto de 2023, organizei de maneira independente o Grupo de Estudo sobre Velhices Plurais (GEVP), este promove discussões e reflexões sob a ótica da

Gerontologia Social, enriquecendo o entendimento sobre a diversidade da experiência de envelhecer.

Tenho tido a oportunidade de contribuir em diversos espaços e cursos relacionados ao envelhecimento humano, sob a perspectiva de crítica social. Isso inclui palestras e aulas que ministro a convite de diferentes órgãos, instituições e universidades. Além disso, mantenho um compromisso contínuo com a minha qualificação profissional. Aqui, apresento um breve relato da minha trajetória, sem a intenção de abordar todos os detalhes, pois alguns podem ter ficado nas entrelinhas. Também não pretendo separar os aspectos da minha vida pessoal, da minha formação e da minha profissão, pois, juntos, eles compõem e enriquecem as narrativas da minha vida.

3 INICIANDO UMA NOVA CAMINHADA: DEFINIÇÕES DA TESE

Como forma de justificar a motivação e as escolhas dessa pesquisa, destacam-se dois questionamentos centrais: Qual a importância deste assunto? Qual a oportunidade de pesquisar este tema?

A escolha e a importância de pesquisar sobre a visibilidade de mulheres idosas avós estão relacionadas a inquietações que a finalização do mestrado proporcionou a mim, e, com isso, podendo dar sequência aos estudos sobre mulheres idosas e ao seu importante papel social desenvolvido na sociedade, destacando as suas percepções e vivências sobre as avosidades. Estas indagações foram percebidas a partir das considerações finais e resultados da dissertação, posto que se observou que um dos importantes papéis desenvolvidos no apoio social por idosas se dá na avosidade.

Estes motivadores me fizeram querer conhecer: como estas mulheres se percebem neste momento da vida? como este conceito é vivido? quais as representações sociais que podem se manifestar? estas inquietações também conversam com minhas memórias individuais, aquelas que se manifestam no íntimo, no particular de cada pessoa e aqui estão relacionadas ao fato da minha criação durante a infância ter tido grande representação da avó materna e, também, pela proximidade com mulheres idosas que são avós no meu convívio social e familiar.

Outro relevante motivo que me levou a esta investigação está relacionado a importantes dados, que ressaltam o envelhecimento da população brasileira e mundial, sendo um fenômeno que apresenta desafios à realidade contemporânea. O crescente número de pessoas idosas no país é fruto do aumento da expectativa de vida, ao longo das últimas décadas, conforme destaca Herédia (1999): o Brasil é um dos países que compõem a América Latina e tem vivenciado um aumento significativo em relação à proporção de idosos na população total. Como os dados do IBGE apresentados na introdução corroboram, esse movimento de aumento de longevidade e de diminuição da taxa de fecundidade tem aumentado tanto o número absoluto quanto o percentual de pessoas com mais de 65 anos. A maior longevidade humana acentua a possibilidade de os indivíduos ocuparem papéis sociais cada vez mais importantes na sociedade. Dentre estes indicadores, destaca-se ainda a maior concentração de mulheres que chegam e

permanecem por anos na velhice.

Nesse contexto, a leitura da realidade tem alertado sobre importantes aspectos a serem considerados em relação ao envelhecimento populacional, pois este não tem sido acompanhado por serviços qualificados que deem conta das demandas dos que envelhecem. Logo, é urgente que as políticas públicas e sociais² existentes sejam efetivas, com vistas a dar respostas às necessidades reais das pessoas idosas. É necessário implementar medidas planejadas, evolutivas e plurais para atender à população idosa, visando a construção de um trabalho integrado entre as diversas políticas públicas, atendendo às demandas complexas e específicas advindas dessa população frente à crise pública, previdenciária e de saúde, e às demais diligências que retratam um quadro de negligência, com ações que estimulem a participação social desse segmento, de forma geral (Pavin, 2020ab).

Essas reflexões permitem-me analisar o processo de envelhecimento de uma nova perspectiva, exigindo a problematização das transformações que envolvem questões sociais, políticas e, principalmente, econômicas. Como apontam Agostinho e Máximo (2006), devido à inexistência de reformas que acompanhem as alterações na composição etária da população no Brasil, as pessoas idosas representam um grupo com várias vulnerabilidades em nível educacional, de saúde e de mobilidade, também, consideravelmente, no que se refere às condições de rendimento (Pavin, 2020ab). Os autores ainda salientam que a vulnerabilidade não é pensada apenas pela perspectiva de renda, quando não se tem aposentadoria ou pensão, mas também para aqueles que ainda estão no mercado de trabalho. Nesse último caso, nem sempre isso pode ser considerado como uma escolha; em grande parte é por necessidade, conforme afirmam Agostinho e Máximo (2002). Frente às considerações destacadas, se faz notória a reflexão sobre o suporte social e econômico que estes sujeitos acabam exercendo no contexto sociofamiliar.

² A perspectiva sobre políticas públicas e sociais é fundamentada nos estudos de Pereira (2008), em que a autora define a política social como um conjunto de ações e programas implementados pelo Estado com o objetivo de satisfazer as necessidades básicas da população e promover o bem-estar social, assegurando direitos e fomentando a justiça social. Além disso, a política pública é vista pela a estudiosa de maneira mais abrangente, abarcando todas as ações e decisões tomadas pelo Estado para regular, organizar e orientar a vida social, econômica e política de uma sociedade, incluindo políticas econômicas, ambientais, de segurança, entre outras áreas.

Essa série de desafios vivenciados pela população idosa brasileira é ainda mais expressiva quando é realizado o recorte de gênero, pois são as mulheres que alcançam idades cada vez mais avançadas. A feminização da velhice é uma realidade, permeada por estigmas, preconceitos, negligências e abandono, além da inexistência de políticas públicas efetivas que atendam a essas mulheres. Estas estão na linha de frente dos riscos em virtude do processo de envelhecimento, o que as torna mais vulneráveis à incapacidade, advinda das condições físicas, sociais e afetivas; situação essa que clama por políticas sociais efetivas e voltadas à garantia de renda mínima para a subsistência econômica das mulheres que vivem a velhice, bem como políticas de cuidado. As políticas públicas devem garantir serviços de proteção social, de forma universal, independentemente dos rendimentos. Uma via utilizada por mulheres idosas como suporte ou benefício próprio são as suas redes de apoio, que, em muitos casos, são compostas pela família, que suprem as necessidades que os programas de governo não atendem (Pavin, 2020ab).

Para que se consiga viver a velhice de forma digna, devem ser levadas em consideração as condições de seguridade social, nível econômico, cor, gênero e escolaridade, que são indicadores que implicam diretamente na vivência desta fase da vida. É preciso construir, também, um trabalho integrado entre as políticas de assistência social, saúde, habitação, educação, previdência e alimentação, dentre outras, para darem conta dos mínimos em relação a demandas tão complexas e específicas desta população. Para que haja uma efetiva ação por parte do Estado e para que se possa falar em seguridade social, são necessárias políticas articuladas e efetivas voltadas para o envelhecimento das pessoas, condizentes com suas realidades, considerando a diversidade do envelhecer. Emprego o termo diversidade aqui visando explicitar que as desigualdades, assimetrias e diversidades sociais também se manifestam neste contexto, implicando diferentes processos de envelhecimento. Por isso, esta investigação necessariamente precisa se pautar por abordagens metodológicas que sejam pautadas por incluir a interseccionalidade enquanto uma ferramenta analítica.

As mulheres idosas, em contrapartida, também realizam apoio social, por serem, muitas vezes, as viabilizadoras do sustento através de suas rendas e outros benefícios e exercendo, também, um importante papel social como avós, cuidadoras e mantenedoras

dos serviços domésticos, prestando auxílio a amigos ou vizinhos doentes, recebendo diversas responsabilidades que lhes são demandadas ao longo da velhice de forma cada vez mais representativa, mas nem sempre valorizadas (Pavin, 2020ab).

De acordo com Silva *et al.* (2018), a discussão sobre o papel dos avós se trata de algo contemporâneo. A criação e o apoio social na vida dos netos e demais familiares se ampliaram e ganharam maior visibilidade e relevância social, abarcando não apenas o cuidado casual, mas também o suporte emocional, material e, até mesmo, a responsabilização legal. As avós, em especial as idosas, começam a ser vistas sob outra ótica, pois assumem, muitas vezes, o papel de membro agregador e de sustentabilidade das relações sociais.

Este papel desenvolvido por estas mulheres pode ser denominado de avosidade, como “uma função intimamente ligada à função materna ou paterna das quais se diferencia, mas que, como aquelas, tem um papel determinante na estruturação psíquica do sujeito”, conforme apontam Goldfarb e Lopes (2011, p. 2187). Para as autoras, este conceito, “avosidade”, pode ser entendido como um laço de parentesco gerado na família, tendo a figura dos avós como aptos a exercer a função materna ou paterna. Exercer a avosidade pode ser entendida como um tema que envolve a intergeracionalidade e as relações geracionais, possuindo como referência os vínculos estabelecidos entre duas ou mais pessoas que vivem diferentes fases da vida e que se encontram, possibilitando a troca de experiências e apoio mútuo.

Assim, a oportunidade e o desafio de pesquisar sobre mulheres idosas e as avosidades tornam-se necessárias, pois vivemos a feminização da velhice, ou seja, são as mulheres que envelhecem em maior quantitativo e vivem mais anos de vida, conforme os dados já trazidos na introdução. Para isso, faço menção à emblemática obra “*A Velhice*”, de Simone de Beauvoir, que provoca refletir, de forma concreta e enfática, sobre os desafios que essa fase da vida põe à sociedade, mais especificamente às mulheres. A autora refere-se à velhice como inerente a todo o ser humano, em que os organismos sofrem alterações, acarretando a diminuição das atividades, autonomia e atitudes em relação à vida individual e até mesmo coletiva (Beauvoir, 1970). Portanto, envelhecer significa passar por um processo natural e intrínseco aos seres humanos.

A partir do século XX, acirra-se o crescimento expressivo da população envelhecida

em um contexto global, o que pode ser explicado pela diminuição das taxas de fecundidade, a partir da década de 1960. Neste período histórico, as mulheres fortalecem sua autonomia por meio da possibilidade de maior inserção no mercado de trabalho, passando a ter outras perspectivas sobre o papel imposto à mulher na sociedade. Para Debert (1999, p. 8), “sendo a mulher em quase todas as sociedades valorizada exclusivamente por seu papel reprodutivo e pelo cuidado das crianças, desprezo e desdém marcariam sua passagem à velhice”. Dando destaque às mulheres idosas, essas questões podem se tornar mais agudas, pois, sendo mulher e envelhecida, na sociedade capitalista lhe é atribuída a identidade de “inútil” ao capital, manifestando preconceitos, estigmas, negligência e abandono, além da inexistência de políticas públicas efetivas que as atendam de forma eficiente (Pavin, 2020ab).

Reitero, aqui, a importância da discussão sobre gênero, sendo necessário ressaltar o protagonismo feminino que vem sendo construído ao longo dos anos por meio de lutas e resistências. De forma significativa, sem tramar outras interseccionalidades, a mulher idosa vivencia uma dupla vulnerabilidade: por ser idosa e por ser mulher, tendo em vista que a sua valorização sempre esteve relacionada à maternidade e ao cuidado com os membros da família, afirma Salgado (2002). Somando-se a isso, no momento de passagem da idade adulta para a velhice, esta passa por várias mudanças, como a saída dos filhos de casa, a perda do cônjuge e, também, as transformações biológicas, psicológicas, sociais, econômicas e culturais.

Ao mesmo tempo, essas mulheres também realizam o apoio a seus familiares, por serem, muitas vezes, as provedoras através da aposentadoria, das pensões e de outros benefícios e exercendo, também, um importante papel social como avós, conforme destaca Motta (2011). Ainda assim, tais protagonismos são frequentemente ignorados ou silenciados.

Diante das significativas concepções que envolvem as avosidades, surge a necessidade de investigar: Como é possível observar a visibilidade dessas mulheres idosas que são avós? De que maneira elas descrevem suas experiências de avosidade na contemporaneidade? Há espaço para a elaboração de novos conceitos nesse campo? Essas questões norteadoras são cruciais e contribuem para o avanço das pesquisas neste tema, contribuindo para desvelar e ressignificar esse construto social.

Neste contexto, proponho um estudo de natureza qualitativa que, por meio da coleta de narrativas memoriais de mulheres idosas, visa abordar o seguinte **problema de pesquisa**: como descrever como as avós vivenciam e descrevem a avosidade na contemporaneidade, permitindo conceber novas perspectivas sobre essas experiências?

Portanto, estabelecemos como **tese** que conhecer as experiências de mulheres idosas que vivenciam as avosidades, destacando seu protagonismo e autonomia, permite elucidar como essas mulheres compreendem e assumem as avosidades, ressaltando a importância da formação de novas identidades e concepções culturais, a partir do lugar de fala de cada uma.

Para alcançar uma análise completa, estabeleci o seguinte **objetivo geral** para esta investigação: compreender como mulheres idosas vivenciam a avosidade no cenário contemporâneo, utilizando narrativas memoriais para identificar padrões e visões convergentes e divergentes, além de desenvolver conjecturas sobre o tema para o avanço dos estudos. Este objetivo é desdobrado em três objetivos específicos: (a) conhecer as rotinas dessas mulheres em relação à avosidade e como isso se manifesta em seu cotidiano; (b) analisar as realidades, semelhanças e diferenças na avosidade, identificando padrões e visões divergentes para desenvolver conjecturas sobre o tema; e (c) investigar, através de narrativas memoriais, como essas mulheres definem a avosidade e compreendem suas vivências para a construção de uma identidade social.

Deste modo, esse estudo pretende desafiar os padrões estabelecidos e as expectativas tradicionais sobre como essas mulheres "deveriam" viver ou se identificar. No próximo capítulo, como base para compreensão dos dados coletados e analisados, serão explicitados os principais conceitos e autores que dão sustentação teórica para a pesquisa.

4 AS LENTES USADAS DURANTE A CAMINHADA: CONCEITOS E AUTORES

Neste capítulo, são apresentadas e exploradas as categorias conceituais que fundamentam a discussão teórica da tese, bem como direcionam e aprofundam o olhar sobre os objetivos do estudo.

4.1 Mulheres idosas e representações sociais

Para iniciar a discussão sobre mulheres idosas, é necessário problematizar os conceitos de gênero e de velhice de maneira complementar, a fim de proporcionar uma reflexão abrangente sobre o envelhecimento feminino e suas representações sociais na sociedade contemporânea. Conforme destacam Connell e Pearse (2015), é fundamental considerar o conceito de gênero em uma perspectiva ampliada.

A partir de uma divisão biológica entre homens e mulheres, define-se gênero como diferenças sociais ou psicológicas que correspondem a essa divisão, sendo construídas sobre ela ou causadas por ela. Em um uso mais comum, então, o termo “gênero” significa a diferença cultural entre mulheres e homens, baseada na divisão entre fêmeas e machos. A dicotomia e a diferença são as substâncias dessa ideia os homens são de Marte as mulheres de Vênus (Connell; Pearse, 2015, p. 46).

Ao abordar o gênero, considerando uma diferença cultural entre mulheres e homens, deve-se considerar, também, as relações sociais dentro desta discussão em que indivíduos e grupos atuam. Afirmam Connell e Pearse (2015, p. 47): “o gênero deve ser entendido como uma estrutura social”, devendo se desprender da concepção biológica binária, que tende a fixar uma moralidade sobre o caráter humano, e esta acaba se reproduzindo nos padrões sociais conservadores.

Deve-se então avançar essa discussão sobre gênero para além do senso comum:

Com uma estrutura social de um tipo particular que envolve uma relação específica com os corpos, este aspecto é reconhecido no senso comum que define gênero com uma expressão de diferenças naturais entre homens e mulheres [...] O que está errado com a definição do senso comum não é a atenção aos corpos nem a preocupação com a reprodução sexual, mas a tentativa de inserir a complexidade biológica a sua adaptabilidade uma dicotomia rígida, e a ideia de que os padrões culturais apenas expressariam diferenças corporais (Connell; Pearse, 2015, p. 48).

A discussão proposta pelas autoras alerta sobre a necessidade de reflexão sobre a pluralidade teórica que deve abarcar tal discussão, rompendo com a rigidez conceitual. Em nível macrossocial, abordam o quão urgente é, nos rearranjos sociais, a problematização sobre os corpos e a diversidade destes na representação social, no que tange à discussão de gênero.

[...] Não podemos dizer, portanto, que os arranjos sociais simplesmente expressam diferenças biológicas. Podemos dizer, porém, que em todos esses casos a sociedade procura dar conta dos portos e lida com processos reprodutivos e diferenças corporais. Não há uma base biológica fixa para o processo social de gênero. Em vez disso, o que há é uma arena em que os corpos são trazidos para processos sociais, em que nossa conduta social faz alguma coisa sobre diferenças reprodutivas (Connell; Pearse, 2015, p. 48).

Esta concepção provoca a ruptura na concepção do “lidar” com gênero e a urgente ressignificação das questões atreladas ao como a sociedade “lida” com os corpos e desejos, trazendo a necessidade desta discussão para um patamar democrático.

Agora nos é possível definir o “gênero” de forma a resolver paradoxos sobre a “diferença”. O gênero é a estrutura das relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais. De maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as sociedades humanas lidam com os corpos humanos, e as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo [...] (Connell; Pearse, 2015, p. 48).

Frente à esfera coletiva, que pressupõe a pauta em um viés social, econômico e político, os apontamentos das autoras dão destaque para o conjunto de estudos realizados, em que as mulheres são minoria na esfera política e as que chegam a postos de representatividade ficam frequentemente em postos voltados às áreas da assistência social e/ou educação, demarcando uma forte discussão dos papéis sociais esperados e direcionados a serem executados por estas. Em grande medida, é como se o papel de "cuidadora" esperada no âmbito doméstico pudesse ser mais facilmente aceito também no âmbito do trabalho. Em relação ao mundo do trabalho, as autoras Connell e Pearse destacam:

Ainda é majoritária a presença dos homens em relação às mulheres, principalmente em cargos que sejam de gestão, áreas contábeis e

administrativas, no direito e na predominância de profissões técnicas voltadas à computação e às engenharias diversas (2015, p. 33).

Ainda que estes dados das autoras já tenham cerca de uma década e que foquem no contexto americano, tal realidade também é observada no contexto brasileiro. Também marcadas pelo estigma social, das profissões voltadas às áreas domésticas e nas prestações de cuidados. Para que se possa intensificar e relacionar a discussão com o tema da tese, retoma-se à obra “A Velhice”, de Simone de Beauvoir, escrita nos anos 70, quando a autora está vivendo esta fase da vida, e traz aspectos muito relevantes em relação à crítica da sociedade capitalista, no que se refere ao corpo envelhecido e à representação da velhice dos trabalhadores.

Para Beauvoir (1970), a sociedade capitalista, com sua sede pelo lucro e exploração, fortalece a expansão e a conspiração do silêncio em relação à velhice.

Com relação às pessoas idosas, essa sociedade não é apenas culpada, mas criminosa. A velhice surge aos olhos da sociedade como uma espécie de segredo vergonhoso da qual é indecente falar (Beauvoir, 1970, p. 6).

A autora salienta que a economia via lógica da lucratividade usa a vitalidade dos trabalhadores(as) para sua multiplicação e, quando envelhecidos(as), são “jogados fora” (p. 7). A dinâmica ainda é mais perversa aos corpos envelhecidos, pois não possuem potência econômica e não dispõem de recursos para fazer valer seus direitos: “os capitalistas têm todo o interesse em destruir a solidariedade entre trabalhadores e inativos, de modo que estes não sejam defendidos por ninguém” (p. 8). Para a autora, qualquer manifestação de resistência manifestada pelos “velhos” entende-se por escândalos aos olhos dos mais jovens: “é como se o velho tivesse a obrigação de dar exemplo de todas as virtudes[...]” (p. 8).

Junto a este imaginário social sobre a velhice como a fase da vida dos “exemplos”, tem-se, também, a imagem sublimada de que todos que vivem a velhice são “sábios aureolados de cabelos brancos, dotados de rica experiência, veneráveis, pairando muito acima da condição humana” (p. 8) e, quando vistos como contrários a esta representação, quase que angelical, são estigmatizados. Para pensar a velhice com dignidade, Beauvoir, em sua obra, nos motiva a refletir sobre três pontos relevantes: será a velhice um

fenômeno somente biológico? Esta fase é o fim da vida? Podemos entender a velhice via luta de classes? Estes disparadores motivados pela autora auxiliam na reflexão sobre as distintas velhices, tanto em um contexto mundial quanto brasileiro.

Sobre a primeira questão levantada, Beauvoir (1970) salienta que a velhice pressupõe viver mudanças em caráter biológico. O organismo da pessoa passa por modificações, apresentando processos de similitudes, bem como algumas consequências para além das biológicas. Deve-se considerar as mudanças psicológicas, sociais e culturais que esta fase da vida apresenta à pessoa que a vive, ou seja, os seus aspectos multidimensionais: “como todas as situações humanas, ela tem dimensão existencial: modifica a relação do indivíduo com o tempo e, portanto, sua relação com o mundo e com a sua própria história.” (Beauvoir, 1970, p. 13).

Viver a velhice na sociedade capitalista provoca-nos refletir sobre o conjunto de regras e reproduções que estão presentes nesta fase. Simone destaca que se precisa de uma visão crítica sobre as ideologias que tendem a naturalizar os estigmas sociais, também é necessário pautar o “papel do velho na sociedade” e, ainda, ressalta que a vivência deste período da vida humana deve ser elaborada e refletida de maneira diversa, pois afeta a cada um de forma distinta, considerando as incertezas e possibilidades.

É preciso, para além de definições particularizadas, a observação atenta e ampliada sobre como a velhice se manifesta nos coletivos, considerando os aspectos individuais e biológicos, mas também as pluralidades e os multifatores que a cercam e como estes são experimentados. O grande desafio ainda é romper com a segunda provocação colocada pela autora: A velhice como “fim da vida”?

Quando Beauvoir ressalta esta preocupação na introdução de sua obra, menciona um gerontólogo americano e destaca que o mesmo define esta fase da vida como “um processo progressivo de alterações desfavoráveis, ligado habitualmente à passagem do tempo, tornando-se aparentemente após a maturidade a invariavelmente terminando com a morte (1970, p.15)”. Nesta definição, percebe-se a velhice como o caminho para a morte, o que é uma visão bastante estigmatizante e que reforça ainda mais os preceitos da lógica do capital, ou seja, o descarte deste corpo velho, não produtivo, que quando chega nesta etapa da vida só precisa aguardar seu fim.

Assim a palavra “declínio” pode manifestar um sentido preciso e ideológico.

Beauvoir salienta que os pilares da gerontologia, voltados aos aspectos biológicos, psicológicos e sociais, ainda estão arraigados em valores positivistas: “não se trata de explicar por que os fenômenos se produzem, mas descrever sinteticamente, com maior exatidão possível, suas manifestações” (p.18). É urgente debruçar-se sobre as causas que manifestam os fenômenos vividos na velhice, não somente de forma clínica, corpórea, mas nas manifestações socioeconômicas e considerando a diversidade cultural. Para Simone, a velhice não pode ser pensada como algo imóvel, sem fluidez, mas como o resultado de um processo da vida humana e necessita ser pensado na sua totalidade (Beauvoir, 1970).

Sendo a velhice um fato cultural, mas também social e econômico, precisa-se trazer a terceira provocação: Podemos entender a velhice via luta de classes? Salienta: “[...] se a velhice, enquanto destino biológico, é uma realidade que transcende a história, não é menos verdade que este destino é vivido de maneira variável segundo o contexto social [...]” (Beauvoir, 1970, p. 15). Ao longo da história, até o momento contemporâneo, sabe-se que a sociedade de classes determina e condiciona a maneira pela qual as pessoas vivem ou irão vivenciar a velhice. “Existe um abismo entre o velho escravo e o velho eupátrida, um antigo operário que vive de pensão miserável e um Onassis (abastardo)” (Beauvoir, 1970, p. 15). Estas pautas devem ser trazidas na discussão da realidade vivida pela classe trabalhadora envelhecida, pois é muito distinto envelhecer sendo uma trabalhadora rural ou ter seu lócus de trabalho em um espaço urbano, e mesmo na cidade é muito diferente residir na capital ou na periferia.

Também há uma significativa diferença ao tratar de pessoas idosas, brancas, negras ou indígenas, bem como na discussão de gênero e os atravessamentos no acesso a bens e serviços. Dessa forma, a problematização das velhices exige importantes recortes, considerados através do cruzamento de pontos de vista e das experiências vividas. Esses elementos são fundamentais para a discussão sobre patriarcado e feminismo. Piedade (2017) nos convida a refletir sobre as representações sociais das mulheres na sociedade patriarcal ocidental, salientando que nós, mulheres, somos o pecado do mundo: “nós fomos feitas da costela de Adão, o que nos transformou em apêndice, mulheres função-propriedade” (Piedade, 2017, p. 29), destacando, assim, a predestinação posta aos corpos femininos desde seu nascimento. Ainda, essa salienta:

Segundo os textos bíblicos, fizemos Adão comer aquela infeliz maçã e, com isso transformamos a humanidade em “pecadora”, já que a humanidade perdeu o estado de graça que tinha no paraíso e, a partir daí, fomos e somos penalizadas até hoje (Piedade, 2017, p. 29)

Também auxilia a refletir sobre a ordem patriarcal imposta desde a mitologia grega e sobre os pensadores do século XIX até os tempos atuais.

Pandora, a primeira mulher criada por Zeus, era possuidora de uma caixa com todos os males do mundo. Platão afirma que a mulher era a reencarnação de um homem que cometeu muitos erros no passado e voltou à mulher [...] Rousseau disse que temos uma condição esquizofrênica: estamos entre santa e pecadora, porque, segundo o autor [...] a mulher ideal é a que tem o corpo interdito ao prazer-corpo santo (Piedade, 2017, p. 29)

Sobre um contexto atual e brasileiro, destaca:

Esse pensamento ainda é moderno, perpassa e vitimiza mulheres, jovens e meninas em várias culturas. Inclusive na nossa; pois diante do cenário político que vivemos, nosso corpo não nos pertence [...] Esse corpo feminino interdito, da burca, da procriação, não pode ser exposto - esse corpo pertence a Deus! O corpo da luta política, o do prazer, do direito ao nosso corpo, é demoníaco, do mal (Piedade, 2017, p. 30).

Diante desse cenário, é fundamental reconhecer a importância das lutas feministas e de outros movimentos sociais que buscam desconstruir estruturas opressivas. A reflexão proposta pela autora nos convida a questionar e desafiar as normas estabelecidas, promovendo uma sociedade mais justa e igualitária. A busca por justiça social e igualdade de gênero não deve ser vista como uma ameaça, mas como um caminho necessário para a construção de um mundo onde todos, independentemente de gênero, raça ou classe, possam viver com dignidade e respeito. Essa chamada à reflexão e à ação feita na década de 1970 segue atual e necessária ainda hoje, inclusive no contexto brasileiro.

Marcia Tiburi, em sua obra “Feminismo em Comum: Para Todas, Todes e Todos”, aprofunda a reflexão sobre a ideologia patriarcal, discutindo esse conceito de forma cultural e arraigada nas instituições sociais. A autora apresenta o feminismo como uma via de desconstrução desses marcadores, tidos como naturais na sociedade capitalista, machista e classista, que reproduz o racismo, a LGBTfobia e o etarismo, ditando padrões

a partir da perspectiva de uma classe dominante. Destaca, ainda:

Patriarcado é um nome estranho para muitas pessoas que consideram natural a ordem social existente. Ele representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecido que ele é, sob pena de violência e morte. É claro que qualquer sistema de privilégios é feito para que uns usufruam deles enquanto outros devem trabalhar para que o sistema seja mantido (Tiburi, 2021, p. 63).

A ideologia manifestada e reproduzida pelo patriarcado está diretamente atrelada ao machismo. A mesma autora entende esta segunda categoria como “um modelo de ser que privilegia os machos” (p. 66) em detrimento dos demais gêneros. O machismo é permeado de ideologias opressoras e, ao mesmo tempo, encontra-se nas esferas das macro e microestruturas da sociedade, se manifesta na reprodução social, introjetada em homens e mulheres e é uma forma visceral de pensar e atuar, por isso a dificuldade de romper com o mesmo.

Conforme apontam as autoras Da Silva e Nunes (2021), a sociedade em seus moldes convencionais e históricos define o local de ocupação social das mulheres pela divisão sexual do trabalho, determinando os lugares que pertencem aos homens e às mulheres, demarcando, também, os papéis sociais. Salientam que esta lógica reproduzida socialmente delega aos homens os espaços de poder e autoridade em âmbito público, áreas que historicamente foram ocupadas por estes, como espaços de discussão política e manifestação de ideias, ficando estabelecido que as mulheres estariam restritas aos espaços privados, impossibilitando a participação em mobilizações sociais e políticas, reproduzindo, assim, a opressão de gênero.

O patriarcado pressupõe a subordinação das mulheres em todas as esferas, tanto da violência, divisão sexual do trabalho, espaços de poder e tantas outras esferas sociais em que as mulheres estão em desvantagem por causa de um sistema que as coloca em condições de desigualdade (Da Silva; Nunes, 2021, p. 6).

Assim, em uma concepção feminista crítica, entende-se que o patriarcado deixa marcas de suas raízes históricas e conservadoras no cenário contemporâneo, fortalecendo discursos demarcados pela cultura patriarcal que definem comportamentos, desejos e opiniões, delimitando e invisibilizando o protagonismo feminino. Em uma

perspectiva sobre cultura, Chimamanda Ngozi Adichie vai salientar que “[...] a cultura não faz as pessoas. As pessoas fazem a cultura. Se uma humanidade inteira de mulheres não faz parte da nossa cultura, então temos que mudar nossa cultura” (2015, p. 48). Se refletirmos sobre este pensamento, frente à realidade capitalista, entendendo esse sistema como produtor e reproduzidor de manifestações sociais, econômicas, políticas e culturais, é necessário pensarmos como a ordem patriarcal vem atravessando a discussão sobre identidade, em especial aqui, na de mulheres idosas (Motta, 1999). Ao elucidar sobre a temática, salienta-se que, além da identidade de gênero, também se constitui uma identidade geracional, considerando os percursos sociais e as vivências, que são determinantes na forma como se situam na sociedade, de forma distinta a dos homens, principalmente no que tange às possibilidades de maior autonomia sobre suas vidas, liberdade e, com isso, autorrealização e projetos na velhice.

Seguindo, mulheres e homens, essas trajetórias de vida tão diversas, quase paralelas, raras vezes confluentes, somente quando velhos têm encontrado destinos e situações mais assemelhados – aproximados pelo preconceito e pelo cerceamento social – porém jamais idênticas, em situações sempre nuançadas pela condição de gênero (Motta, 2011, p. 14).

A ideologia patriarcal e as condições de gênero conduziram diversas gerações de mulheres, que, hoje, se apresentam com idades mais avançadas, sujeitando-as ao local de domesticidade, ao espaço não público, à inibição ao social e ao sexual (Farias; Cassab, 2015), criando uma cultura de proibições aos espaços de escolaridade, de restrição dos desejos, à tomada de decisão pelos seus corpos e sexualidade, à proibição à vida política e à coletiva, estas que acabaram se inserindo mais tardiamente no mercado de trabalho: mulheres privadas por uma vida toda de acessos a serviços e direitos. Tais condições fizeram com que essas, na velhice, tivessem diferentes trajetórias e experiências de vida (Motta, 2011).

Para que consigamos aprofundar estas abordagens acerca da discussão de gênero, vamos trazer para a discussão sobre a perspectiva interseccional, iniciando um diálogo de aproximação com as velhices femininas.

4.2 A abordagem interseccional e as velhices femininas

A abordagem interseccional é uma ferramenta analítica que permite compreender as especificidades que atravessam as velhices femininas, dando suporte teórico aos questionamentos que envolvem a problemática desta tese. Como aponta Dantas (2021), de forma objetiva, esta ferramenta busca evidenciar e questionar sobre as multiplicidades sociais e culturais de uma sociedade tão complexa.

Como salientam Collins e Bilge (2021), em sua obra “Interseccionalidade”, de forma genérica, a categoria pode ser entendida como

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida quotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária -entre outras- são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2021, p. 15-16).

Desta forma, a interseccionalidade vai dar visibilidade às opressões e às desigualdades sociais vividas por indivíduos e grupos sociais que vivenciam processos de vulnerabilidade social, mas também permite que possamos, através destes pontos de intersecção, problematizarmos e criarmos respostas, formas de resistir, vias de enfrentamento e justiça social.

Para a discussão desta temos como fontes de inspiração os estudos de Nogueira (2017), Akotirene (2019), Collins e Bilge (2021) e, para refletir sobre interseccionalidade e geração, Aquino (2017). A interseccionalidade neste estudo irá permitir entender como as categorias estão interligadas e se manifestam em distintos níveis de desigualdade social, considerando que estes não acontecem de forma isolada, mas tecem um sistema de opressão que resulta em múltiplas maneiras de discriminação e estereótipos (Akotirene, 2019; Nogueira, 2017).

Ao trazer a discussão sobre mulheres idosas e as múltiplas formas de vivenciar a velhice e a avosidade, busca-se compreender as experiências que se atravessam dentre os eixos de opressão nas histórias de vida destas, considerando os distintos territórios, estereótipos e subordinação que intersectam as vidas das participantes (Collins, 2000),

podendo, através de uma abordagem interseccional crítica, localizar as diferenças identitárias, visualizando privilégios sociais e materiais a partir das narrativas memoriais.

Para Nogueira (2017), na discussão sobre a teoria da interseccionalidade, “o gênero não é um componente isolado da identidade pessoal, a identidade é interseccional” (p. 137). Salienta, também, que identidade e gênero são componentes que caminham juntos com raça, classe, orientação sexual, capacidade física e geração e são de suma importância para refletirmos sobre interseccionalidade de identidade. A autora deixa claro que se faz necessário pautamos algumas discussões para além do gênero, quando salientamos “pertencas identitárias” (p. 139).

Nogueira (2017) salienta que a categoria “interseccionalidade” nos permite, para além do entendimento teórico, respostas políticas. Complementa: “a teoria da interseccionalidade tem sido a resposta teórica que tem surgido nos últimos anos dentro dos feminismos como resposta a estas questões de diversidade dentro do grupo das mulheres [...]” (p. 141). Observa que a contribuição deixada por McCall (2005)³ permite entender e problematizar de forma mais abrangente sobre a “teorização feminista antirracista no que diz respeito à questão de identidade e opressão” (p. 142). O legado teórico deixado pela cientista política subsidia a reflexão sobre a necessidade de:

Examinar como as várias categorias (social e culturalmente construídas) integram a múltiplos níveis para se manifestar em termos de desigualdades sociais. Acredita-se que os modelos clássicos de compreensão dos fenômenos de opressão dentro da sociedade, como os mais comuns baseados no sexo/gênero, na “raça” /etnicidade, na classe, na religião, na nacionalidade, na orientação sexual ou na deficiência, não agem de forma independente uns dos outros; pelo contrário essas formas de opressão inter-relacionam-se criando um sistema de opressão que reflete a intersecção de múltiplas formas de discriminação (Nogueira, 2017, p. 146).

A mesma autora, ao se referir aos estudos originários sobre interseccionalidade de Kimberlé Crenshaw, nos anos 80, aponta que

[...] a experiência interseccional é maior do que a soma do racismo e sexismo e qualquer análise que não tome a interseccionalidade em conta não consegue de forma correta ter em consideração as formas particulares de subordinação de muitas mulheres [...] (Nogueira, 2017, p. 149).

³ “Uma das principais teóricas da interseccionalidade” (Nogueira, 2017, p. 141).

Complementa ainda destacando que numa abordagem ou análise interseccional se recusa à “essencialização das categorias” (p. 149), como se todos os componentes de um conjunto social compartilhassem as mesmas vivências, desejos ou características. De forma inversa, defende que a experiência da intersecção denuncia duas ou mais bases de opressão: “multidimensionais e relacionais, nas localizações vividas, das forças sociais e dos sistemas de discriminação e subordinação que se intersectam” (Nogueira, 2017, p. 150). Frente às importantes reflexões trazidas sobre a categoria analítica crítica, a interseccionalidade nos provoca a pensar sobre as vias de opressão vividas pelos corpos femininos e, também, as possibilidades de resistência.

No estudo de Carla Akotirene (2019), “Interseccionalidade”, a autora destaca que a categoria de análise permite que “feministas façam a crítica política a fim de compreender a fluidez das identidades subalternas impostas a preconceitos, subordinação de gênero, de classe e raça e as opressões estruturantes da matriz colonial moderna da qual saem” (p. 38). Também ressalta que “a interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões e combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas [...]” (p. 61). Frente a esta perspectiva, e relacionando com o que autora salienta sobre a experimentação da velhice via discriminação geracional (2019), quando traz:

[...] as discriminações geracionais impostas pelo mercado de trabalho, o qual as consideram velhas; e de classe, porque perdem o dinheiro da aposentadoria para netos e adultos da família, é a marcação de raça que garantirá às mulheres brancas seguridade social, isso pois essas tiveram emprego formal, e a marcação de classe irá mantê-las na condição de patroas [...] para a mulher negra inexistente o tempo de parar de trabalhar vide o racismo estrutural que as mantém fora do mercado formal, atravessando diversas idades no não emprego, expropriadas; e de geração, infantil, porque deve fazer o que ambos - marido e patroa - querem, como se faltasse vontade própria e, o que é pior, capacidade crítica. Independentemente da idade, o racismo infantiliza as mulheres negras. Velhice é como a raça é vivida; e classe-raça cruza gerações, envelhecendo mulheres negras antes do tempo (Akotirene, 2019, p. 26-27).

Refletir sobre as velhices de mulheres pressupõe, assim, a discussão sobre os pontos de intersecção “raça, classe e cidadania”, uma vez que estes vão manifestar opressões vividas na velhice, é urgente, então, a abordagem interseccional para um debate crítico sobre o feminismo em uma sociedade tão desigual. Em consonância, destaca-se a pauta trazida por Aquino (2017), quando evidencia a reflexão sobre “*Geração, gênero, classe e raça: intersecção necessária*”. Em seu estudo, a autora dá

ênfase sobre a urgente relação do envelhecimento humano, em especial de mulheres, pois, para a mesma, existe um “silenciamento do marcador geracional” (p. 6), o que dificulta o fomento de pesquisas e conseqüentemente ações governamentais. Acentua também que se faz necessário pensar esse processo de envelhecer em sociedades desiguais, observando a diversidade das velhices, de forma plural.

O processo de envelhecimento não ocorre uniformemente, os marcadores de gênero, classe e raça também devem ser analisados neste contexto, uma idosa que é pertencente às camadas populares apresentará problemáticas mais complexas em todos os campos de sua vida, em contraponto a mulheres da mesma faixa etária, brancas e pertencentes a classes abastadas, fato que influenciará diretamente no bem-estar e expectativa de vida destas mulheres negras, idosas e vulneráveis (Aquino, 2017, p. 5).

São estas, em sua maioria, as mulheres que estão à frente das diversas responsabilidades com netos(as) e familiares, sendo componentes principais das redes de apoio e mantenedoras dos lares. Desta forma, como não pautar a interseccionalidade, para que possamos aprofundar e conhecer quem são as mulheres que envelhecem na realidade brasileira. Aquino (2017) nos auxilia a refletir exemplificando:

[...] uma mulher negra, idosa e pobre sofrerá com diferente intensidade do machismo em comparação a uma mulher branca e pertencente a uma classe financeiramente abastada, mesmo que idosa. Uma mulher jovem branca sofrerá diferentes opressões que as enfrentadas por uma mulher jovem e negra. Logo, percebe-se que a mulher negra carrega o fardo do racismo aliado ao sexismo, quando idosa esta mesma usuária encontrará, possivelmente, limitações de ordens físicas, psicológicas, ou a soma destas, o que provoca maiores entraves para o atendimento de suas demandas (Aquino, 2017, p. 6).

Desta forma, se faz necessária e urgente a abordagem interseccional crítica, para que possamos problematizar realidades distintas, bem como elaborar formas de resistir a tantas desigualdades, de raça, gênero, orientação sexual, capacidade, cidadania, etnia, nacionalidade, território e geração, pois estes estruturam os terrenos sociais, culturais, econômicos e políticos em que vivemos.

4.3 Relações intergeracionais

Para Motta (1998), refletir sobre as relações intergeracionais pressupõe a discussão

inicial sobre as configurações familiares e as mulheres idosas nesta composição. O retrato que temos, conforme ela salienta, é de um novo desenho familiar, em que há inúmeras mulheres sós, com extenso tempo de vida e faixa etária e ciclos de vida que precisam ser reformulados e replanejados o tempo todo. Ainda para Motta (1998, p. 69):

A família é uma trama de relações sociais as mais básicas, corporificadas em indivíduos que constroem sua identidade de gênero como homens ou como mulheres, de variados grupos de idade que se constituem (ou podem ser vistos) como gerações, e se identificam como crianças, jovens, adultos plenos ou velho.

Este fragmento permite a concepção sobre os membros que podem compor as famílias, bem como a manifestação de suas identidades, as relações etárias, de gênero e de classe.

Nas últimas décadas o jogo de poder entre sexos/gêneros e entre as gerações começou a mudar. Uma consciência cada vez maior, por parte das mulheres, da sua subordinação social, levou-as a se organizarem como grupos, em movimentos feministas, que tiveram o seu caldo de cultura mais propício nas crises e movimentos do final dos anos sessenta, e se fortaleceram ao longo dos anos setenta e oitenta (Motta, 1998, p. 70).

Ao fazermos essa transversalidade em gênero e classe, a mesma autora nos elucida sobre as mudanças no papel social e na identidade das mulheres na reprodução social via movimentos feministas. Intrinsecamente estas transformações também irão provocar mudanças nos arranjos familiares, como bem destaca Motta (1998, p. 71):

A família é o “nosso grupo”, primeiro, primário, fundamental, que é preciso preservar a todo custo da dissolução – mas também dos olhares externos. Por isso, seu estudo, sua observação, sua análise do ponto de vista das relações que a constituem, ou parecem constituí-la, é muito difícil. Relações de gênero (principalmente entre marido e mulher), de gerações (pais e filhos, avós, netos), e intrageracionais (os irmãos) são frequentemente. E não apenas pelo desejo, consciente ou inconsciente, dos indivíduos, de preservar a privacidade do grupo; também porque essas relações são carregadas de ambiguidade, nas suas contradições entre afetividade e poder/dominação, ou entre afetos polares, que podem não ser claros até para os que os vivenciam.

Dando maior ênfase às relações intergeracionais, como bem destacado pela autora, estas estão imbricadas, entre pais e filhos, e aqui, em destaque, entre avós e netos. Estas “ambiguidades”, entre afetos e desafetos, destacam a importância do papel social

assumido e protagonizado pela pessoa idosa nos contextos familiares, sendo central nesta discussão sobre avosidade. Desta forma, podemos refletir sobre a pessoa idosa, autônoma, que, muitas vezes, exerce o papel protetivo e provedor das gerações mais novas, ainda quando empobrecida e a contraposição da pessoa idosa dependente econômica e/ou fisicamente que acaba tendo uma desimportância para a sua família, dentro de uma lógica do capital.

Existe uma grande diversidade vivida pela pessoa idosa, em especial mulheres idosas empobrecidas. Para que consigamos refletir sobre isso, precisamos pautar as condições sociais, de sexo, gênero, orientação sexual, acessibilidade, renda, classe, questões étnicas raciais e aspectos objetivos e subjetivos.

A heterogeneidade de situações que os idosos vivem, de acordo com suas condições sociais – principalmente de classe e sexo/gênero – e a subjetividade possível, é evidente que essas duas situações bem diferenciadas existem e coexistem (Motta, 1998, p. 73).

Em consonância à discussão que Motta (1998) nos elucida, para Beauvoir (1970), a simbologia da pessoa idosa carente e frágil é predominante no sistema capitalista: uma imagem ambivalente, que situa, mais uma vez, o idoso sendo sempre o outro. Ademais, o que muitas vezes fica escondido é que no cenário contemporâneo temos pessoas idosas e principalmente mulheres que ocupam papéis sociais de manutenção das relações econômicas e sociais, que são de extrema importância. Conforme destaca Motta (1998):

Os mais velhos, inclusive os das classes populares, estão sendo frequentemente arrimo (pelo menos parcial), da família, até abrigando, em casa, filhos e netos, ou mantendo-os muito próximos. Mesmo porque, ao contrário de outros membros mais jovens da família, muitos idosos têm uma renda certa, por pequena que seja (p. 74)

Frente ao recorte de gênero e renda, a autora (1998) realça que os homens realizam a contribuição via suas aposentadorias, que é fruto do trabalho realizado. Já mulheres com idades mais avançadas, com pouca participação no mercado formal, irão contribuir de forma econômica via pensões de viúvas e de forma informal com seu trabalho doméstico, muitas vezes desvalorizado socialmente. Outro importante fenômeno é

inverso a muitas literaturas e à ruptura com a lógica do “ninho vazio”, pois estes estão cada vez mais cheios e populosos, como Motta aponta: “com a retomada dos filhos para a casa dos pais idosos, a responsabilização judicial dos avós guardas e provedores das pensões” (p. 75). Juntamente com esta nova configuração, observa-se o aumento significativo das famílias monoparentais, chefiadas por mulheres, “uma tendência recente, ensejada pela maior longevidade das mulheres (casos de viuvez), mas também pelo aumento do número de separações dos casais” (p. 75).

Outro importante contexto que vem se tornando bastante comum, muitas vezes desejado ou não pelas pessoas idosas, é o morar sozinho. A velhice não sendo vivenciada de forma inerte, “[...] não poderia ser compreendida senão em sua totalidade; ela não é somente um fato psicológico, mas também um fato cultural (BEAUVOIR, 1970, p.18). Como nos desperta a provocação, a referida autora ressalta que nada é mais previsível e inesperado ao mesmo tempo quanto a velhice.

Realizando um salto histórico, mas não desvinculando dos contextos familiares e geracionais, destacamos uma importante pesquisa realizada por Neri (2020), que retrata o início da pandemia de Covid-19, intitulada: “*Onde Estão os Idosos? Conhecimento contra a Covid-19*”, a qual foi divulgada no site da Fundação Getúlio Vargas, no mês de abril. Os dados destacam a configuração familiar e os mantenedores dos lares brasileiros, como podemos perceber neste fragmento: “os idosos são as pessoas de referência ou os chefes de família de 19,3% dos domicílios. Na relação que ocupam com a pessoa de referência da casa, eles são 91,5% dos avós, 69% dos sogros ou sogras e 61,2% dos pais ou mães”.

As autoras Teixeira e Rabelo (2021, p. 45) destacam alguns fatores que podem estar atrelados aos dados acima:

Filhas solteiras que podem engravidar e residir com os pais, as gestações infantojuvenis, separação ou divórcio dos filhos(as), viuvez dos avós, que passa a coabitar com os filhos, ou a permanecerem mais com eles, desemprego dos filhos, fator que leva estes a voltarem a residir com os pais [...].

Também devemos considerar a realidade de avós que passam a cuidar de seus netos para que os pais se voltem aos compromissos profissionais. Este apoio é fornecido pelos avós muitas vezes por terem algum tipo de estabilidade financeira ou

disponibilidade de maior tempo, exercendo apoio afetivo e acompanhamento educacional. O rearranjo familiar com novas responsabilidades realizadas pelos avós é um tema atual em estudos recentes. Estes vínculos de aproximação entre gerações manifestam a avosidade.

O século XXI tem sido denominado em alguns contextos como o século dos avós (Cardoso, 2011), desvelando uma intensa e complexa relação entre netos e avós, manifestado pelo protagonismo, dando um novo formato ao processo de envelhecimento, fortemente ligado às relações sociais e familiares, conforme Teixeira e Rabelo (2021). São múltiplos os papéis que executam: são cuidadores, provedores e pais dos pais; realizam apoio afetivo, social e financeiro para com seus vínculos familiares.

Para Cardoso e Brito (2014), há diversas formas de manifestação deste apoio. Existem os avós que se responsabilizam por tempo indeterminado e/ou determinado dos netos, os que possuem convivência de final de semana e aqueles que os encontram de forma esporádica. São plurais as formas, como os vínculos e as periodicidades se manifestam. Assim como as múltiplas representações da avosidade, conforme apontam Teixeira e Rabelo (2021), a maior e mais intensa responsabilização dos avós com seus netos foge do aspecto romântico que esta prática pode soar, vinculado às ficções até então conhecidas. Muitas vezes os avós desempenham funções no contexto contemporâneo que ultrapassam ações de menor responsabilidade, se tornam os atores centrais no apoio afetivo, material, na formação, no auxílio e na construção de suas personalidades perante a sociedade.

É notória a importância do aprofundamento sob a discussão conceitual da avosidade e a sua manifestação na sociedade, pois este construto começa a fazer maior ressonância na contemporaneidade, devendo ser mais explorado e pesquisado pelas ciências sociais, para que possamos abordar as representações sociais culturais e identitárias e como estas estão diretamente interligadas às relações geracionais e familiares.

4.4 Avosidades e memória social

A possibilidade de aproximação e aprofundamento em referenciais teóricos me possibilitaram a ampliação conceitual e o conhecimento de novas percepções sobre o

conceito de avosidade. Os estudos sobre a avosidade ganham maior visibilidade no âmbito acadêmico a partir dos anos 80. Dias (2008) destaca que nos anos 60 já existiam reflexões sobre a relação entre avós e netos. Neste período, o papel dos avós estava muito relacionado às práticas recreativas. Já nas décadas de 70 e 80, os estudos sobre a temática ganham um sentido voltado às relações e aos contextos familiares, dando dimensão às funções dos avós como suporte financeiro, afetivo e nos cuidados gerais. Nos anos 90, os estudos se voltam para a representação social destes, no que tange ao apoio social em momentos de dificuldades familiares.

Os avanços nas pesquisas e o debate acadêmico e sociocultural permitem que a representação da avosidade não esteja mais atrelada ao imaginário social de pessoas dependentes, inertes em suas cadeiras de balanço, em posse de jornais, cachimbos e agulhas de tricô (como muitas vezes representadas nas histórias infantis). As mudanças que ocorrem também nos arranjos familiares, com a saída da mulher para o mercado de trabalho, com as lutas feministas, trazem uma nova configuração de viver esse momento da vida.

Muitas avós, no século XXI, considerando um recorte de classe, gênero e escolaridade, são pessoas adultas, não necessariamente são idosas, e que dirigem seus automóveis ou ocupam os transportes públicos e levam os netos à escola ou acessam à internet com (ou sem) ajuda. São as múltiplas faces do processo de envelhecimento humano e do viver a avosidade. Para Ramos (2011), uma pessoa pode ser avó aos 30, 50 ou 70 anos, com ou sem companheiro, morando próximo ou longe dos netos, com condições de saúde diversas, estando ou não aposentada, exercendo sua vida profissional, participando ou não dos cuidados ou cotidiano dos netos.

No contexto contemporâneo, observamos avós de todas as gerações, que acabam exercendo diversos papéis na sociedade e nos núcleos familiares (Oliveira, 2011). Por essa razão, é comum que avós que cuidam por tempo integral ou passam grandes períodos envolvidos nos cuidados dos netos despertem sentimentos ambivalentes em relação à tal função. Podem encontrar satisfação ao oferecer benefícios aos netos, como trocas de experiências, carinho e atenção, mas também ônus com o estresse físico e emocional.

Falcão (2012) frisa que nos anos 2000 foram realizadas pesquisas sobre os avós

como responsáveis pelo provimento familiar e como cuidadores dos netos. Essas trazem a transição do desenvolvimento dos anos 90, as funções e os papéis dos avós na contemporaneidade, a troca de uma imagem mais autoritária para a de maior afetividade. Então, para maior compreensão e discussão frente a essas mudanças citadas, destaca-se a conceituação sobre o termo avosidade.

O termo “abuelidade”, que tem sido adotado em português como avosidade, foi criado em 1977 por Paulina Redler, objetivando dar visibilidade à figura dos avós, que estava incluída na estruturação psíquica individual e familiar. A partir de seus estudos sobre psicogerontologia, foi possível a ampliação da visão biológica para além da idade cronológica ao realçar os laços de parentesco que exigem da pessoa idosa em um novo contexto pessoal, psíquico, familiar e social, do “ser” avô/avó (Redler, 1986). Conforme Coltro (2021, p. 59), o conceito também pode ser entendido:

Em suma, a noção de abuelidade e principalmente a exatidão do vínculo e a importância social das relações entre avós e netos é um fenômeno relativamente recente, ligado ao desenvolvimento da Gerontologia e dos direitos dos idosos, bem como ao fenômeno do prolongamento da vida humana. O papel da avó, que está ligado à transmissão de conhecimento geracional do passado e das origens, mantendo uma relação com os netos menos tensas por suas relações de autoridade com seus pais, [...] desempenha uma função essencial no processo de transmissão intergeracional; processo e ligado ao dar construção de identidade. Embora as conceituações de abuelidade na teoria e prática psicanalítica de cada sujeito de qualquer idade e, particularmente, no domínio da chamada “terceira idade” tenham sido introduzidas na Argentina pela autora supracitada, a palavra ganhou notoriedade pública a partir da transcendência e compromisso social, das avós da “Praça de Maio” (Coltro, 2021, p. 59).

Os estudos de Goldfarb e Lopes (2006) destacam que a definição de avosidade vai além da simples consideração da idade cronológica ou do papel social. Eles enfatizam a importância das transmissões das funções materna e paterna para as próximas gerações. Freitas *et al.* (2006) complementam essa perspectiva, argumentando que os laços de parentesco se manifestam nas filiações trigeracionais, em que as funções dos avós dependem da aceitação ou não dessas funções. Nessa conjuntura, com o objetivo de identificar como o conceito de avosidade tem sido representado na literatura científica brasileira e incentivar novas perspectivas, foram elaborados dois quadros conceituais. Esses quadros abrangem publicações dos últimos dez anos, incluindo livros, capítulos

de livros e artigos de periódicos classificados pela CAPES, os quais estão disponíveis nos apêndices (APÊNDICE E e APÊNDICE F, respectivamente).

Outrossim, no íterim destas discussões, alguns autores também caracterizam os estilos de avós. Cherlin e Furstenberg (1985) indicam que existem as avós companheiras, vinculadas ao contato mais afetivo e informal, com relações de convivência mais estreitas com os netos, permeadas por cumplicidade e afeto. Também existem as avós “tiranas ou distantes”, sendo com características mais formalizadas e reservadas nos vínculos com os netos, e as avós “envolvidas”, que são aquelas que estabelecem disciplina e limites.

Nos estudos de Hagestad *et al.* (1985), destacam-se quatro formas de classificação das avós: aquelas que são presentes e harmonizam as situações difíceis familiares; as que ocupam papéis de proteção da família e estão sempre disponíveis em caso de situações urgentes; as árbitras, que negociam e preservam a família; e as que assumem posturas conservadoras sobre a biografia da família, as transmissoras e guardiãs da memória e da herança das tradições.

Nos estudos de Oliveira (2011), são retratadas as classificações das avós contemporâneas. Existem as avós "encarregadas" pela criação de seus netos, que muitas vezes substituem as figuras maternas e paternas, e as avós "passivas", que participam de atividades específicas na vida dos netos com menor convivência e responsabilidade diária. Também há aquelas que não possuem relações de convivência com os netos. O termo "avosidade" busca abranger as condições de ser avô ou avó na atualidade, independentemente de classificações, considerando as implicações sociais e psicológicas envolvidas nesse processo.

Essa nova dinâmica reflete os avanços demográficos, como o expressivo aumento da longevidade humana e, conseqüentemente, o maior número de famílias extensas com diversas gerações convivendo. As relações entre avós e netos(as) têm se tornado mais frequentes no núcleo familiar, prolongando-se além da infância dos netos, chegando até à adolescência e à fase adulta.

Com a visibilidade aumentada, o interesse da sociedade em problematizar as funções dos avôs e avós nas relações familiares tem crescido significativamente. Esse fenômeno tem impulsionado um aumento das pesquisas acadêmicas sobre a relação entre avós e netos, além de intensificar a atenção à figura das avós, devido às diversas

posições que assumem no contexto das relações familiares. Como indicado anteriormente, pelas classificações apresentadas na literatura, há uma diversidade de avós, em que, por exemplo, algumas são provedoras, aproveitando uma boa condição financeira para ajudar filhos e netos, enquanto outras dependem de auxílio financeiro, evidenciando a diversidade dessa fase da vida.

Para aprofundar os temas relacionados às relações de avosidade, é essencial estabelecer uma conexão com a discussão sobre memória e identidade social, destacando que estas estão intrinsecamente ligadas às vivências e às lembranças que permeiam tanto questões individuais quanto a vivência coletiva. A memória social, em consonância com a avosidade, é construída coletivamente através das trocas de saberes e lembranças que os indivíduos/avós compartilham e rememoram. Neste mesmo dinamismo, impactado pelo tempo e espaço, a identidade social é continuamente formada e transformada, permeada por similitudes e diferenças vivenciadas e interpretadas por indivíduos e grupos sociais.

Os estudos de Halbwachs (2004) auxiliam nesta reflexão, destacando que o sujeito que recorda é um indivíduo complexo e atravessado por construções coletivas e por grupos de referência. Além disso, a memória é uma construção grupal, em permanente disputa, que envolve também uma construção individual. Esses conceitos de memória e identidade dialogam diretamente com a vivência da avosidade, sendo esta experiência vivida de forma individual/particular, mas também trazendo semelhanças e construções coletivas. A autora Ângela Mucida vai destacar de forma complementar que a memória

[...] se constitui de marcas que não se apagam, e que ao mesmo tempo nem sempre podem ser lembradas, ou totalmente lembradas. Não tem relação direta com os fatos, nas impressões e lembranças que retornam encontram-se a forma de cada um perceber, interpretar, imaginar ou assimilar as experiências vividas (Mucida, 2009, p. 85).

Destaca, ainda, que existem três características que se entrelaçam na definição da memória: “os traços marcados das experiências vividas, pensadas, sentidas ou imaginadas, a força da impressão desses traços e os efeitos do tempo sobre eles.” (Mucida, 2009, p. 85). Aqui a autora se refere à memória no campo subjetivo, considerando a intensidade e os efeitos destes marcadores. Ainda irá destacar que:

A memória é marcada por impressões arcaicas que não morrem, apresenta-se por algumas impressões como odor, som, gosto, textura ou vestígios que reescrevendo experiências passadas e dando-lhes uma sensação de atualidade-entrelaça o passado com o presente e o futuro, como se o tempo que passa deixasse de imperar (Mucida, 2009, p. 86).

Esses aspectos observados remetem à impressão de que o tempo não apaga as lembranças e que estas são retomadas via impressões cotidianas. A autora vai apontar, no subitem “Memória nos tempos atuais”,

A importante reflexão acerca da “desvalorização da história, da tradição e da memória” e complementa trazendo que “se tudo deve passar rápido, se a história não tem importância e se a experiência não é válida, inaugura-se uma barreira contra a retenção e a atualização da memória. A memória necessita de um intervalo, de um tempo para que algo seja retido [...]” (Mucida, 2009, p. 87).

Essa reflexão dialoga diretamente com outros autores do campo da memória social, como o já citado Halbwachs (2004), na relação memória e esquecimento, bem como ao deixar claro o quanto as memórias são dinâmicas. No trecho acima, a autora salienta a importância do tempo para que as memórias sejam retidas e rememoradas, quando disparadores subjetivos se manifestam e a necessária ruptura com a lógica da fluidez das histórias, pois a memória pressupõe trajetória.

A história não se apaga, as marcas não se desfazem no tempo, mas sofrem a incidência do temporal, tudo o que passa no decurso do tempo. Cabe a cada sujeito encontrar maneiras de incluir sua diferença, oferecendo novas versões disso que da memória jamais se apaga. Não é possível anular o presente e viver do passado, pois ele jamais retorna de forma como foi vivido, mesmo se pelas lembranças permaneça intacto (Mucida, 2009, p. 89).

Completa trazendo que a memória não é apagada, mas que os sujeitos que as possuem buscam formas de reviver com novas interpretações.

As lembranças sofrem também os efeitos das fantasias, das novas inscrições e do sentido que o sujeito dá depois aquilo que retorna. A memória não é, portanto, uma reprodução exata dos fatores ocorridos. É impossível reproduzirmos as vivências; estas sofrem distorções das fantasias e da passagem do tempo (Mucida, 2009, p. 91).

A memória não precisa ser apresentada de maneira idealizada, pois, ao longo dos anos, atribuímos novos significados à nossa trajetória e escolhemos, não apenas de

forma objetiva, o que queremos ou não recordar. Essas memórias vão sendo processadas tanto individualmente quanto coletivamente.

Para Gondar (2016, p. 81), a memória social “não pode ser formulada em moldes clássicos, sob uma forma simples, imóvel, unívoca. Pensamos ao contrário, que se trata de um conceito complexo, inacabado em permanente processo de construção”. Desta forma, a memória coletiva pode ser entendida como um construto histórico, composto por um abstrato de informações a uma coletividade, a um indivíduo, a um tempo e a um lugar, que se constitui intrinsecamente a partir das memórias, estas tanto particulares, vivida na individualidade, quanto em processo de interação social, contidos, também, na vivência da avosidade.

Para Halbwachs (2004), o papel da memória social consiste em pensar os grupos sociais e a reprodução da memória do passado no viés coletivo. Esta memória versa sobre sentimentos de identidade, que possibilita a identificação dos coletivos, realizando a distinção dos demais. Assim, compreende-se que a memória social pode ser entendida como as circunscrições do passado que permanecem ativas na vida social dos grupos e, ao mesmo tempo, preocupa-se com o que estes grupos fazem com este passado. São os traços do passado que suscitam ações futuras. Nos estudos de Halbwachs (2004), pode-se entender que a memória compõe a identidade entendendo a construção da identidade como um reflexo das construções coletivas que um grupo cria ao longo do tempo histórico.

Pollak (1992), em seu artigo "Memória e identidade social", aborda importantes reflexões sobre as concepções de memória e sua relação com a identidade social. Observa que, como já defendido por Halbwachs, a memória deve ser entendida não somente no campo individual, mas no coletivo e social. Pollak (1992) ainda destaca que a memória é constituída dos acontecimentos vividos de forma individual, íntima e no coletivo, grupal.

Ainda sobre a definição de memória, o autor salienta que ela se apoia em um tempo cronológico e em lugares. Sobre o segundo aspecto, traz que os lugares da memória estão interligados a lembranças pessoais e que conjuntamente são atravessadas pelo tempo, o que pode ser perfeitamente relacionado ao momento ao qual uma pessoa se torna avó, quando fica sabendo da novidade ou até mesmo quando acompanha o

nascimento de seu neto(a), existe um tempo, dia, ano e lugar, mas também as diversas sensações e sentimentos; as lembranças daquele fato.

Este mesmo acontecimento cria inúmeras projeções, que estão relacionadas aos eventos vivenciados pelos indivíduos, aqui pelas avós. Os vestígios dos fatos ocorridos trazem inúmeros significados para o evento e, com isso, uma série de expectativas. Ao mesmo tempo, dentro da definição da memória, Pollak (1992) destaca que a memória é seletiva: lembramos das ocorrências conforme o grau de importância e significados, que “nem tudo fica gravado” (Pollak, 1992, p. 203).

Sendo a memória, então, um fenômeno composto de elementos individuais e coletivos e permeado de acontecimentos que são herdados, pode-se relacionar este conceito com o de identidade. Conforme refere Pollak (1992, p. 204), a identidade pode ser “a imagem que tem de si, para si e para os outros”, a representação de si, que constrói com o passar do tempo, e que manifesta no coletivo. Pode-se destacar:

A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si (Pollak, 1992, p. 204).

A relação entre memória e identidade possibilita a construção de uma identidade coletiva manifestada em sociedade. Segundo Pollak (1992), as identidades coletivas envolvem todos os investimentos que um grupo deve fazer ao longo do tempo, incluindo o trabalho necessário para proporcionar a cada membro do grupo, seja ele familiar ou nacional, um sentimento de unidade, continuidade e coerência.

Pode-se perceber que todos os autores do campo de memória social citados reforçam o quanto o conceito de tempo está entremeado nos conceitos já discutidos. Logo, é preciso refletirmos um pouco mais sobre o conceito de tempo para aprofundarmos as discussões e compreensões de nossa realidade. Elias (1998) explora a noção de tempo como um conceito que não é fixo ou natural, mas que evolui e se constrói através das práticas e interações humanas. Ele argumenta que a percepção do tempo é uma construção social que reflete a organização e a estrutura das sociedades ao longo da história. Assim, tanto a memória quanto o tempo são fenômenos interligados e moldados pelas dinâmicas sociais e culturais, permitindo às sociedades dar

continuidade e novos significados às suas experiências coletivas.

A construção da identidade coletiva está, portanto, interligada à forma como é representada aos outros em um determinado tempo social. Um exemplo disso é o processo de tornar-se avó: este evento na vida de uma mulher atravessa inúmeras lembranças das memórias herdadas, destacando a vivência enquanto neta e a reprodução de um imaginário social. Esse imaginário frequentemente determina qual identidade uma avó deve ter, impondo padrões normativos que geram uma série de estereótipos sobre essa figura. A memória coletiva, ao moldar e reinterpretar essas experiências, contribui para a formação de uma identidade coletiva que é tanto individual quanto social, em constante disputa e atualização, refletindo a complexidade das interações humanas e o papel fundamental das relações familiares na sociedade.

A discussão de memória e a identidade social dão essência para refletirmos sobre o papel social das avós e a avosidade na contemporaneidade, pois são valores que estão em disputa nas relações interpessoais e geracionais.

Em seus estudos, Woodward (2014) frisa que a identidade assume uma série de elementos a serem considerados. Afirma, por exemplo, que a “identidade é relacional [...]” (p. 9), só se define enquanto identidade por ter uma outra diferente e essa apresenta condições para a primeira existir. Pode ser pensada na situação de mulheres idosas que são avós e as que não são, uma vez que existe uma relação para as identidades se manifestarem, bem como o mesmo autor também defende: “A identidade é marcada por meio de símbolos”, manifestações e reproduções esperadas destas identidades, como uma forma estereotipada, muitas vezes, como é o exemplo da simbologia da avó das histórias infantis.

Conforme afirma o autor, a identidade está “vinculada a condições e materiais” e que “Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isto terá efeitos reais porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais [...]” (Woodward, 2014, p. 14). A própria avosidade pode estar inserida nesta discussão, como se todas as mulheres idosas devessem ser avós e/ou sentirem-se realizadas com esta vivência, como o mesmo autor comenta, ao destacar a maternidade e a identidade estigmatizada como “biologicamente fundamentada”. No entanto, é preciso entender que as identidades se constituem por meio de processos de transformação, e, em meio às

resistências em busca de permanência, existe de fato fluidez e transitoriedade. Isso permite compreender que há uma espécie de movimentação da identidade, entendendo esta como não fixa.

Dentro desta discussão, Woodward (2014) vai mencionar um importante conceito, bastante articulado à forma como podemos pensar a avosidade ou a identidade das avós, quando traz a representação entendida:

A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e a aquilo que somos. Podemos inclusive sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar [...] A representação [...] estabelece identidades individuais e coletivas [...] (Woodward, 2014, p. 18).

Ainda sobre as representações, o mesmo autor observa as simbólicas e sociais: “somos constrangidos, entretanto, não apenas pela gama de possibilidades que a cultura oferece, isto é, pela variedade das representações simbólicas, mas também pelas relações sociais” (p. 19). Estas reflexões permitem pensar a identidade atravessada por manifestações ora subjetivas e individuais, ora coletivas e construídas socialmente. O que, por muitas vezes, a sociedade, dentro da lógica capitalista e globalizada, acaba moldando essas identidades individuais e grupais, gerando uma reprodução de identidades ideais estereotipadas e fantasiosas, como é o caso, se pensarmos a avosidade somente experimentada por mulheres que são idosas, desconsiderando a diversidade deste fenômeno, tanto etário quanto econômico, étnico-racial e cultural.

Quando Stuart Hall (2014) nos questiona "Quem precisa de identidade?", ele nos leva a perceber que não podemos mais falar de uma única identidade, mas sim de "identidades", que estão em constante transformações. Ele salienta sobre um novo entendimento, frente à desconstrução das perspectivas conceituais e culturais em torno desse conceito, criticando a visão de uma identidade "integral, originária e unificada" (p. 103). Segundo Hall (2014), a identificação surge do reconhecimento de algo em comum dentro das características compartilhadas em grupos. Esse processo, que promove o "pertencimento cultural" e rompe com "as diferenças superficiais" (p. 108), é fundamental. Hall destaca que "as identidades nunca são unificadas" (p. 108), mas sim mutantes,

plurais e transitórias. Quando consideradas no contexto coletivo e manifestadas na sociedade, essas identidades representam um ato de poder e resistência.

Em suma, no próximo capítulo, será apresentado o percurso metodológico, o qual foi balizado pelos conceitos que foram aqui discutidos.

5 DESCREVENDO OS PRINCIPAIS PASSOS: CAMINHO METODOLÓGICO

Como procedimento metodológico, inicio destacando que este estudo parte do conceito de "lugar de fala", desenvolvido e problematizado por Djamila Ribeiro. Justifico o uso desse conceito para propiciar, através das entrevistas, a voz das avós. Ribeiro (2019) ressalta que o espaço coletivo não é determinante de uma consciência única discursiva sobre esse lugar de fala, mas o lugar que representamos socialmente nos faz ter vivências diversas e inúmeras compreensões. A partir dessa reflexão, surge a pergunta: quem é ouvido com a devida atenção nesta sociedade? Ao analisarmos a conjuntura da população brasileira, nos deparamos com as minorias políticas, aqui me refiro à representatividade, e não à menor relevância social. Os grupos marginalizados ainda são invisibilizados nos espaços políticos e, como resultado, menos ouvidos.

Nesse contexto, a abordagem interseccional é uma ferramenta analítica crucial para compreender as especificidades que permeiam as velhices femininas, que ainda que não possam ser enquadradas como marginalizadas, mas são invisibilizadas, oferecendo suporte teórico aos questionamentos levantados nesta tese. Seguimos a linha de Collins e Bilge (2021), as quais definem a interseccionalidade como a investigação de como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais e as experiências individuais em sociedades diversas. Essa abordagem considera que categorias como raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária

estão inter-relacionadas e moldam-se mutuamente, ajudando a entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. A combinação do conceito de lugar de fala com a abordagem interseccional permite dar visibilidade às vozes das avós e compreender as múltiplas dimensões de suas experiências, estando deste modo alinhada aos pressupostos desta tese.

Ademais, cabe salientar que o conceito de lugar de fala nesta perspectiva, conforme Ribeiro (2019), vai na contracorrente, da ordem social vigente que reproduz a hierarquia dos poderes, fazendo com que trajetórias vividas e vozes destes grupos sejam consideradas como inferiores, reproduzindo o lugar de silêncio. Desta forma, a metodologia aqui utilizada considera a ideia do lugar de fala como central, tendo como objetivo dar visibilidade a mulheres idosas - um grupo social muitas vezes calado por uma sociedade patriarcal, machista e etarista - sendo fundante para determinar as ferramentas de coleta de dados como seguirei discutindo.

Em consonância com esta opção político-teórico-metodológica, ainda me pautei por duas autoras renomadas como fonte de inspiração para o delineamento metodológico: Rosina Duarte (2012) e Ecléa Bosi (1994). A escrita de Rosina Duarte destaca-se por ser “porta-voz para que esse mundo feminino não se perca nas brumas de uma história protagonizada por homens” (2012, p. 10). Seguindo o exemplo de Rosina e Ecléa, escolho, de forma genuína, prazerosa e íntima, ouvir, rememorar e recontar histórias. Este ato é tão antigo, singelo e necessário quanto às próprias relações humanas contidas neste estudo.

Desta forma, este estudo configura-se como do tipo descritivo de cunho qualitativo. Assim, pretende-se promover a reflexão sobre questões comuns e distintas vividas pelas participantes, a partir de suas narrativas sobre avosidade. Para Minayo, Deslandes e Gomes (2002), o(a) pesquisador(a) é um mediador(a) essencial nesse processo, garantindo a qualidade da pesquisa.

Os autores destacam que a pesquisa qualitativa foca nos aspectos específicos do objeto de estudo, valorizando a diversidade de significados nas trajetórias de vida e os aspectos subjetivos dos indivíduos. Isso permite ao(a) pesquisador(a) aprofundar-se nas relações, processos e fenômenos vividos pelos entrevistados(as), revelando-os de forma mais intensa.

Saliento também que os juízos sobre as verdades trazidas nos registros narrados não são pontos de grandes preocupações, tal como Ecléa Bosi nos esclarece: “A veracidade do narrador não nos preocupa: com certeza seus erros e lapsos são menos graves em suas consequências que as omissões da história oficial” (1994, p. 37). Diante disso, o que me importou foi a tranquilidade e os pontos de destaque que as entrevistadas escolheram narrar, bem como se identificaram nesta vivência, quais atividades realizam e o que as aproxima e as difere das demais avós.

5.1 Participantes da pesquisa: um jardim colorido com raízes

A seguir, irei descrever quem foram as mulheres que permitiram esta tese se materializar, a partir de suas narrativas sobre os diversos olhares e formas de viverem as avosidades. Para iniciar esta apresentação, irei lembrar os critérios usados para a seleção destas avós/mulheres/flores, que deram cor e aroma a esse mosaico/narrativa/jardim.

Para realizar esta pesquisa, submetemos o projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade La Salle (CEP Unilasalle), após a fase de qualificação da tese, tendo sido aprovado com o número de Certificado de Apresentação de Apreciação Ética (CAAE) 65888022.5.0000.5307. Temos como população mulheres com 60 anos ou mais que sejam avós, da qual foi definida uma amostra de dez participantes. Os fatores que as incluíram na amostra foram: serem mulheres idosas e avós, com idade comum ou superior a sessenta anos, residirem na cidade de Porto Alegre (RS) e terem em sua caminhada a vivência da avosidade. Então, ficando excluídas participantes que não eram mulheres idosas e avós, com menos de sessenta anos de idade e que não residiam em Porto Alegre (RS).

A amostra não probabilística, sendo embasada por um viés dos conceitos de lugar de fala e de interseccionalidade, pode ser classificada como por quota (Cozby, 2003), uma vez que se buscou respondentes com características não homogêneas, visando ouvir as perspectivas das diferentes representatividades de interesse.

Ao todo foram entrevistadas dez avós, com distintas características, no que tange à cor, à renda e à escolaridade, fatores escolhidos para contemplar uma maior

diversidade de acessos e vivências. Algumas destas mulheres possuem raízes de convivência entre si e com a pesquisadora, seis delas eram participantes da antiga e extinta⁴ Escola de Artes da AFM, local que possuía mais de 50 anos de história, a qual era vinculada à Associação dos Funcionários Municipais de Porto Alegre (AFM), um espaço que ofertava cursos de artesanato, onde pude atuar enquanto assistente social por quatro anos.

A busca por entrevistá-las teve o intuito de dar continuidade a fatores percebidos durante a pesquisa de mestrado, que discutiu o apoio social, e agora de dar uma nova ênfase, voltada às vivências das avosidades. Saliento também que estas mulheres possuem características e vivências diversificadas, aspectos que conversam com os objetivos desta tese.

A escolha por esse grupo também está correlacionada ao que Ecléa Bosi afirma: “uma pesquisa é um compromisso efetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito de pesquisa” (1994, p. 38). Neste espaço, pude construir vínculos de confiança e afeto, por se tratar do local onde realizei minha pesquisa do mestrado e atuei profissionalmente. Assim, a amostragem também poderia ser classificada como por conveniência, e se justifica, pois o foco não estava na quantidade de números amostrais, mas nas narrativas, no registro em voz e no lugar de fala das participantes, valorizando a forma, o detalhamento e a intensidade com que relataram suas vivências. As demais participantes escolhidas foram selecionadas na perspectiva de amostragem por quotas indicada anteriormente, a partir da busca por complementar a maior diversidade, algumas das quais foram indicadas pelas seis mulheres inicialmente selecionadas.

5.2 Explorando o jardim: instrumentos e processos de coleta de dados

Chegamos na coleta de dados, tão aguardada, e que sempre gera apreensão. Mas por que afirmo isso? Vou explicar. Neste ponto, já havia desenhado toda a estrutura do que queria pesquisar, mas não tinha certeza se esse formato alcançaria os objetivos propostos. Essa é a sensação que sempre tenho ao chegar nesse estágio, em que o

⁴ A Escola de Artes da AFM não está mais em funcionamento, desde 2020, por questões financeiras devido à Pandemia de Covid 19.

desafio de colocar a pesquisa em prática desacomoda. E foi exatamente assim que ocorreu comigo, um misto de sentimentos envolvendo realização, prazer, angústia e inseguranças.

Após definir a amostra do estudo, realizei contato prévio com algumas participantes da antiga Escola de Artes por telefone e WhatsApp, apresentando a proposta e fazendo o convite. Após aceitarem participar, agendamos um dia e horário de comum acordo. A coleta de dados foi realizada em uma sala sublocada no centro de Porto Alegre, proporcionando silêncio, conforto e comodidade adequados para a entrevista gravada, além de fácil acesso para as participantes.

Durante as entrevistas, à medida que fazia as perguntas, precisei ser objetiva no que queria saber sem influenciar as respostas, muitas vezes reforçando que “*não existe certo ou errado, é como você percebe*”. Esse estado de alerta é necessário ao usar perguntas abertas para garantir que não nos afastemos da proposta metodológica desenhada.

Todos os preceitos éticos foram preservados. Esclareci de forma didática a justificativa e os objetivos do estudo, bem como cada etapa da entrevista. Este cuidado é essencial para que os participantes se sintam acolhidos e participantes do processo. No dia da coleta, apresentei o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (APÊNDICE B) e realizei uma leitura explicativa para tornar o processo mais simples e acolhedor, tirando dúvidas e garantindo a aceitação informada das participantes. Elas tiveram total liberdade sobre os registros de suas lembranças e a opção de não participar, se assim desejassem.

A coleta de dados começou após a leitura do TCLE, com o esclarecimento dos objetivos da pesquisa e dos demais informes necessários. Após os esclarecimentos iniciais, expliquei a estrutura da entrevista e os procedimentos para a captação dos dados, iniciando a coleta. Todas as entrevistas foram gravadas em áudio, o que foi crucial para não perder detalhes durante a conversa. As transcrições foram realizadas por uma profissional, totalizando 503 minutos (8h e 38min) de entrevistas transcritas. Depois, iniciei a releitura dos dados para começar as análises.

As entrevistas semiestruturadas foram escolhidas por sua abrangência e flexibilidade, permitindo uma análise mais profunda sobre determinados assuntos. A

interação entre entrevistador e entrevistado possibilita respostas mais espontâneas, favorecendo uma troca mais afetiva (Boni; Quaresma, 2005, p. 8). Assim, a entrevista semiestruturada proporcionou uma reflexão mais livre e a exposição das participantes sobre o fenômeno pesquisado, dando ênfase às suas percepções, às atitudes e aos comportamentos.

Para isso, as entrevistas foram divididas em duas partes: a primeira abrangendo dados sociodemográficos (APÊNDICE C), que apresentaram a diversidade das participantes; e a segunda composta por perguntas abertas em profundidade (APÊNDICE D), que serviram como ponto de partida para suas narrativas. No quadro a seguir (Quadro 1), destaco as perguntas que conduziram as entrevistas, essenciais para a coleta de dados, orientando a formulação de blocos temáticos.

Quadro 1 - Objetivos e perguntas disparadoras para as entrevistas

Perguntas abertas em profundidade
<p>ROTINAS:</p> <p>Quais tarefas executa relacionadas ao papel de avó? Como se sente realizando estas? Explicar sobre. Quantos netos(as) você possui? Fale um pouco sobre eles(as). Quais as idades? Percebe mudanças na rotina após se tornar avó? Como identifica? Explicar.</p>
<p>AVOSIDADES:</p> <p>Em qual ano se tornou avó? Como foi esse primeiro contato? Como se sente sendo avó? Explique. Como é sua relação com os netos(as)? Explicar sobre. Na sua opinião, existem partes boas de ser avó? Explique. Na sua opinião, existem partes ruins de ser avó? Explique. Como definiria ser avó hoje? Explique.</p>
<p>PERCEPÇÕES:</p> <p>Como você se define enquanto avó? O seu entendimento/sentimento de ser avó mudou com o passar do tempo? Explique. Como você observa suas amigas e familiares exercendo o papel de avó?</p>

Fonte: Elaborado pela autora (2024)

Importante destacar que as perguntas deste roteiro foram formuladas de forma bastante clara e objetiva, sendo um instrumento bastante útil para a consulta durante a entrevista. No entanto, a formulação exata depende sempre do fluxo da conversa. Um exemplo foi o de que, ao perguntar sobre "partes ruins de ser avó", já na primeira entrevista, ficou claro que seria uma formulação que não traria respostas. Afinal, a palavra "ruim" traz uma carga muito forte que levou a entrevistada a negar qualquer ponto negativo, ao supor, ainda que de forma não verbalizada, que qualquer resposta indicaria que ela não gosta de ser avó. Nas entrevistas subsequentes, ao fazer a pergunta usando termos como "dificuldades" ou "desafios", o diálogo fluía sem temores inconscientes de julgamento, ainda que o teor da resposta fosse o mesmo esperado, isto é, quais partes de ser avó não eram boas.

5.3 Análise dos dados

Acredito que para todos(as) que se debruçam a pesquisar algum tema ou fenômeno, a parte mais desafiadora, após a definição dos objetivos e da coleta em si, é a análise dos dados. Ao menos para mim, o nível de dificuldades se manifestou assim. Neste momento, a tese já tinha corpo e estava dando frutos, e os sentimentos de alívio e angústias seguiam me acompanhando.

Então, vou descrever um pouco como tudo isso se desenhou. Quando começo a releitura das narrativas, em papel impresso com canetas coloridas e olhar atento, inicio os destaques das partes mais importantes do que foi dito para cada uma das doze perguntas feitas, o que me refiro a "mais importantes" aqui diz respeito ao que está relacionado aos objetivos do estudo. Então, convenhamos que é bem desafiador retirar partes de um todo muito interessante, mas se fez necessário.

Com os textos grifados, comecei a realizar a transcrição das falas em uma escrita única, a qual identificava cada uma das participantes, usando nomes de flores previamente escolhidos por elas, trazendo suas histórias na forma de uma narrativa linear, sobre suas vivências e percepções sobre avosidades. O uso da transcrição aqui tem o objetivo de recriar de forma mais criativa e objetiva os pontos centrais das perguntas que foram realizadas, sem perder os sentidos das narrativas.

Realizada cada transcrição das narrativas, estas eram enviadas pelo whatsapp

particular e/ou entregue em material impresso para as participantes, com o objetivo de validar as informações relatadas e a sua máxima veracidade. Após ajustes, quando necessários e logo a confirmação de poder publicizar a narrativa, iniciava a construção dos mapas mentais sobre as avosidades. Então, para cada transcrição era criado um mapa que representa as percepções sobre o tema, como serão apresentados mais adiante. Esta representação auxilia aos leitores(as) do estudo a compreensão mais ampla do fenômeno, pois permite, após a leitura da transcrição, retomar os pontos centrais.

Também foi considerada, na representação dos dados, a identificação demográfica, para isso foi construído um quadro com o enfoque quantitativo das seguintes características: idade, cor, escolaridade, estado civil, naturalidade, ocupação atual, origem da renda, rendimento, tipo de moradia, bairro e com quem residem as entrevistadas. Esses dados permitiram tornar visíveis as diversidades das participantes.

Para analisar as falas trazidas nas entrevistas, foi utilizado o método de análise de conteúdo descrito por Bardin (1977). Desta forma, realizei a pré-análise dos dados. Primeiro, os dados foram organizados conforme o contato inicial com o material coletado. Em seguida, foi realizada uma "leitura flutuante" para permitir uma maior aproximação com o conteúdo absorvido durante as entrevistas. Nesta fase, iniciei a formatação e seleção dos tópicos para as transcrições.

Após a realização das transcrições e da criação dos mapas, observei as categorias emergentes, o que exigiu uma sistematização. Esta foi baseada no tema central "avosidades", surgindo categorias correlacionadas às perguntas dos objetivos específicos. Em seguida, foram construídos os núcleos de sentido, baseados nas narrativas das participantes, que fundamentaram a discussão das categorias com o referencial teórico escolhido.

A fase da análise e do tratamento dos dados permitiu dar significância ao estudo, lendo, relendo, criando e recriando sentidos. Por meio das falas coletadas e dos contrapontos feitos, junto à revisão bibliográfica, obtive dados justificados, dando visibilidade a novas interpretações da realidade. Um caminho desafiador, mas que possibilita inúmeras aprendizagens. Logo, são estas realidades com plurais sentidos que veremos a seguir.

6 QUEM SÃO AS FLORES DESTE JARDIM? DADOS SOCIODEMOGRÁFICOS

A escrita que segue é composta pela representação dos resultados do estudo. Inicialmente realizei um quadro (Quadro 2) que sistematiza o perfil das flores deste jardim. Após isso, discorro sobre alguns aspectos das narrativas transcritas e transcriadas a partir das entrevistas concedidas pelas participantes. Destaco aqui que os nomes de flores contidos no quadro e nas demais partes da tese foram escolhidos pelas próprias participantes, conforme suas preferências, e também como forma de preservar o sigilo de suas identidades.

Neste ponto da tese, já ficou clara a minha opção pelas metáforas e alegorias relacionadas a flores e jardins. Vários motivos, conscientes e inconscientes, levaram a escolha em particular do uso de flores como pseudônimos. As flores frequentemente são usadas para simbolizar amor, feminilidade, beleza, mas também o efêmero, o fugaz e a força (ou agressividade dos espinhos). Nessa busca por uma poesia no cotidiano, com um recorte de nossa sociedade, criamos juntas um jardim, onde existe espaço para todas nós, que por vezes somos jardineiras, por vezes flores, e sempre únicas e relevantes.

Quadro 2 - Dados sociodemográficos das entrevistadas

Part	Idade	Cor ⁵	Escolaridade	Estado Civil	Naturalidade	Profissão exercida	Ocupação atual	Origem da renda	Renda ⁶	Tipo de moradia	Bairro reside	Com quem reside
Tulipa	69	branca	Ensino Sup. Incomp.	Viúva e Separada	Porto Alegre	Protética Dentária	Artesã	pensão	De 4 a 5 SM	Própria	Medianeira	Com filho
Amor perfeito	63	parda	Ensino Médio Compl.	União Estável	Santa Maria	Securitária da Caixa Econômica Estadual	Do lar/ aposentada	aposentadoria	De 3 a 4 SM	Própria	Vila Jardim	Com marido e filha
Flor de maio	69	preta	Ensino Médio Compl.	Divorciada	São Borja	Comercí-ria/trabalhou no comércio	Estudante doutrina espírita/vendedora autônoma e auxilia nos cuidados da neta	aposentadoria e pensão	De 2 a 3 SM	Própria	Jardim Itú Sabará	Sozinha
Orquí-dea	73	preta	Ensino Sup. Compl. Artes Industriais	Divorciada	Porto Alegre	Professora magistério	Inativa/Do lar	aposentadoria	De 3 a 4 SM	Própria	Parque dos Maias	Sozinha
Violeta	69	branca	Ensino	Casada	Porto	Professora	Bióloga	Aposen-	De 4	Própria	Pedra	Com

⁵ Como cada participante se autodeclarou em relação a sua cor.

⁶ Valor do salário mínimo (SM) nacional (R\$1320,00) de julho a novembro de 2023, período de realização das entrevistas.

		ca	Sup. Compl.		Alegre	ra de Biologia	autônoma, aposentada e voluntária	tadoria e rendimentos de trabalho (por demanda)	a 5 SM		Redonda	mari- do
Margari- da	87	preta	Ensino Fund. Incompl.	Viúva	Porto Alegre	Doméstica Camareira e Costureira	Do lar	Aposent adoria e pensão	De 1 a 2 SM	Cedida/ herança	Vila Jardim	Com filha, genro e neto
Giras- sol	65	bran- ca	Ensino Fund. Incompl.	Casada	Porto Alegre	Caixa em mercado e doméstica	Do lar	aposent adoria	1 SM	Própria	Santo Antônio	Com seu mari- do
Flor de hibisco	61	bran- ca	Ensino Médio Compl.	Viúva	Porto Alegre	Funcioná- ria Pública Municipal	Doula, educado- ra perinatal e profa. yoga	Renda trab. e aposent adoria	De 4 a 5 SM	Alugada	Jardim Carva- lho	Com o filho adulto
Rosa	72	preta	Ensino Médio Compl.	Divorcia da	Porto Alegre	Funcioná- ria pública estadual Agente Adm.	Aposenta da/ do lar	aposent adoria	De 2 a 3 SM	Própria	Resting a Nova	Sozi- nha
Lavan- da	66	preta	Ensino Fund. Compl.	Solteira	Porto Alegre	Doméstica	Aposenta da e diarista	Aposent adoria/ pensão e rendimentos de trabalho (diarista)	De 1 a 2 SM	Em amortiza ção	Belém Novo	Sozi- nha

Fonte: Elaborada pela autora (2024)

Conforme os dados demográficos das entrevistadas, podemos observar que a média de idade é de 69,4 variando dos 61 a 87 anos de idade. Referente à autodeclaração em relação a sua cor, 5 se autodeclararam pretas, 1 parda e 4 brancas. Sobre o nível de escolaridade, este foi bastante diverso: percebemos que 4 possuem o ensino médio completo, 2 ensino fundamental incompleto, 2 ensino superior completo, 1 ensino superior incompleto e 1 ensino fundamental completo.

Em relação às profissões que exerceram, estas foram variadas - funcionária pública, comerciária, doméstica, professora entre outros - e geralmente tendo exercido mais de uma função ao longo da vida.

Sobre a ocupação atual, nem todas indicaram estarem sem ocupação. De fato, também nesta fase da vida apresentaram uma diversidade grande de ocupações e acúmulo de mais de uma função. Além de aposentadas e do lar, foram indicadas ocupações como: diarista, artesã, estudante, vendedora, doula e bióloga.

Frente à naturalidade destas mulheres, observamos que 8 são de Porto Alegre (RS), 1 de São Borja (RS) e 1 de Santa Maria (RS). Em relação ao estado civil atual das participantes: 3 são divorciadas, 3 viúvas, 2 casadas, 1 possui união estável e 1 solteira.

Em relação ao tipo de moradia, 7 participantes possuem casa própria, 1 reside de aluguel, 1 possui apartamento em amortização e 1 reside em terreno de herança familiar. Das entrevistadas, 4 residem sozinhas, 3 moram com filhos, 1 com marido e filha e 2 com marido. Dentre os bairros que residem, estes variam: Restinga Nova, Medianeira, Belém Novo, Pedra Redonda, Vila Jardim, Jardim Itú Sabará, Santo Antônio, Parque dos Maias, Jardim Carvalho e Vila Jardim. Destaca-se que estes bairros compreendem a distintas regiões dentro da capital, que vão desde o Extremo Sul até a Zona Norte da cidade.

A renda⁷ atual é bastante variada também, os dados mostram que 3 das participantes recebem de 1 a 2 salários mínimos, 3 recebem de 4 a 5 salários, 2 ganham de 2 a 3 salários mínimos e 2 de 3 a 4 salários mínimos. Em relação à origem destas rendas, estão aposentadoria, pensão e rendimentos de trabalhos que seguem realizando.

Esses dados destacam a diversidade de experiências e contextos de vida das entrevistadas. As informações coletadas evidenciam uma ampla variedade nas vidas das

⁷ Valor do salário mínimo nacional (R\$1320,00) de julho a novembro de 2023, período de realização das entrevistas.

participantes, isso inclui diferenças em aspectos como idade, cor, escolaridade, profissões, ocupações atuais, naturalidade, estado civil, tipo de moradia, bairros de residência e renda.

Essencialmente, os dados mostram que as entrevistadas têm origens, trajetórias e situações pessoais bastante diferentes umas das outras. Essas diferenças ajudam a entender melhor a complexidade e a riqueza das experiências vividas por cada uma, ilustrando como cada indivíduo tem uma história única e distintas circunstâncias de vida.

7 QUANDO FLORESCEM AS AVÓS: NARRATIVAS SOBRE AVOSIDADES

Como se estivéssemos em um jardim, caminhamos pelos corredores das suas memórias, de modo que cada narrativa tem aroma, cores e formas singulares, refletindo nuances de suas vivências. Aqui desdubro-me na desafiante arte de transcriar as entrevistas realizadas com as participantes. Não apenas (re)conto suas histórias, mas também as transformo em mapas visuais do que foi capturado, a essência de suas experiências. É importante salientar que todas as transcrições foram cuidadosamente revisadas e aprovadas pelas entrevistadas antes de sua disseminação aqui, garantindo uma representação autêntica e respeitosa de suas memórias narradas.

Durante este processo criativo, mergulhei nas obras de Conceição Evaristo, "Insubmissas lágrimas de mulheres" e "Canção para ninar menino grande". Ambas as leituras me desacomodaram, desafiando-me na captura dos relatos. Esses textos não apenas me confrontaram, mas também ofereceram um sopro de alívio ao enfrentar a complexa tarefa de transpor o vivido para o escrito.

Evaristo nos provoca reflexões profundas sobre a natureza da narração e sua relação com a realidade:

Desafio alguém a relatar fielmente algo que aconteceu. Entre o acontecimento e a narração do fato, alguma coisa se perde e por isso se acrescenta. O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda mais o fosso [...] (Evaristo, 2011, apresentação).

Ademais, ela continua destacando a complexidade da escrita:

Contudo, a escrita me deixa em profundo estado de desesperação, pois a letra não agarra tudo o que o corpo diz. Na escrita faltam os gestos, os olhares, a boca entreaberta de onde vazam ruídos e não palavras. No registro da letra também falta o tremor do choro e o rasgo do riso. A fala suspensa foge da escrita. E mais, a grafia não registra a intensidade de um silêncio intervalar, diante de um renovado estado de estupor, vivido na hora das lembranças. Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude, pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória, imaginem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência. Agarrar a vida, a existência, escrevê-la em seu estado de acontecimentos [...] (Evaristo, 2022, p. 9).

Com esses pensamentos em mente, convido todos(as) a conhecerem estas histórias transcriadas e os mapas criativos a seguir, numa jornada que busca honrar a complexidade e a profundidade destas experiências extraordinárias. O critério utilizado para a apresentação das narrativas seguiu a mesma ordem estabelecida no quadro demográfico, sendo essa organizada conforme a sequência em que as entrevistas foram realizadas.

7.1 Tulipa

Tulipa é uma mulher branca⁸, de 69 anos, divorciada, que possui ensino superior completo⁹. Exerceu a profissão de protética, área da odontologia, e atualmente sua ocupação é a de artesã, sua renda provém da pensão do ex-marido, rendimento de 4 a 5 salários mínimos¹⁰. Reside em um apartamento próprio, no bairro Medianeira, na cidade de Porto Alegre, com seu filho adulto.

Salienta ter duas netas, uma com 7 anos de idade e outra com 1 ano. Em relação ao ano que se tornou avó, menciona que foi em 2016, mas que a notícia foi dada por sua filha em 17 de julho de 2015. Neste momento, relata que a novidade lhe trouxe um misto de sentimentos. Assim, Tulipa expressa:

[...] Foi um misto de muita alegria e tristeza, pois eu estava separada do pai dela e não podia compartilhar emoções e sentimentos dos mais variados possíveis, desde expectativa, curiosidade, felicidade e preocupação. Alguma coisa mudou em mim e não sei explicar, amor aumentado e gratidão por vivenciar novas transformações em minha vida.

Sobre os detalhes do momento vivido, relata: *“Finalmente, após quase 9 meses, me tornei avó de verdade de uma linda menina, em 2 de março de 2016. A primeira impressão que tive ao vê-la através de uma janela de vidro no Hospital é que ela era a cara do pai dela [genro]”. Em relação à chegada da segunda neta, salienta que “a segunda netinha, é a cara de meu filho caçula, pai dela.”. Menciona que possui uma*

⁸ Como cada participante se autodeclarou em relação a sua cor, com base no questionário aplicado pelo IBGE.

⁹ Tulipa, informa que cursou a graduação de Relações Públicas, por 1 ano.

¹⁰ Valor do Salário-Mínimo Nacional (R\$1320,00) de julho a novembro de 2023, período de realização das entrevistas.

relação muito boa com sua nora e filho, que está disponível para quando precisarem dela; que se sente gratificada com os afazeres relacionados às netas, que cansa, pois não tem mais o pique dos seus 20 ou 30 anos, mas que, ao mesmo tempo, é algo muito bom, que as horas passam voando.

Sobre o contato que possui com as netas, destaca que, com o passar do tempo, sente mais gratidão pela vivência de ser avó. E quando se refere a esses momentos, destaca que a neta de 7 anos é muito parecida com ela, “*eu volto a infância porque eu vejo ela fazendo coisas que eu fazia com minha avó paterna e materna também, ela é muito cuidadosa, prestativa, carinhosa e muito arteira*”. Referente a sua segunda neta, destaca que essa ainda é muito pequena, ainda um bebê, mas que a percebe muito “*risonha, é muito carinhosa*”.

Tulipa se define como uma avó “*presente, não metida [...] uma avó que na dúvida sempre pergunta, [...] por exemplo, eu tô na dúvida se pode comer amendoim. Eu não vou dar amendoim, eu vou primeiro perguntar*”. Reforça que é uma parceira nos cuidados e regras estabelecidas, ao mesmo tempo que é muito afetuosa, mas segue a linha de educação estabelecida pelos filhos. Salienta “*sou muito amorosa [...], mas nada de ficar passando a mão na cabeça*”.

Quando questionada sobre o entendimento e sentimento de ser avó, se esse mudou com o passar do tempo, refere que é “*um amor que vai crescendo [...] de gratidão a Deus*”. Destaca sentir-se “*abençoada pela possibilidade de se tornar avó*”.

Sobre a percepção e as trocas que realiza com amigas que também exercem o papel de avó, a mesma destaca que conversam referente às dificuldades que suas amigas possuem com as suas noras, em relação às debilidades que as crianças têm (intolerâncias à lactose ou glúten), o que, ao mesmo tempo, faz ela agradecer por suas netas não terem nenhuma. Salienta que todas, mais ou menos, amam os seus netos/as, que querem o bem, “*uma não se mete na vida da outra e quando a gente, às vezes, tem alguma dificuldade, a gente troca ideias*”. Destaca que suas netas ainda são pequenas, que talvez venha a ter mais desafios quando chegarem na puberdade.

Em relação às tarefas que executa, informa que estão mais relacionadas com sua neta de 7 anos, quando precisa levar ou buscar na escola, ou quando a filha possui algum compromisso. Destaca que, estando juntas, *“utilizam o tempo desenhando, fazem pulseiras, colares, coisas que a neta gosta de fazer”*, e que leva a neta para os lugares que precisa. Já com sua neta mais nova, os cuidados são voltados à alimentação, ao auxílio na higiene e rotinas. *“É cuidar de um bebê enquanto os outros estão trabalhando”*. Sobre a frequência das atividades com a neta de 7 anos destaca realizar semanalmente, buscar e levar na escola, e com a neta mais nova é quando vai na casa do filho e nora, pois residem em um bairro próximo e ela fica algumas tardes. Destaca que com a neta menor acaba se cansando mais, no aspecto físico, *“Tem que ter energia [...] é aquele negócio de ficar sentada no chão e toda hora levanta e cuida para não se machucar”*.

Tulipa destaca que percebe algumas mudanças na rotina após se tornar avó, no que se refere a sua autonomia, *“A gente não é mais tão dona do seu nariz, mas isso é uma coisa que a gente tem que aprender a dizer não, estou começando a conseguir fazer isso”*. A entrevistada refere-se aqui em relação aos pais da neta mais velha e à necessidade de maiores limites. *“Mas eu vejo assim que, às vezes, eu quero fazer algumas coisas e eu não posso. Então, eu vejo minha agenda, conforme eu procuro conciliar as coisas, de não ser um estorvo. Se realmente não dá, daí sou sincera e falo”*.

Tulipa complementa sua fala frente às mudanças, destaca que atualmente é muito diferente para viajar com sua neta de 7 anos, pois sozinha sem companhia sente-se insegura para sair do município e ir até o litoral, por maiores responsabilidades e preocupação. *“Agora eu digo para minha filha, eu sozinha lá é uma coisa, digamos que eu fosse com o avô, junto [...] é uma questão de responsabilidade, não porque não queira, eu tenho que ser realista [...] não fico sozinha com neto algum, se tu tá junto, beleza, seja quem for, beleza. Agora, eu sozinha não”*. Reforça que é diferente de quando tinha o avô junto. Também salienta que sentiu mudanças no aspecto financeiro, *“Em termos de gastos [...] é bastante despesas, a gente não mede esforços para ajudar, [...] se é realmente uma coisa que necessita, eu ajudo. Tudo que eu posso, às vezes eu fico até esgualpada, mas ajudo”*.

Quando questionada sobre como se sente sendo avó, Tulipa informa que feliz, e complementa: *“abençoada, é um privilégio. É um amor, que se renova. É um ressurgimento, um renascimento. Coisas que a gente estava esquecida e de repente assim, tu vê né?, mas...olha só (ri). É muito gratificante.”*.

Sobre a forma como se relaciona com as netas, destaca que é tranquila e prazerosa. *“A gente aproveita ao máximo os momentos que tem, que não é sempre, né?”*. Também salienta que em momentos é necessário fazer combinações com a neta de 7 anos, referente à alimentação. E que com a mais nova ainda não tem essas questões.

Ao ser questionada sobre as partes boas de ser avó, Tulipa informa que *“A parte boa é assim...de massagear o coração, de ver que tudo vale a pena, que a vida tá, que eu estou deixando frutos. Que é uma história muito bacana”*. E sobre as partes ruins ou desafiadoras, ressalta que estão relacionadas a situações de doença, ou algum machucado, ou frente a algum problema financeiro. *“Mas eu encaro assim, como faz parte da vida [...] procuro focar na solução, não no problema.”*

Quando provocada a voltar lá no ano de 2016, quando se tornou avó, e pensar no presente sobre como se define sendo avó hoje, relatou que identifica um amadurecimento, uma avó mais *“dona de si”, “menos fragilizada pela situação”* [separação]. *“Eu procuro ver o lado bom das coisas, não o lado ruim. Mas eu vejo assim, que, como avó, eu tô me aprimorando”*. Ainda destaca que tem desejo de logo poder ter mais netos, e complementa: *“Ser avó é uma dádiva de Deus. É um presente que Deus nos dá, em poder retribuir tanto amor e receber esse amor. Basta aqueles olhinhos ali, olhando para a gente. Assim: 'Vó eu te amo'. Ahhh, meu Deus. É bom demais.”*

Figura 1 - Mapa: A avosidade para Tulipa



Fonte: Elaboração da autora (2024).

7.2 Amor Perfeito

Amor Perfeito é uma mulher parda¹¹, de 63 anos, que possui uma união estável, e ensino médio completo. Exerceu a profissão de Securitária da Caixa Econômica Estadual, e atualmente sua ocupação é do lar e aposentada, sua renda provém de sua aposentadoria, com rendimentos de 3 a 4 salários mínimos. Reside em uma casa própria, no bairro Vila Jardim, na cidade de Porto Alegre, com sua filha adulta e o marido.

A entrevistada salienta ter 6 netas, mas ter maior aproximação com uma delas, a de 3 anos, por ter pouca convivência com as demais. Amor Perfeito relata que as netas são todas de coração (sem relação consanguínea), pois são dos(as) filhos(as) do seu marido, de outro relacionamento. Relembra que recebeu a seguinte notícia: “*nasceu sua neta do coração*”, mensagem do filho mais novo do seu companheiro, e complementa: “*então, eu acho que é minha neta mesmo*”, referindo-se à neta de 3 anos, que nasceu

¹¹ Como a participante se autodeclarou.

em 2020.

Sobre o contato com as netas, ressalta que é mais frequente com a de 3 anos, “*ela vai lá em casa, a gente brinca*”, e que as netas de 4 e 6 anos estão morando no Canadá, não tendo muito contato, somente quando estão de visita no Brasil, “*aí vão lá em casa, a gente faz as comidinhas que elas gostam e brinco*” [relata episódio de brincadeira no pátio, durante o verão¹²]. Destaca que possui outras duas netas de 4 e 15 anos, possuindo uma convivência mais eventual, “*o pouco contato é assim: quando vai em um domingo a um churrasco, aí chegam lá em casa assim, também me chamam de vó*”. Um contato de domingo, mais pontual. Com sua neta de 1 ano, destaca não ter convivência.

Assim, a relação de proximidade se dá com a de 3 anos, com mais frequência e afetividade. Destaca que se visitam, e que algumas vezes fica com ela, para sua mãe fazer algo, “*às vezes ela deixa ela comigo, para fazer alguma coisa, daí cuido dela*”. Sobre como se define avó, afirma que “*custou para cair a ficha que sou avó, não conseguia dizer ‘vem com a vó’, achava estranho me considerar avó, mas com ela, né?! Ela quem vem*”. Amor Perfeito informa que abraçou o papel de ser avó e, quando questionada sobre como se define, destaca que ainda não consegue fazer definições sobre, “*tem horas que eu me sinto vó, tem horas que não sei se eu sou, é difícil*”.

Sobre o sentimento e entendimento de ser avó, relata que “*só caiu a ficha*” com a neta de 3 anos, foi quando se sentiu avó, “*mais vó que no início*”. Ressalta que foi a neta quem lhe caracterizou como avó, “*ela me assumiu como vó, me deu esse papel*”. Amor Perfeito diz observar mudanças, identifica como “*uma coisa de outras vidas*”, confirma que a mudança se deu na intensidade da relação, “*eu acho que vai ficando cada vez maior*”.

Quando questionada como observa outras amigas ou familiares exercendo o papel de avós, menciona que as avós estão diferentes, se comparadas com as de antigamente, destaca:

Agora as avós...os filhos estão deixando os netos mais com as avós, deixam dormir na casa, se for sair para a balada, para jantar de noite, eles deixam na vó. Deixam para dormir e só pegam no outro dia; as crianças viajam com as avós; e antigamente não... parece que éramos mais apegados com os filhos, parece que a gente não deixava com ninguém - eu pelo menos era assim, imagina eu deixar

¹² Neste momento mostra fotos do álbum que levou no momento da entrevista.

o meu filho viajar, mesmo que seja com a vó.

Complementa que nota que as avós gostam deste papel, pois possuem mais contato com os netos. Quando é questionada se acha que com ela é diferente, salienta que *“procura ser diferente”, “cada um tem seu papel”,* que o papel de avó é *“levar no domingo para passear na pracinha, levar um dia no cinema, no shopping, mas não assumir, assumir o papel de mãe e vó, ao mesmo tempo”*. Destaca sobre a necessidade de deixar os filhos terem o papel de pai e mãe, e não *“a avó assumir os dois papéis, de mãe e vó”*. Acrescenta que *“tão largando e saí, parece que tão largando tudo para a vó, se puder deixa para a vó”*.

Em relação a como se sente no papel de avó, menciona que avó não pode deixar os netos fazerem tudo, destaca os limites. *“Acho que só porque é avó não pode deixar comer doce, antes da comida, ou deixar fazer o que quer”*. Sobre as atividades que realiza materializando esse papel, salienta que vão de atividades cotidianas da casa, *“vamos lá molhar as plantinhas, plantar, colher coisas na horta”*, até atividades recreativas, *“A gente pega uma folhinha, faz letrinhas, ou ler com ela, bota um filminho, vai cantando junto, lendo...”*. Em relação a atividades voltadas à alimentação, ressalta não ter muitas, pois a neta *“come de tudo”*. Amor Perfeito ainda destaca que quando a neta dorme em sua casa, auxilia com a mamadeira, ou quando não consegue dormir, mas que busca fazer tudo com horário certo, para não fugir da rotina da neta. E informa *“Eu adoro. Eu adoro crianças, principalmente ela...”*

Sobre perceber mudanças na sua rotina após se tornar avó, ressalta que não observa sobrecarga, não percebe grandes mudanças, mas destaca que sim, que acaba tendo mais tarefas, sinaliza:

Uma coisa é fazer comida pro marido, pra filha, aí vem uma nova integrante...você tem que fazer uma comida diferente, esfriar, né?! Botar menos comida, em um pratinho menor, colher menor, tudo isso muda um pouquinho.

Mesmo com estes pequenos cuidados, destaca ser algo prazeroso, que existem mudanças em relação à atenção e aos cuidados com riscos, como deixar sozinha, próximo ao fogão ou a outras coisas que podem machucar. Contudo, mesmo assim, sente-se feliz e realizada ao exercer o papel de avó, destaca: *“Porque é um inocente, um*

pedacinho de gente, é um serzinho, que está ali precisando do teu cuidado, do amor, da tua atenção. Tá pedindo né, teu conforto, teu carinho". Amor Perfeito ressalta que a relação com a neta é de afetividade, "*minha relação é de amizade, amorosa, de cumplicidade*", define essa como uma relação de "*neta e vó*".

Sobre os desafios que percebe, ou partes ruins em ser avó, Amor Perfeito não informa nenhum. Relata achar que não tenha, salienta: "*vó é mãe com açúcar, porque vó é a parte boa, né?*". E complementa: "*Ser mãe já é bom, ser avó é melhor ainda...ainda mais assim, que só vai ver no final de semana, só a parte boa. Ir passear na pracinha, brincar, assistir televisão*". Salienta que só percebe partes boas sobre a sua vivência, "*é muito bom*".

Ao nos encaminharmos para o fim da entrevista, a última pergunta foi sobre: "O que é ser avó na atualidade?"; e para Amor Perfeito, conforme os contatos que possui, percebe que as avós estão "*tendo um outro papel: avó e mãe ao mesmo tempo: porque acho que os filhos estão deixando tudo para a avó. Largadas as crianças*". E quando questionada, sobre como se percebe, destaca: "*Eu, vó, quero ficar só com a parte de levar na pracinha, de levar no shopping, brincar, essa parte.*"

Figura 2 - Mapa: A avosidade para Amor Perfeito



7.3 Flor de Maio

Flor de Maio é uma mulher negra, de 69 anos, divorciada, possui ensino médio completo. Exerceu a profissão de comerciária¹³ e atualmente sua ocupação está voltada para estudos da doutrina Espírita, vendedora autônoma e auxiliar nos cuidados da neta. Sua renda provém da aposentadoria e pensão, com rendimentos de 2 a 3 salários mínimos. Reside sozinha em um apartamento próprio, no bairro Jardim Itú Sabará, na cidade de Porto Alegre.

A entrevistada frisa ter no momento da entrevista 1 neta, mas destaca que está aguardando o nascimento de um casal de netos gêmeos, que o nascimento de sua neta foi em janeiro de 2019. Ao relatar sobre como foi esse momento, informa que “*durante toda a gestação foi algo inexplicável, foi uma benção grandiosa*”, pois as responsabilidades com os netos são diferentes dos filhos, assim “*fica mais livre para curtir a barriguinha, pra conversar com os bebês e após quando chegam, meus Deus! Não tenho nem palavras para classificar a felicidade do momento e da vida, porque a minha neta é demais, demais mesmo*”.

Ao se reportar para o momento que recebeu a notícia que seria avó, Flor de Maio destaca que foi uma surpresa boa, que foi após algumas tentativas do filho mais novo com a companheira. Salaria que muitas pessoas lhe perguntavam se ela não seria avó, e que, no momento que ficou sabendo, se sentiu “*invadida por uma felicidade que nunca imaginava, porque tive uma tristeza muito grande ao desencarne da minha mãe, mas aquele momento a felicidade era tão grande, tão grande, que foram dois extremos, o momento da perda e do ganho*”. Destaca que foi um momento de grande emoção, e aos poucos foi caindo na realidade do que estava acontecendo.

Ressalta que, no momento do nascimento de sua neta, estava acompanhando desde o hospital, momento de “*choro, lágrimas era tudo que era lado de gratidão, gratidão a Deus por momentos tão especiais na vida da gente, são momentos que não têm preço, nada supera isso: quando nasce um filho e nasce uma neta, foi muito chocante!*”. Assistiu a todo o processo de nascimento, de pesagem e até mesmo fez a primeira troca de fraldas.

¹³ Como funcionária no comércio.

Flor de Maio, ao contar um pouco mais sobre sua neta, acentua que ela é uma criança de 4 anos, muito calma, tranquila, carinhosa e educada. Menciona, também, que, durante a Pandemia de Covid, viveu um momento muito difícil, pois teve que se afastar da neta, devido a seus pais terem continuado a trabalhar, e informa que no Natal tiveram que estar longe e que essa lembrança lhe causa dor, “*foi um momento bem difícil esse aí*”.

Quando questionada sobre como se define como avó, Flor de Maio, salienta ser “*uma avó que brinca com os seus netos, que corre, que sobe e desce, me identifico como uma companhia de brincar, como uma protetora, uma cuidadora, pois a gente sempre se preocupa com tudo*”. Destaca que gosta de estar sempre com a neta, às vezes ela dorme em sua casa e fazem “*folia no colchão*”, “*são momentos assim que marcam a gente, são momentos inesquecíveis na vida da gente*”.

Sobre o sentimento e entendimento de ser avó e as mudanças que podem ocorrer com o tempo, Flor de Maio relata que “*se amplia, cada vez aumenta mais*”, e complementa:

Assim, oh, lá no início, claro que a gente sonha em ser avó, sonha isso, sonha aquilo, mas tu não tem tanta maturidade, e com o tempo tu vai tendo mais maturidade, não é só porque o adolescente tem que ficar mais maduro, maduro que diz, né? Não, nós sempre estamos aprendendo. Então, a gente vai evoluindo e vai aprendendo melhor a lidar com mais tranquilidade, com mais... hoje se ela tem uma tosse, uma coisa, eu já sei como lidar, antes, claro que tem os chazinhos de vó, claro, e essas coisas, mas hoje tudo é diferente, gente.

Destaca que sempre está aprendendo, que a caminhada muda enquanto avó, mas que o sentimento continua, “*não sei se posso dizer mais forte do que a gente sente desde o início, eu acho que o sentimento é o mesmo, porque é sempre muito amor*”.

Em relação a como observa suas amigas exercendo o papel de avó, Flor de Maio realça que existem diversos tipos de avós:

Olha, tem aquela vó desligada, que a criança pode estar lá cheia de barro, não sei o que, não estão nem aí. Tem aquela avó que é descuidada, a gente tem todo o tipo de avó. E tem aquela que é mais, que é o meu caso [risos], que é mais presente, vamos dizer assim [...]. E tem aquela avó também que nunca quer ficar com os netos, porque acha que estão prejudicando isso ou aquilo.

Evidencia que toma muitos cuidados com a neta, desde sua higienização (mais intensa na pandemia), até mesmo os limites na alimentação e que administra seu tempo, ficando com a neta somente nos momentos que pode, pois “*Não é desamor dizer ao filho ‘hoje eu não posso ficar’, eu já disse várias vezes*”. Também percebe que, mesmo com distintas avós, em suas conversas com amigas, “*todas amam seus netos, com certeza, mas são diferentes*”, tendo diferenças como todos seres humanos.

Sobre as tarefas que executa, relata que inicialmente se dá pela alimentação, pois sua neta gosta muito da “*comida da vovó*”.

Aí, ela chega lá em casa, parece que ela vai comer o que nunca tinha comido, eu faço com ela bolo, faço comida, ela me ajuda, ela bate, eu tento sempre colocar ela naquilo que eu estou fazendo. A gente faz trabalho de pintura, a gente joga joguinhos; eu levo ela muito nas pracinhas naturais. [...] Aquele carinho de colo [...] então, não são coisas, são trocas. Eu digo que não é o que eu faço, são trocas, né? que a gente tem com a criança. E eu gosto muito de dança, e a gente dança, a gente faz ginástica, a gente faz tudo que eu fazia normalmente.

Flor de maio complementa destacando: “*Eu acho que vó é isso, é o que eu digo, que a gente não tinha tempo para fazer para os filhos, que é diferente, então, é essa a caminhada de vó*”. Ainda salienta que sua neta fica mais de uma vez em sua casa, principalmente quando tem alguma situação de saúde, que nestes momentos cuida dela, conforme sua disponibilidade. Quando questionada se observa alguma mudança em sua rotina após se tornar avó, menciona que “*percebe bastante mudança, renovar*”. Ademais, complementa dizendo que:

Eu não tinha necessidade, por exemplo, de ficar em casa no sábado, de fazer comida, então, já é uma mudança, né? E os outros dias que ela vai pra lá é uma outra rotina, eu associei, e como a gente vai se organizando em cima daquilo que a gente se propõe, eu me organizei assim, nesse sentido tanto alimentação, quanto aquele dia que eu vou sair com ela, as coisas que a gente faz e que ocupa mais tempo.

Em relação ao seu sentimento de ser avó, Flor de Maio informa que se sente “*a pessoa mais feliz do mundo*”, mesmo tendo alguns momentos difíceis com relação a doenças ou quando sente a neta prejudicada em alguma situação, mas que, mesmo frente aos desafios, é uma aprendizagem, para ela e sua neta. Salienta ainda:

Quando tu tens mais ocupação, principalmente com neto ou com uma neta, é algo que te preenche, te traz novas energias. Então, tu: 'ah, eu sou hipertensa'; eu nem sei se tenho pressão naquele momento, porque eu estou com ela, porque se tiver que subir na árvore, eu subo e não sinto nada; então, se tiver que fazer isso, eu faço, porque desvia o nosso pensamento daquele foco que a gente tem, de que 'ah, eu sou hipertensa', que tenho glaucoma, que é outra coisa que eu tenho, né?

Sobre a relação que tem com a neta, a entrevistada vai destacar que:

É relação de neta e vó [risos], aquela relação que tu não tens aquele compromisso de pai no dia a dia, de pais, aliás, mas que tu tens compromisso sim, porque é um pedacinho nesse momento, é um pedacinho de gente, claro que vai crescer, e a gente auxilia de uma maneira ou de outra na educação [...] Então, eu acho que assim é uma participação constante da gente na caminhada dos netos, pelo menos eu me vejo assim.

Sobre existir partes boas de ser avó, a entrevistada enfatiza: “*Todas! Para mim é uma renovação, é abraçar, acolher um serzinho indefeso*”, podendo estar mais presente e experiente junto à caminhada da neta. Referente às partes desafiantes ou não tão boas, Flor de Maio vai reforçar as situações de saúde, desarmonias e desavenças observadas e vividas.

Ao nos encaminharmos para o fim da entrevista, a última pergunta foi referente à percepção de Flor de Maio sobre ser avó hoje, como se definiria, e a mesma ressaltou que tenta dedicar o máximo de tempo possível. “*Quando estou ou até quando não estou, a gente faz uma chamada de vídeo e alguma coisa assim. A minha experiência como avó é fantástica, é demais e eu sinto só alegria de ser avó nesse momento, e daqui pra frente eu acho que cada vez mais. Amo meus netos.*”¹⁴

¹⁴ Flor de Maio, no momento da entrevista, apresentou um mini diário feito para sua neta.

Figura 3 - Mapa: A avosidade para Flor de Maio



Fonte: Elaborada pela autora (2024).

7.4 Orquídea

Orquídea é uma mulher negra, de 73 anos, divorciada, possui ensino superior completo¹⁵. Exerceu a profissão de professora e atualmente sua ocupação está voltada para o lar. Sua renda provém de aposentadoria, com rendimentos de 3 a 4 salários mínimos. Reside sozinha em um apartamento próprio, no bairro Parque dos Maias na cidade de Porto Alegre.

A entrevistada acentua ter no momento da entrevista três netos. Um neto de 23 anos, e duas netas, uma de 21 anos e a mais nova de 5 anos de idade. Destaca que os netos mais velhos são irmãos e residem em outro município e a neta mais nova é filha única e reside próxima a sua casa. Acentua que se tornou avó no ano 2000 e relata ter sido um momento maravilhoso, embora sua filha, durante a gravidez, tivesse complicações e seu neto nasceu com 6 meses e meio, "*ele foi aquela criança que foi um cristal, foi para a incubadora e teve algumas intercorrências, ficou três meses no hospital*".

¹⁵ Orquídea informa que sua graduação foi em Artes Industriais, na PUCRS.

Salienta que hoje é um “*homão alto, desenvolvido, que faz faculdade, um orgulho*”, e que frente a essa “*superação*” foi um momento maravilhoso. Lembra que quando ficou sabendo da gravidez comprou um buquê de flores e levou no trabalho de sua filha, “*foi muito bom, foi bem emocionante*”.

Ao mencionar sobre os netos, comenta que seu neto “*é uma pessoa, assim, extremamente fácil de lidar, muito acessível, muito na dele, tipo de pessoa que se tu pedir ele atende, um filho maravilhoso*”, e sobre sua neta mais velha salienta que está estudando, que tem mais facilidade para se comunicar, e que com ambos tem muitas trocas. Já com a mais nova, as trocas são mais recreativas e de lazer, mas com uma ligação afetiva muito intensa. E diz: “*É isso com meus netos, eu amo todos eles, são minha razão de viver, faço tudo por eles*”.

Orquídea se define como uma avó excelente, quando questionada, e complementa: “*tudo que eu faço é pensando neles, mesmo que não estejam precisando eu ligo todos os dias, a gente se fala por WhatsApp*”, referindo-se aos que moram longe. E com a neta que está mais próxima salienta ter contato diariamente. Informa que: “*está disposta a fazer o que for possível para ajudá-los*”, o que a faz se sentir uma excelente avó.

Em relação ao seu entendimento e sentimento de ser avó, ressalta que “*mudou para melhor*”, que quando seu primeiro neto nasceu estava vivendo uma “*fase de luto*”, referindo-se a sua separação, também estava vivenciando todos os desafios do nascimento do mesmo no hospital. Já no nascimento da neta mais velha, teve seus sentimentos e seu astral abalados, devido às intercorrências no casamento da filha, gerando preocupações, e que também tinha rotinas de trabalho. Diferente do nascimento da neta mais nova, que, conforme relata, foi um período mais harmonioso, “*foi aquela coisa mais assim, de acompanhar desde a primeira ultrassom até o nascimento no hospital*”. Ressalta que frente algumas situações mais desafiadoras que viveu, “*os netos me ajudaram nisso*”. Além disso, complementa dizendo que:

Eu cresci muito, eu acho que o meu eu cresceu muito, aquele sofrimento que achei que não ia conseguir vencer, eu tirei de letra, e hoje me considero uma pessoa feliz [...] e a vida que eu tô levando agora é uma vida que eu tenho muita satisfação.

A entrevistada, quando questionada sobre como observa suas amigas e/ou familiares exercendo o papel de avó, menciona a avó dos seus netos mais velhos, que faleceu a pouco tempo, mas que achava ela *“uma pessoa maravilhosa, extraordinária, eu admirava muito, a maneira dela ser”*, e ainda ressalta que tratava todos os netos da mesma forma, *“sempre a mesma coisa pra todos os netos”*. Ao se referir à avó da neta mais nova, percebe que esta impõe mais limites e condições aos pais e conseqüentemente aos netos. Identifica essa mais voltada ao lazer e que não se envolve com a criação dos netos e nem deseja essa função.

Ao mencionar as demais avós com quem tem convívio, suas vizinhas, relata: *“são umas avós bem presentes”*, e completa: *“Tem a J que é uma vó presente, assim tomou conta do neto, tem os pais, mas ela quem tomou conta”*, e finaliza destacando que não acha o ideal, que em sua realidade enfatiza a responsabilidade dos pais com sua neta, *“No momento que ela tá comigo, ela tá comigo, mas aí é diversão, é outra coisa, a responsabilidade total é dos pais dela. Eu faço aquelas coisas que a avó gosta de fazer: mimar [risos]”*.

Em relação às tarefas que executa relacionadas ao papel de avó, Orquídea informa que com os netos mais velhos a convivência é mais esporádica, que estes são mais independentes e já trabalham, que se, em algum momento, precisam de algo está mais relacionado à aconselhamento, a conversar e a trocar ideais, *“às vezes é mesmo para ouvir uma palavra[...]”*, ou então convidam para ir à sua casa, para fazerem um almoço, pois possuem independência financeira, mas que se precisam de algo ela está disponível. Já com a neta mais nova, é diferente, pois auxilia financeiramente na escola e caso precise de algo a mais também viabiliza, e completa: *“Em relação aos meus netos, eu sou toda aberta para eles”*.

Orquídea explica que a convivência com a neta mais nova é cotidiana, que a leva para a escola e que a mesma dorme em sua casa algumas vezes na semana, destaca que: *“Eu levo só no dia que pousa comigo [...] ela acorda e eu faço a higiene dela, dou o Nescau pra ela e a levo para a escola”*. Ressalta que, em alguns momentos somente, busca a neta e em outros ela acaba ficando alguns finais de semana. Saliencia que juntas vão ao shopping e almoçam, mas que não possui uma responsabilidade fixa em buscar

na escola ou passar os finais de semana, que é uma combinação com os pais. E acrescenta:

Se eu tiver que ir eu vou e ela vai ficar com os pais dela se eu tiver um encontro com uma amiga minha ou alguma coisa, algum chá, alguma coisa eu vou mesmo sendo no sábado, entendeu? Eu não me privo de fazer isso por causa da função dela, porque ela tem os pais dela [...] Se quiser pousar 2,3 dias seguidos lá em casa, pode entendeu? Mas se eu tiver que fazer alguma coisa, eu vou e faço.

Quando questionada se ocorreram mudanças após se tornar avó, Orquídea referiu que sim, e completa dizendo que quando se tornou avó ainda trabalhava, tinha horários, obrigações com os seus alunos, realizava atividades específicas da escola, e seu tempo era outro. Salienta que os netos moravam em outro município, então, era diferente, e que, somente após sua aposentadoria, conseguiu ficar mais disponível. Relata que muda também quando sua neta mais nova está em sua casa, pois precisa adaptar seus horários e rotinas, “*agora se ela tá lá em casa já é diferente né? Aí eu faço a comidinha que ela gosta, aí muda um pouco*”. E se não está, faz as coisas no horário e no tempo que desejar.

Em relação aos seus sentimentos de ser avó, a entrevistada relata que se sente bem e feliz, enfatiza: “*Se eu não tivesse os meus netos, não sei como seria a minha vida*”, “*eu não me imagino sem eles não[...] todos os meus pensamentos são com eles e as minhas vivências e minhas alegrias eu vivi sempre com eles, em função deles [...]. Eu acho que Deus o livre, mas acho que não seria a mesma sem os netos, apesar de tudo, eu não me vejo sem eles*”. Isso se referindo a uma vivência bastante aproximada e afetuosa.

Na sequência, comenta um pouco da relação que possui com cada um dos(as) netos(as) e informa que tem contato diariamente. Porém, com sua neta mais velha, consegue realizar muitas trocas de opinião sobre diversos assuntos, com conversas mais abertas. Já com o neto, por ser mais reservado, conversa sobre assuntos menos íntimos e mais amplos, sobre filmes, futebol e política. Com a neta mais nova, as trocas são voltadas para brincadeiras. Salienta ter bom relacionamento com todos.

Orquídea, quando questionada se existem partes boas de ser avó, ressalta: “*pra mim é um paraíso*”, e completa: “*Quando os pais delegam mais responsabilidades para*

os avós do que elas têm, eu acho isso errado". *"Eu acho que se minhas filhas largassem os netos, pra mim criar, pra ter responsabilidade, eu acho que não me sentiria como eu me sinto, entendeu?!"*. Informa que não possui responsabilidade de educar, ou ser mantenedora, que auxilia como pode e exerce sua liberdade de escolhas, ajudando como quer, e isso lhe dá prazer, se fosse diferente, ressalta: *"me sentiria muito mal, se delegasse uma coisa contra minha vontade"*.

Como contraponto, ao ser questionada sobre as partes ruins ou desafiantes de ser avó, salienta que não as identifica, mas complementa que, em relação ao seu neto, gostaria que ele fosse menos reservado, que nota isso como um desafio, de não conseguir com que ele se abra mais. Sobre as netas, não se refere. Ao nos encaminharmos para o fim da entrevista, a última pergunta foi referente à percepção de Orquídea sobre sua definição de ser avó na atualidade, e a mesma salienta que se percebe uma avó *"legal pros meus netos, [...] eu sou amorosa, procuro ajudar dentro do possível, entendê-los dentro do possível, pois cada um tem sua peculiaridade"*, refere ser parceira, que possibilita trocas, percebe-se acessível. Completa: *"Eu acho que dou muita abertura para eles falarem dos sentimentos deles, se não gostam de alguma coisa, se gostam também. Eu não sou uma avó antiquada que tem preconceito [...] até em relação a namoro, à sexualidade deles [...]"*. E termina reforçando: *"Mas eu acho que sou uma avó bem legal, bem pra frente, e eu tô aí para meus netos, para o que der e vier, eles podem contar comigo sempre"*.

Figura 4 - Mapa: A avosidade para Orquídea



Fonte: Elaboração da autora (2024)

7.5 Violeta

Violeta é uma mulher branca, de 69 anos, casada, que possui ensino superior completo¹⁶. Exerceu a profissão de professora e atualmente sua ocupação é como bióloga autônoma, voluntária em trabalhos sociais e aposentada. Sua renda provém de aposentadoria e rendimentos de trabalho¹⁷, com rendimentos de 4 a 5 salários mínimos. Reside com seu marido em casa própria, no bairro Pedra Redonda, na cidade de Porto Alegre.

A entrevistada salienta ter se tornado avó no ano de 2013 e que possui somente uma neta, com 10 anos de idade. Ao relembrar do momento em que soube da gravidez da nora, relata ter sido emocionante, pois é sua primeira neta, e salienta:

Foi uma emoção muito grande, tanto na descoberta, depois na preparação, na gestação toda, aquele acompanhamento, que parece assim a gente aposentada

¹⁶ Violeta informa que sua graduação foi Licenciatura em Ciências e Biologia.

¹⁷ Os rendimentos de trabalho são relacionados ao serviço autônomo que realiza, conforme a existência de demanda.

tem mais tempo [...] parece que com o neto você presta mais atenção, pois está mais disponível, tem mais tempo para observação. Mas foi uma coisa fantástica!

Violeta destaca que a notícia foi dada em uma janta de família, em um final de semana, e que, após ficarem sabendo, tudo foi transcorrendo, que auxiliaram na escolha do nome, um momento maravilhoso! Ao relatar sobre sua relação com a neta, enfatiza que o contato é muito bom, *“principalmente agora que ela está maior, pois antes era mais finais de semana, ela vinha para cá, andava de bicicleta, levava ao shopping e viajava junto”*. Recentemente a convivência ficou diária, *“a gente está levando todos os dias no colégio, leva no inglês, patinação, almoçamos juntas no colégio”*. Também relata que é muito boa a convivência, *“ela é super afetiva, adora estar junto, pede para vir para minha casa”*.

Sobre a percepção de ser avó, Violeta relata se considerar uma avó muito amiga da neta, e destaca: *“Como sou professora de Ciências e Biologia, ela gosta muito de aprender coisas da natureza, dos animais”*. Assim, salienta estar muito presente nos assuntos relacionados a cultura e estudos, complementa:

Eu acho assim, que a avó é como se fosse mãe, na parte da educação, a gente vai ensinando coisas do dia a dia, vão passando pra ela o que a gente passou para os filhos [...], mas a continuidade é o filho e a nora que dão, mas eu sempre passo assim essa parte, tanto de educação, a parte cultural, a parte da amizade.

Violeta destaca ser muito amiga, ajudar muito sua neta, de forma emocional, na parte cultural, um apoio e segurança. *“Quando ela está comigo, eu vejo que ela sente uma segurança, um apoio, ela me pergunta muita coisa”*.

Em relação aos seus sentimentos e ao entendimento de ser avó e às mudanças ao longo do tempo, ressalta que no início, quando soube da notícia que seria avó, percebeu como uma mudança de etapa, pois de sogra e mãe, passa para um outro patamar. Destaca:

[..] é aquele susto, entre aspas, é uma medida gradual, que vai crescendo, e junto tu vais mudando. Tem coisas que eu cuido muito para não estar falando, ou me metendo [...] é um aprendizado, cada dia é um dia novo, e vou aprendendo com o crescimento da neta.

Em relação aos sentimentos, menciona que o carinho e o amor aumentam, tudo faz aumentar, “*então muda*”. Ressalta também que espera mudanças em relação a um possível afastamento, com o crescimento da neta, e salienta: “*Pode ir se afastando, por outros compromissos, viajando futuramente, morando fora, quando são pequenos estão mais pertinho, mas podem se afastar, e são coisas que tu vai ter que lidar naturalmente*”.

Já sobre a percepção das amigas exercendo o papel de avós, Violenta destaca ter amigas, e que conversam muito, possui muitas amigas com netos, de todos os tipos. Por conseguinte, em seus encontros, “*sempre tem assunto de neto*”, pensa ser melhor falar deles do que das dores da idade [risos].

Violeta relata que existem avós que moram longe e têm contato via vídeo; as que moram na mesma cidade, mas que o contato não é tão frequente; menciona as amigas que têm netos adultos e que moram em outros lugares, sendo outro tipo de relacionamento; e há outras com netos recém-nascidos. Ademais, existem as que são como ela, “*tendo vivências do dia a dia, moram na mesma cidade, levam na escola*”. Assim, complementa:

Não tem uma linha, “avó é ser assim”, conforme a situação e a pessoa [...] não é porque tu tens uma amiga que não gosta de se envolver com os netos, não é que não goste dos netos, mas deixa só para os pais, e outras assumem mais. Então eu vejo que não tem um padrão, ou tem certo ou errado, depende de cada um, como vai tratar o neto e conviver com o eles.

Em relação às tarefas que executa, menciona ajudar nas atividades diárias, levar no inglês, na patinação, no colégio. No fim de semana, auxilia a buscar em algum lugar ou compromisso; e quando a neta fica em sua casa, envolve-se com a alimentação. Salienta sentir-se bem, “*faz não parar no tempo, vai acompanhando as mudanças dos netos [...] até com o celular, me ensina um monte de coisa, a gente vai aprendendo e se reciclando*”.

Sobre as mudanças em sua rotina, relacionadas às atividades que se envolve, menciona ter realizado algumas adaptações, em relação aos horários com as atividades físicas que realiza na semana, que mudou a rotina para atender à neta mais tranquilamente, e complementa: “[...] *mas não é uma coisa assim que eu fiquei triste,*

mudou para melhor, para poder conviver mais com a neta". Também ressalta que, quando a neta dorme em sua casa, muda a rotina:

Não é como eu me sentar e ficar vendo televisão, fazendo tricô ou lendo [...] faço atividades com ela, dar mais atenção [...] então muda até teus horários de dormir, pois ela dorme mais tarde, quer fazer uma brincadeira, jogar xadrez. Uma criança em casa muda até o tipo de janta. Vou fazer uma coisa especial que ela goste. [...] Então com o neto muda a rotina, mas não que eu me queixe, não é nada assim que para mim vai ficar uma coisa sofrida, não, pelo contrário, me dá muito prazer, não me importo de trocar a rotina de jeito nenhum.

Quando questionada sobre como se sente sendo avó, destaca que super bem, e completa:

[...] pela convivência com a neta, o que eu vou passar pra ela, o que ela aprende comigo, o que eu aprendo com ela. E ser avó assim numa idade que tu possa conviver com ela, porque tem gente que é avó muito tarde. Então, isso aí já prejudica a pessoa, porque não pode em algumas atividades acompanhar a neta, e eu não, a gente pode viajar, pode passear [...]. É isso aí, eu me sinto super bem, de ter essa troca, poder participar das atividades que ela participa, e isso, eu acho, essa troca, tanto que eu digo: ensinar essas coisas pra ela, pra mim, eu me sinto muito bem como avó e fazer aquilo que realmente eu sinto que é função da avó, de informar, até um certo ponto, depois é pros pais isso, de dar continuidade do que acham ser coisa válida.

Sobre a relação que tem com a neta, Violeta reitera ser de amizade, que a neta tem facilidade em perguntar coisas para ela. Percebe-se como alguém que contribui com as informações, sana curiosidades relacionadas ao meio ambiente e a viagens. Ressalta que é como se ela fosse sua amiga, que sente segurança, uma relação de trocas e afetos.

Em relação às partes boas de ser avó, Violeta menciona que estão relacionadas à convivência, mas com limites na intensidade das responsabilidades, diferente de como foi com os filhos, mas que dividem momentos ótimos, nos quais observa o crescimento ao partilhar e aprender coisas. Sobre os desafios e partes ruins, destaca a necessidade de aprender sobre os limites, até que ponto pode dar opiniões na criação da neta, menciona sobre as precauções com a saúde e medicamentos, *"a gente tem que ter um cuidado muito grande, porque não é filho da gente, eles [os pais] é quem tem que ir levando"*.

Ao final da entrevista, quando questionada sobre como se definiria sendo avó hoje, salienta que uma pessoa que acompanha a evolução do tempo, e complementa:

Não pode ser uma pessoa que ficou no passado, para ter um relacionamento bom com os netos [...] necessário sempre querer aprender com eles, pra não ficar criticando, “ah no meu tempo era melhor” coisa assim que seria uma barreira muito grande, que de repente poderiam perder o interesse naquela pessoa, que está vivendo no passado. [...] É muito importante estar sempre informada, sempre estar aprendendo coisas [...] não ficar atrasada, não ficar só no passado e só valorizando coisas do passado, [...] estar presente no que eles estão vivendo, dando opiniões, estar participando, isso eu acho super importante.

Figura 5 - Mapa: A avosidade para Violeta



Fonte: Elaboração da autora (2024).

7.6 Margarida

Margarida¹⁸ é uma mulher negra, de 87 anos, viúva, que possui ensino fundamental incompleto. Exerceu a profissão de costureira, camareira e doméstica, atualmente sua ocupação é do lar. Sua renda provém de aposentadoria e pensão, com rendimentos de 1 a 2 salários mínimos. Reside com sua filha, genro e neto em casa própria de herança familiar, no bairro Vila Jardim, na cidade de Porto Alegre.

¹⁸ Margarida informou que estudou até a terceira série do Ensino Fundamental, trabalhou em casa de família como doméstica quando tinha 19 anos, junto com sua irmã que começou mais jovem. Também destaca que hoje reside em um terreno de herança e no mesmo pátio mora sua irmã, em casas diferentes.

A entrevistada salienta ter se tornado avó no ano de 1993 e que possui um casal de netos. A neta com 29 anos e o neto com 24. Ao lembrar do momento em que soube da gravidez de sua filha, relata que ficou muito feliz, pois tinha grande desejo de ser avó e que no momento almeja tornar-se bisavó. Ressalta que preparou todo enxoval para as crianças, que, aos poucos, foi comprando tudo que precisava para a sua filha não se preocupar, pois a mesma casou jovem.

Mencionou que durante a gravidez de seu neto, a filha teve Eclâmpsia e necessitou de muita atenção e cuidados hospitalares no parto, que o neto nasceu com 6 meses, e precisou ficar na UTI por algum tempo, e isso lhe gerou muitas preocupações e depressão, lembrou das horas que ficou no hospital aguardando a chegada do mesmo, com suas rezas e crenças, devido ao grave episódio. Já com sua neta, informou que a filha passou bem, mesmo com pressão alta teve parto normal, e voltou a destacar que a chegada dos netos foi de grande felicidade, *“Não tem coisa melhor, engraçado né? Que nos faz feliz que nem sei”*. Completa dizendo:

Mas, engraçado, que foi uma gravidez, que hoje eu conto pra todo mundo e todos se admiram. Aí, eu fui lá buscar no dia, eu trabalhava ainda nesse tempo. Aí, pedi pra sair mais cedo, me liberaram, porque viram que eu tava bem desnorreada, aí eu fui lá apanhar ela, liberaram ela e liberaram o neném também, né? Foi uma coisa muito maravilhosa! Até hoje pra mim aqueles netos são riquezas, os dois netos.

Margarida menciona que se identifica como uma avó boa e carinhosa, e que os netos também são bons para ela. Relata que com o neto tem mais trocas, pois seguem residindo na mesma casa, que o auxilia com suas vestimentas de trabalho, e complementa: *“Eu me sinto uma avó muito boa, boa mesmo! O que eu faço para eles, o carinho que eu tenho sobre eles” [...] até hoje o que eu dou pra um, eu dou pra outro, sempre. Dinheiro ou coisas assim.* Ressalta que a neta já possui independência financeira, mas se precisar ela ajuda e para o neto ela compra as coisas que acha que deve, e menciona um terno novo.

Sobre o seu entendimento e sentimento de ser avó com o passar do tempo, Margarida destacou continuar da mesma forma, e completa: *“Porque o meu tratar sempre foi o mesmo, do início ao fim, é, até agora. Eles cresceram, mas é o mesmo. É a mesma coisa, eu fazia o que gosto e o que eles gostavam, e continua a mesma coisa”*. Menciona

desde os cuidados com a manutenção das roupas da neta até suas orações pedindo pela felicidade, trabalho e estudo dos netos, e relata:

Eu vivo rezando dia e noite. Na hora da prova, é vela acesa, fazendo minhas orações, fazendo os meus pedidos, implorando a Deus por misericórdia e ele vai lá, e eu digo: filho, te benze, quando for começar, né? E, graças a Deus, eles passam, né? e é uma maior felicidade no dia que passam, né? bah, Deus me livre!

Em relação a como observa suas amigas e familiares exercendo o papel de avó, destaca: “Ah, tem muitas, cada uma com o seu problema, sabe?! depois de eles grandes, eles não dão valor; querem só explorar a avó [...]”. Complementa informando que com seus netos ela é quem escolhe auxiliar, por desejo próprio. E salienta: “Nenhuma chega no meu modo de ser!”. Ressalta também um episódio em que visita uma amiga hospitalizada e essa informa que seu neto criado com muito carinho não havia lhe visitado, “[...] depois que cresceu (conheço ela há mais de 20 anos), depois que cresceu, ele perdeu aquele amor na avó”. Também menciona a realidade de uma vizinha que acaba assumindo os cuidados dos(as) netos(as), sem envolvimento da mãe.

Sobre as tarefas que executa hoje com seus netos, Margarida salienta se sentir bem as realizando: “me sinto tão bem, tão bem, que eu nem imagino. Tudo que eu faço me sinto realizada, dia por dia, tudo que eu faço [...] Tudo o que eu faço, o que eles pedem que eu faça, assim eu faço.” E completa destacando que se envolve com a manutenção das roupas da neta, pois a mesma reside em um local pequeno, também realizam almoços e jantas, contribui nas passagens do neto, compra alguns utensílios e roupas, menciona que, quando ambos se graduaram, havia guardado uma quantia durante anos e passado para a conta de cada um conforme seu desejo, “veio de mim mesmo” e salienta:

Aí, assim, tudo que precisar a vó compra, e ele concorda com tudo, e ele é uma criança... ele e ela, pra mim, não há diferença; não faz diferença nem um, nem outro. E o que eu puder ajudar e dar, que eu já tou velha, não vou levar nada. [...] Aí, eu deito a cabeça no travesseiro e fico tão faceira, bem tranquila, bem leve e tudo. Eu me sinto realizada com tudo que eu faço pra eles. E eu sinto que eles me dão valor, se preocupam¹⁹.

¹⁹ Margarida relata sobre o episódio que se sentiu mal em casa e os netos ficaram preocupados, zelosos e a auxiliaram na marcação e ida nas consultas.

Margarida descreve que não observou mudanças em sua vida após se tornar avó. Ressalta que segue com suas viagens e que, quando os netos nasceram, já estava aposentada, que os mesmos não a atrapalham em nada. Menciona também que sua filha só começou a trabalhar após os netos já estarem em fase escolar, *“Ela não trabalhou nesses períodos que eles eram pequenos, de botar na creche, assim. [...] quando eles estavam já no colégio e já estavam se governando, eu já estava aposentada. Aí, ela começou a trabalhar.”* Reforça que a filha nunca exigiu que ficasse com os netos, e relata:

Daí, a minha filha nunca me disse: “não vai, mãe, fica; não vai”. Nunca me disseram nada. Nunca mandaram em minha vida. Eu sempre tive uma vida livre, sempre fiz o que eu queria. O que eu queria eu sempre fiz, e isso eu levo de bom: que eu fiz o que eu queria. Me mandava.

Salienta que se sente bem em ser avó, *“Sempre me senti assim, desde o início ao fim, é infinito”*. Informa também que em sua relação com os netos não existem atritos, e complementa, quando questionada se se identifica como uma avó amiga, que: *“Sim, eu acho. Amiga demais. Eu me preocupo demais, do nascimento aos estudos”*, destaca a preocupação e orações com os netos, sempre aconselhando para o bem de ambos. E informa que as partes boas de ser avó são notadas assim:

Eu acho que é uma grande graça ser avó, pra mim foi, pra mim foi uma grande graça. Eu acho que não teria sentido se a minha filha não tivesse esses filhos. Eu fiquei na maior faceirice e tudo. Recebi com muito carinho, com muito amor, desde o dia que nasceu até essa data de hoje, graças a Deus. Ocuparam um grande espaço e trouxeram uma felicidade imensa. [...] Olha, é isso aí. Pra mim, ser avó é a melhor coisa da vida. E se viesse um bisneto, seria também. Eu tenho adoração por criança, é adoração. Às vezes, eu vejo na rua casais novos com os seus filhos: ‘ah, agora eu só posso esperar por meus bisnetos’ [risos].

Em relação às partes difíceis de ser avó, Margarida relata que não as identifica, mas que percebe com suas amigas, que vivem situações de desgosto, desafios grandes. Mas que com ela não teve, e salienta: *“Essa parte aí não me atinge porque sou feliz com a outra parte. Eu só vejo esse lado bom. Esse lado de vó, bom, pra mim, é maravilhoso!”*

Ao final da entrevista, quando questionada sobre como se define sendo avó hoje, ressalta que se identifica como uma avó entusiasmada, e finaliza dizendo que:

Eu tenho entusiasmo, justamente, quando eles passam, e ainda mais agora com entusiasmo eu fico. Mais entusiasmada de ser avó eu fico. Esses dias uma senhora disse pra mim: “olha, aí, os dois netos formados, e ela tá inteirinha ainda [risos], a idade chegando, e ela ainda inteirinha”. E que satisfação! Eu fiquei tão satisfeita com a palavra que ela disse comigo, né? que maravilha! Aí, eu fico mais entusiasmada ainda. O que eu puder dar de tudo a eles, eu daria. Se eu tivesse bens, já tinha passado tudo pra eles. [...] Não me sinto arrependida, sinto tudo, tudo muito válido o que eu fiz. Sou com eles, o que eu sou com eles, muito agradecida. Só posso dizer muito agradecida. Eles sempre foram uns bons netos pra mim, e a cada dia que passa mais coisas que vejo, fico observando, eles são os meus netos e me dão valor. É. Isso aí, eu sinto. A gente sente.

Figura 6 - Mapa: A avosidade para Margarida



Fonte: Elaboração da autora (2024).

7.7 Girassol

Girassol é uma mulher branca, de 65 anos, casada, que possui ensino fundamental incompleto. Exerceu a profissão de atendente de caixa de supermercado e doméstica, atualmente sua ocupação é do lar. Sua renda provém de sua aposentadoria, com rendimento de 1 salário mínimo. Reside com seu marido em um apartamento próprio, no bairro Santo Antônio, na cidade de Porto Alegre.

A entrevistada salienta ter se tornado avó no ano de 2000 e que possui 7 netos. Cinco meninas e dois meninos com idades diversas, que variam entre 23 anos da neta mais velha e 10 anos da mais jovem. Salienta que se achava muito nova para ser avó e que foi uma surpresa, menciona:

Eh, assim, no começo eu pensava: “ah, mas eu sou tão nova, eu sou muito...” eu disse até pro meu filho, né: “ah, filho, tu vai dar uma primeira neta pra vó, vai ser tudo...”. Ele é o mais velho. Aí no primeiro eu fiquei meio assim, mas passou. Fiquei feliz quando vi o rostinho da minha neta [...] Aí, todo mundo dizia “A senhora ficou avó, tão jovem ainda. Vai acompanhar o crescimento da neta e coisa e tal [...].

Girassol, ao contar sobre a relação com os sete netos(as), destaca que teve mais proximidade com cinco, com os quais se envolveu mais nos cuidados, no acompanhamento e no crescimento. Inicia relatando sobre a neta de 21 anos, com quem esteve presente desde o nascimento, salienta:

Ah! Com a B é diferente. Então eu praticamente era mais assim porque era filha mulher, então, ficou mais pro meu lado, a avó materna, né? Aí eu me envolvi muito com a B. Aí, quando a minha filha, que ela nasceu, a B, eu fui pra casa dela, eu fiquei com ela, e cuidando dela, me envolvi muito. A minha filha começou a trabalhar, né? fiquei envolvida com a B sempre, né? e depois ela separou do pai. [...] Aí a minha filha veio morar comigo e trouxe a B pra morar, né? conosco. Foi aí que a gente se apegou, sabe? em função de carinho, de atenção, cuidados, eu e meu velho, o avô, né? [...] Aí levava nos colégios [...] então, eu dizia pro meu esposo: essa criança, essa menina precisa de muito carinho, precisa de muita atenção.

Salienta também que essa neta agora com 21 anos segue sendo apoio para ela e seu avô, em diversos assuntos e cuidados. Destaca que a mesma é um porto seguro, devido a toda relação de afeto que construíram e mantêm, e porque a mesma estar voltando a residir com os mesmos. Com os outros netos, de 10 e 14 anos, irmãos de B., salienta que também auxiliou nos cuidados, e menciona:

A J, eu saía daqui, antes de a minha filha ir embora pra Santa Catarina, eu saía daqui de Porto Alegre, na segunda-feira e só voltava na sexta. Eu cuidava da J. Reparava o JN. [...] Cuidei deles também. Dos mais novos da minha filha, os irmãos da B. [...] JN tá mocinho agora já, né? Mas tenho o WhatsApp dele, de vez em quando, no dia do aniversário dele. Ontem mesmo, saímos de lá, ele tava: “vó, que num sei o que... vó pra lá, vó pra cá... e vó pra lá e vó pra cá...”. A J é o xodozinho agora, porque ela é a mais nova, né? Me beijava, me abraçava, quando nós chegamos. “Vó, tava com saudade de vocês, dos meus avós!”, né?

bem assim. E abraçava eu, abraçava o meu esposo, assim, sabe? ela é bem-querida, a pequena.

Ainda, relata sobre as outras netas, uma com 18 anos e a outra com 13 anos, sobre as quais auxiliou nos cuidados na infância, e ressalta:

Olha: a L e a F, essas sim eu me envolvi mais com elas. Moram lá em Gravataí, [...] foi com quem eu e o meu marido se envolvemos mais, porque o meu filho e a minha nora sempre trabalhando, trabalhavam na época, né? E as gurias estavam na creche, na Navegantes. E eu me envolvi muito com a L, eu e o J, meu esposo, se envolvemos com as gurias, até uma certa idade. Pegávamos nas creches e levava elas pra lá, e tudo quando era pequena. Depois se envolvemos no colégio também com elas. Meu filho e a mãe não gostava de deixar as duas sozinhas, aí eu ia pra lá. Eu levava, ou o meu marido levava e um buscava. Às vezes os dois buscavam as gurias [retórica com tom de alegria]. [...] A vó fazia almoço antes de sair, dava duro em cima dos banhos, [...] arrumava os cabelões, porque elas tinham uns cabelos compridos, sabe? Me envolvi bastante com a L e a F, assim, sabe?

Destaca que esse envolvimento se deu quando elas eram crianças, que atualmente os contatos são mais por mensagem de celular, ou quando o filho lhe visita, mas ocorrem mais por telefone, principalmente com a mais velha, pois trabalha. Com a neta de 23 anos e seu irmão de 14 anos (filhos do outro filho), ressalta que não teve tanto envolvimento na infância, mas que possuem contato por mensagens de telefone, e em datas comemorativas.

Em relação a sua definição de ser avó, Girassol menciona que é uma avó feliz e abençoada com seus netos(as), e complementa:

Eu acho que eu sou uma avó... como é que eu vou te dizer [retórica com tom pausado de reflexão]. Eu sou feliz com os meus netos. Eu tenho assim / eu sou uma avó abençoada, sabe? Graças a Deus pelos meus netos, porque eles são, mesmo a distância, a l que é a mais velha, mesmo a distância, mas quando me encontram, assim, elas ficam assim numa paixão, assim, numa paixão, assim: "minha vozinha, minha gordinha, isso e aquilo...". Sabe? Até os meninos são assim. Eu sou bem feliz com os meus sete netos, as cinco moças e os dois rapazes. [...] Só agradeço a Deus, né? por ter eles, por serem jovens de boa cabecinha pra tudo, né?

Sobre o entendimento e o sentimento de ser avó com o passar do tempo, Girassol menciona que se sente mãe pela segunda vez, mãezona dos seus netos, principalmente quando estão todos juntos, que se sente feliz, por poder auxiliar no que os(as) netos(as)

precisam e também seus filhos. Destaca que a mudança que identifica está relacionada ao crescimento dos netos(as) e com isso um certo distanciamento, pontua:

[...] Eu noto, assim, que eles ficaram agora tudo adolescente assim, que eles ficaram, assim, não tem mais aquilo com a avó, assim, sabe? Assim: “ah, vó, coisa e tal...” Ligam e “vó, tudo bom? Não sei o que...”, mas não é como eram antes apegados, entende?

Em referência a suas amigas e/ou familiares, destaca perceber que sentem as mesmas coisas em relação aos seus netos, e refere:

Olha, eu não sei, mas eu acho que é a mesma coisa que eu sinto. Aí, um amor assim, um querer tão bom, gostoso pelos netos, né? [...] A C é uma. A C, a que faz aqui contigo. A E é outra com aquelas netinhas dela. Ah, quem mais? [retórica pausada com tom de reflexão] A K, por aquele neto dela e outras mais que netos também. [...] A D, uma amiga minha que mora ali – apaixonada, apaixonada pelos aqueles netos – sempre me dizia assim: “os netos da gente são os filhos da gente; a gente é mãe segunda vez”. E eu concordo com isso, sabe? E apesar de que quando eles crescem, né? meio que eles já mudam, se afastam mais das avós e tudo, né? isso eu sinto também, de alguns.

Ainda completa dizendo que: “*Eu acho que é tudo igual, o amor pelo jeito que eu tenho pelos meus, eu também sou apaixonada [...] uma também diz a mesma coisa: Eu também, eu também faço tudo pelos meus netos [...]*”. Em relação às tarefas que executa com os netos atualmente, Girassol diz que são basicamente voltadas a cozinhar, a atender os desejos dos netos(as). Destaca:

Comida. Ah, meu Deus do céu, eles não podem me ver. Quando sabem que eu vou pra lá: “mãe, fulano perguntou que dia tu vai, que horas tu vem, que vó vai...” Aí, quando tu vê, já começa a entrar o celular: “vó, quando tu vier, faz lasanha disso pra mim;” a outra, “vó, tu faz bolo de não sei o que; ah, vó, tu faz um pastel de não sei o que...”. Entente? Comidas. “Ah, vó, aquela massa com bastante molho e não sei o que, com queijo...” É comida. Pode ter certeza.

É a comida. A vó tem que fazer doce, a vó tem que fazer pudim de sorvete, que adoram que a vó faz para os guris, assim, no verão, coisas assim de verão. “Ah, vó, tou louca pra comer aquelas saladas de frutas; aquela batata assim; e não sei o que”. Assim, é comilança. Só pensam em / quando eu vou lá: “Ah, a vó de vocês vem tal dia. “Vou pedir pra vó fazer isso; vou pedir pra vó fazer aquilo”. É assim.

Quando questionada se percebe mudanças na sua rotina, após se tornar avó, a entrevistada se refere dizendo que não; que de início só ficou surpresa por se tornar avó

muito jovem, mas que com o tempo se acostumou com a ideia. E complementa dizendo que quando se envolveu com as netas e a rotina de buscar na escola já havia saído do trabalho, em detrimento dos problemas de artrose no joelho. Também informa que os filhos já haviam saído de casa, que era somente ela e seu marido, por isso envolvia-se com as netas. Sobre como se sente sendo avó, menciona que está bem e feliz, que é algo muito bom.

No que se refere à relação que tem com os netos, reforça que somente com uma das netas possui contato diário, que, com os(as) demais netos(as), é mais por mensagens no telefone, mas que possui boa relação com todos(as): *“Eu me entendo bem com eles[...] se tiver que dizer alguma coisa, eu digo assim para eles, e aceitam numa boa, todos eles”*.

Sobre as partes boas de ser avó, Girassol relata o momento que chega na casa dos filhos, e os netos a recebem com um carinho todo especial, e comenta:

[...] Aí eles vêm: “aí que saudade de ti, (eu, no caso) minha gordinha, minha avozinha”, não sei o que, e abraça nós, sabe? Aí, eu e o J. “Olhe, chegou os ‘veinhos” – A I e o M, quando nós vamos lá: “Olhe, chegou os ‘veinhos’, pai e mãe, chegou os veinhos. Ô, gordinha, ô vozinho”. Assim, sabe? É o carinho que a gente é recebido por eles, que eles têm pela gente, entende?

Reforça que a parte boa é todo o carinho e dedicação dos netos. Já em relação às partes ruins, ressalta que não identifica, mas acrescenta que os netos crescem e a comunicação pode ficar mais distante ou pontual.

Ao fim da entrevista, quando questionada sobre como se sente e se percebe sendo avó hoje, destaca que é algo muito bom, que se sente feliz em ser avó; que ama seus netos, os acha lindos(as) e maravilhosos(as), que são educados e ela como uma avó coruja.

Figura 7 – Mapa: A avosidade para Girassol



Fonte: Elaboração da autora (2024).

7.8 Flor de Hibisco

Flor de Hibisco é uma mulher branca, de 61 anos, viúva que possui ensino médio completo. Exerceu a profissão de telefonista como funcionária pública municipal e atualmente sua ocupação é como doula, educadora perinatal e professora de Yoga. Seu rendimento provém de aposentadoria e trabalho, com renda de 4 a 5 salários mínimos. Reside com o filho em um apartamento alugado, no bairro Jardim Carvalho, na cidade de Porto Alegre.

A entrevistada salienta ter sido “*inaugurada como avó*” em 2007; que possui 5 netos, duas meninas e três meninos com idades distintas, variando entre 16 anos do neto mais velho e 2 anos do mais jovem. Menciona que era um sonho tornar-se avó, que ficava emocionada imaginando o momento após sua filha dar a notícia, e que ainda se emociona quando lembra a sensação que foi.

Flor de Hibisco relatou que ainda não era doula, mas que acompanhou, junto com todos os filhos, o parto. “*Desde que ela entrou em trabalho de parto, a gente ficou junto.*”

Não só eu, mas todos os irmãos, todos ficaram juntos". Ressalta que o neto mais velho tem 16 anos, que possuem ótima relação, se emprestam livros, gostam dos mesmos estilos musicais, que vão a shows, que este sempre reforça ser o primeiro, que "inaugurou" esse lugar. A entrevistada salienta que: "*Com ele, eu descobri muita coisa sobre mim mesma*".

Ao trazer um pouco sobre a relação com os netos, salienta que é super próxima com todos, que toda a semana os pega no colégio, visita em suas casas; que mesmo na semana que há muitos partos para acompanhar, faz questão de ter contato com os eles(as), ressalta:

Eu preciso disso, eu preciso dessa presença. Eu sempre digo, quando as pessoas me perguntam o que é ser vó pra mim: Ser mãe é plantio. Ser vó é colheita. E eu tô colhendo assim, sabe? É um amor vagabundo. Não tenho mais obrigação de acertar, né? Então, é uma necessidade pra mim eles estarem comigo, eu estar com eles. [...] A gente chorava muito [ficou 120 dias longe do neto devido a pandemia], a gente se falava todos os dias, mas a presença física, sabe? a energia que a gente troca, tipo: "eles dizem eu te amo", eu fico nova em folha, sabe? É uma coisa muito, muito, muito forte pra mim. [...] Então, essa possibilidade que eu tenho, sabe? de fazer, passar o que minha vó passou pros meus netos. Eu digo que tô vivendo o melhor papel.

Flor de Hibisco complementa:

[...] Mas ser vó é um amor diferente, é muito diferente, sabe? Tu tem muita responsabilidade em guiar uma pessoa no mundo, né? seja material, emocionalmente, mentalmente, espiritualmente. Então, às vezes, fica essa leveza. Essa leveza fica faltando, que tu pode exercitar com os teus netos, porque tu/ eu não tenho obrigação de nada com eles, né? [...] Então, agora, eu tô usufruindo, né? de todo esse plantio.

Sobre como se define enquanto avó, a entrevistada ressalta que uma "avó maluquinha", e complementa dizendo que curte muito com os netos, que busca saber o que eles gostam, a fim de fazer junto. Acrescenta:

Eu não sou uma avó repressora, mas eu não faço nada que os meus filhos não permitam, né? Eu sei tudo que pode. Não adianta querer me dar golpe, porque eu sempre peço, eu gosto, gosto de exercer isso, sabe? Pra eles saberem que a autoridade é dos pais e que eu vou sempre respeitar. Não come doce. Não toma refrigerante [...]. Então eu gosto muito de ser essa avó, em quem os meus filhos confiam [...].

Em relação ao seu entendimento de ser avó, Flor de Hibisco informa que com o tempo ficou cada vez melhor, que foi ganhando experiência. Reforça que, com a chegada do primeiro neto, nasceu uma avó, e complementa:

Eu tinha uma ideia, eu tinha uma ideia por causa da minha vó, mas o JP é que veio me dizer que vó ele precisava, né? que tipo de vó ele escolheu e consequentemente com todos os outros. Eu não sou igual com todos eles, porque cada um é único, né? Eu tenho sete filhos únicos e cinco netos únicos. Então, tem coisas que eu faço com um, tem coisas que eu faço com outro, dentro do universo que cada um é pra mim, né? Então eu fui me construindo junto com eles, né? construindo essa identidade da vó que cada um precisa.

Flor de Hibisco destaca também sobre a relação com as demais avós de seu convívio. Salaria que sua irmã possui cinco netos também e que acabam trocando muito, assim como com suas amigas, e complementa afirmando:

Claro que a gente vive em bolhas, né? Então a minha bolha é dessa construção mesmo, sabe? da gente querer ser essa vó que respeita, sabe? que tá nesse meio de passar os ensinamentos, né? de tá presente, de ser vós presentes. Então, isso. Claro que eu sei que não é, tem vó que precisa criar os netos, né? Tem vó que é que mantém os netos, né? tem vó que ... as avós são uma força de trabalho no nosso país.

Continua:

Eu sei que eu vivo numa bolha, sabe? pela questão de educação, pela questão que meus netos todos estudam em uma escola particular, né? Então eu tenho acesso, eu sou privilegiada, eu posso fazer isso com os meus netos. Exercitar isso que eu acho que todas as avós deveriam ter, né? Mas eu conheço, eu sei, eu trabalho, eu atendo solidariamente, gratuitamente, mães solas que vêm de famílias de mães solas, sabe? todo esse, esse / que a gente sabe essas repetições nas vidas das pessoas, que as coisas são difíceis, que as coisas são escassas, né? Mas assim dentro da minha bolha eu interajo com mulheres que têm esse pensamento e essa condição, esse privilégio.

Já em relação às tarefas que executa relacionadas ao papel de avó, informa que estão voltadas às rotinas de escola, consultas médicas e terapêuticas, bem como quando precisam de algo, como uniforme ou material escolar, auxilia com a compra; além disso, os leva para momentos de lazer, para almoçar ou lanchar em algum restaurante, vai ao cinema, os presenteia com algo que gostam e também, quando os netos querem, ficam em sua casa. Ainda, acrescenta:

Na pandemia, a minha filha e o B ficaram comigo. Ficaram um ano comigo, para eu poder dar o suporte pra ela continuar trabalhando. Então, a minha relação com eles é muito próxima de: “Ah, mãe, tenho reunião no colégio. Pode pegar o B?”. Posso. “Ah, mãe, tenho isso... Pode...?”. Posso. “Ah, mãe, queremos sair para uma festa”. Fica tudo comigo. Quando eles vão sair juntos. Então, não é obrigação que eu tenho, sabe? Eu sou uma rede de apoio [...].

A entrevistada, ao mencionar sobre a compra de presentes que faz aos netos, relacionada ao que gostam e não a datas comemorativas, ressalta que isso faz rememorar sua avó, e o desejo de ser avó desde jovem, como uma referência.

Eu sou horrível pra comprar presente em data. E aí, o que é que eu faço? Eu pego todos eles e a gente faz alguma coisa especial juntos. [...] Não dou presente de Páscoa, presente de Natal, a gente só faz um amigo secreto, mas eu sempre levo quando eu vou visitar, eu gosto de levar uma coisa, sabe? uma coisa que eles gostem [...] E eu gosto assim de fazer um pouco, sabe? a minha avó fazia assim. Eu tenho muito espelho na minha avó [...] a minha avó que foi quem me deu essa vontade de ser avó [...].

Flor de Hibisco também destaca a relação com as demais avós dos seus netos, menciona que gosta muito de dividir esse papel com as outras, que nota ser super importante a convivência. Assim, relata ter momentos de lazer em festas da escola e outros ambientes com as demais.

Ressalta que inclui seus netos em sua rotina, que, ao fazer sua agenda, eles estão nela, que precisa ter o seu tempo com os cinco, dentro da semana. Então, acentua: “*Eu só precisei colocar cada um deles, conforme foram nascendo, dentro da minha rotina, da minha vida*”. Quando questionada sobre como se sente sendo avó, destaca que: “*Parece que a minha vida toda vinha me trazendo para eu receber isso [...] eu me sinto assim completa*”. Complementa:

Eu tenho muito orgulho da família que eu construí, eu tenho muito orgulho de como a gente é, sabe? juntos. Tenho muito orgulho dos meus netos individualmente, de cada um. Sou uma vó coruja pra caramba. Sou uma avó que gosta de estar presente, gostar de estar presente. Eu acho que isso é o maior presente pra eles e eu sinto isso de volta. Estar com eles, sabe? trocar com eles, ouvir eles, estar na mesma altura que eles sempre, sabe? e crescendo com eles. Eu sinto que eu cresço com eles, sabe?

Em acréscimo, aponta que não faz diferença entre os netos, que não possui um preferido, que sim existe o que chegou primeiro, com os quais possuem companheirismo

e respeito; que gosta das coisas como elas são, cada um com o seu jeito. De forma geral, enfatiza que tem uma relação de intimidade muito boa com os netos.

Destaca que só existem partes boas em ser avó, e declara:

Não posso dizer nada que eu não goste de ser avó, nada, nada, nada. Pra mim, é uma realização mesmo. E isso que eu tenho, uma realização profissional, tenho realizações, mas a minha maior é, mas com toda certeza, sabe? Eu tô vendo um pedaço de mim que anda, sabe? eu me vejo neles também, em muitas coisas [...] Posso te dizer assim, sabe? te afirmar isso: é a coisa que eu mais gostei de fazer na vida. Eu digo: hoje eu não faço mais filhos, eu faço neto [risos].

Sobre os desafios, menciona que não possui problemas com eles, que gosta de desafios. Porém, ressalta duas situações em que os netos viveram que a desafiaram mais, devido ao sofrimento que causou em cada um, mas que ela auxiliou para as coisas melhorarem com o que pôde, e afirma:

Mas eles sabem que vão ter em mim sempre alguém pra recorrer, e que eu sim, vou conseguir, vou fazer o melhor que eu puder, né? dar esse suporte. Porque eu acho que é isso. A gente não vem antes, uma vó não vem antes de todo mundo pra, né? pra não ter a condição de dar esse suporte físico e emocional que uma família precisa. A minha família é um matriarcado e é um matriarcado muito forte. É um tradicional matriarcado brasileiro, e dentro disso assim eu me coloco no meu papel, eu assumi esse papel.

Ao final da entrevista, Flor de Hibisco, a ser questionada sobre como se define avó hoje, salienta que:

Eu acho que eu tô chegando a ser a avó que eu queria ser, tá? Claro, porque eu tive a minha ancestralidade muito presente também, sabe? Os ensinamentos que eu recebi da minha avó, eles viraram aprendizado, né? tudo que eu recebi. E é o que eu quero passar, sabe? Eu sou hoje quase a avó que eu tinha a ideia de ser.

Dessa maneira, termina afirmando: “*Eu sou hoje quase a avó que eu tinha a ideia de ser*”.

Figura 8 - Mapa: Avosidade para Flor de Hibisco



Fonte: Elaboração da autora (2024).

7.9 Rosa

Rosa é uma mulher negra de 72 anos, divorciada, que possui ensino médio completo. Exerceu a profissão de agente administrativa, em função pública estadual e atualmente sua ocupação é do lar. Seu rendimento provém de aposentadoria, com renda de 2 a 3 salários mínimos. Reside sozinha em casa própria, no bairro Restinga Nova, na cidade de Porto Alegre.

A entrevistada salienta que ficou sabendo que seria avó entre os anos de 1993 e 1994, que nasceria sua neta mais velha, filha de seu filho. Menciona ter tido mais contato com ela quando criança, pois a levava para a praia, estava presente em seus aniversários, relata que tem um álbum com fotos de quando ela era pequena, mas que atualmente o contato é somente pelas redes sociais, pois a neta mora fora do estado.

Também salienta que possui quatro netos(as), dois meninos (19 e 22 anos) e duas meninas (30 e 2 anos de idade). Sobre a relação com cada um, inicia relatando que com

a neta mais velha teve contato até seus 15 anos, após isso ela se mudou, ficando mais restrita a comunicação, somente pelas redes sociais. Sobre o neto de 22 anos, relata ter sido criado pela avó materna, residiu um tempo longe com sua mãe no Rio de Janeiro e após retornar ficou com sua outra avó, mas que sempre teve contato, que, durante um tempo, residiu em sua casa, mas que, devido ao envolvimento com drogas, precisou se afastar e que atualmente está em tratamento em outro município, mas seguem em contato diário por telefone.

Com o neto de 19 anos, ressalta ter sido diferente, pois ela foi quem o criou desde os seus 2 anos de idade, com isso, envolveu-se com todos os cuidados que uma criança precisava. Acentua, ainda, que atualmente ele está em outro estado, pois foi atrás de seu sonho, o futebol. Salaria que possuem contato diário por mensagens de celular, e que recebe visitas destes dois netos algumas vezes no ano.

Já com sua neta mais nova, de 2 anos, possui convivência diária, pois auxilia nos cuidados durante a semana. Salaria que a neta é sua companheira, e está sempre querendo ajudar em tudo: “[...] *Então é assim. Eu pego uma vassoura, ela quer varrer também. Esses dias, eu fui com um paninho no refrigerador, e ela: “pano, vó; pano vó”; e ela quer limpar, tudo é “ajuda, ajuda, vó [...] ela é a princesa da casa”.*

Rosa salienta que se define como uma avó que “*chama atenção*”, que não “*deixa tomar conta*”. Complementa dizendo: “[...] *Ah, às vezes, dizem: “é a avó que deixa” – né não, eu digo; comigo não, porque comigo é bem diferente que com o pai e com a mãe [...]*”. E esse tratamento é para todos os netos, que são cobrados pelos seus comportamentos e atitudes.

Já sobre o seu entendimento e sentimento de ser avó, ao longo do tempo, Rosa menciona não ter notado mudanças, pensa ser a mesma coisa com todos, em especial salienta que com a neta mais velha talvez não, pois teve menos contato.

Em relação a como observa suas amigas ou familiares exercendo o papel de avó, destaca que são diferentes, que conversa com sua amiga e vizinha sobre diversos assuntos dos netos(as), mas nota diferenças de como ela é, e relata:

[...] Olha, são maneiras diferentes do que eu sou assim, né? Todas são avós ótimas, mas o tratamento é diferente. Eu tenho a minha vizinha, que tem três netos, quatro netos, e é bem diferente. A convivência dela com os netos é bem diferente, tem dois que ela convive mais e tem dois que ela quase não convive,

mas, assim, são mais afastados, às vezes eles estão lá; eu não digo convívio, assim, mas não é assim que nem eu, por exemplo; o E, que eu chamo a atenção dele, eu digo que tá certo, eu digo que tá errado, que não é assim, o que pode, o que ele tá fazendo, quero saber da vida dele... ela já é diferente; eles vivem mais afastados, mas eles estão sempre lá, mas que não é que nem eu assim: que cobro um mais; porque eles têm os pais; então, já nesse ponto, eu acho, que ela já é diferente [...]

Complementa dizendo:

[...] Eu acho que os meus netos, a diferença é isso aí, que assim, oh, eu tenho mais aproximação e acho assim que eles dependem um pouco, né? de mim, no caso, todos os três, porque o E, se não tiver ninguém, a gente, no caso eu e a minha filha sempre comigo, né? a gente vai ter que...; e o M também, [...] e a H também, porque eu vivo o dia com ela, minha filha trabalha e só chega de noite, então, ela depende de mim, no caso. Seria isso. A outra não, nenhuma dessas que eu te falei dependem, né? Os netos não dependem delas, de coisa nenhuma[...]

Salientando que a diferença está na dependência dos(a) netos(a) e também das cobranças, em forma de cuidado que ela realiza, menciona:

Eu acho assim, oh, por exemplo: a, H, por causa que é assim, a minha filha trabalha e depende só nisso, né? Eu ficar com ela daquele período que ela chega da escolinha até a mãe dela chegar, e, aí, se a mãe dela tiver que sair, fazer alguma coisa, ela vai deixar comigo, eles sempre deixam. [...] O M também, se ele vir pra cá, ele também vai depender, porque aí ele vai ter que morar, e aí ele vai morar comigo, né. Então, ele vai depender de mim, assim. O, E, se não tiver quem ajude ele, quem vai ter que ajudar ele sou eu e a minha filha.

Sobre as *tarefas que realiza relacionadas* ao papel de avó, Rosa menciona que se sente bem realizando e relembra algumas que fazia com a neta mais velha (T), quando a mesma ficava em sua casa, as quais eram relacionadas ao cuidado com o cabelo “*ela tinha um cabelão [...] então o cabelo era uma coisa que eu tinha que cuidar*”, afirma. Já com o neto (E), ressalta que as atividades são voltadas a cozinhar ou alguma atividade de arrumar algo, que ele gosta muito de comer e sempre a convida para fazer algo juntos, interagem quando o assunto é comida. Salienta:

Ele é uma pessoa muito alegre, muito faz tudo, ele ajuda em tudo e gosta muito de comer. Ele fica: “vamos fazer isso, vó?” “Vamos fazer um bolo” [...] ele está sempre inventando alguma coisa, ou de comida ou de se movimentar, “eu faço, eu arrumo”. Ele é assim muito de ajudar [...] interagindo, tanto na comida, ou ir ao supermercado.

Com os netos (E) e (M), ressalta fazerem muitas coisas quando estão juntos, principalmente relacionadas a cozinhar: “*que eu faça bolo, bolo principalmente*”, o neto (M) se oferece para comprar os ingredientes, complementa: “*eles querem comprar com o dinheiro deles, eu deixo*”. Salienta também que cuida das roupas de (M).

Rosa relembra que fazia muitas roupas em tricô para os netos(as), e que para sua neta mais nova (H) fez muitas, “[...] *eu enchi de coisas: fiz casaco, essas coisas [...]*”. Menciona que com a neta (H), sua convivência é diária, que lhe ensina muitas coisas, pintam, desenham e fazem atividades do dia a dia juntas. Envolve-se em alguns momentos com a alimentação, com a sua higiene e também em buscar na escola.

[...] eu vou buscar ela às 17:00, 17:30, quer dizer que ela já não tá com fome, né? mas eu pergunto, porque ela gosta de um pãozinho com manteiga; então eu já deixo o pãozinho dela, passo na padaria, porque depois não dá pra eu passar na padaria com carrinho, com coisas, é muito ruim, então eu já deixo em casa tudo, já antes de ir pra lá, antes de ir buscar ela, já deixo tudo pronto, aí eu só fico com ela, só fico dando atenção a ela [...].

Destaca que existe um planejamento da sua rotina para os cuidados com a neta. Quando questionada se percebe mudanças na rotina, após se tornar avó, destaca que sim, mas não com a neta mais velha, pois ainda trabalhava, e com o neto (E) não tinha contato rotineiro. Porém, com o neto (M) sentiu mudanças, pois ele foi morar com ela aos 2 anos de idade, daí era uma rotina de horários com alimentação e escola. Salienta que, em alguns momentos, também tinha auxílio de seu marido, na época.

Ainda sobre esse questionamento, mais recentemente, menciona também notar alterações em relação à neta mais nova, comenta:

Ah, altera, sim [risos]. Altera, porque o seguinte. Eu gosto, por exemplo, assim, eu faço tudo de manhã, se tiver que botar roupa na máquina, se tiver que ir ao mercado, faço tudo de manhã; deixo preparado o meu almoço [...].

Complementa:

Então, aí nesse ponto eu consigo, mas mudou bastante, porque eu gosto de ficar até tarde, eu gosto de televisão, eu fico mexendo no celular, ou eu faço um tricô, ou dou uma lida em alguma coisa assim, então, por isso mudou a minha rotina, porque agora não, eu faço tudo pensando que a partir das 17:00 eu já tenho que ficar cuidando dela, então, eu faço tudo antes.

Rosa relata sobre as mudanças, mas esclarece que tem toda a liberdade de não se envolver nas rotinas, caso tenha outros compromissos; que sua filha sempre lhe informa que darão um jeito, caso ela não possa; mas que, ao mesmo tempo, se não tiver o que fazer, não vê problemas em buscar e cuidar da neta.

Em relação a como se sente sendo avó, a entrevistada informa que se sente bem e menciona:

Acho que eu queria. Olha, eu, quando criança, eu dizia que eu queria ter uma família bem grande, bastante filhos (graças a Deus que não foi, sabe? [risos]); tenho três só, mas eu queria, porque eu achava bonito aquela mesa com bastante, né? eu achava mesmo e acho ainda, né? [...] Eu me sinto bem assim, à maneira... se bem que lá em casa sempre está tudo cheio, né?

Rosa complementa:

Porque é bom, né? ter todos (como é que eu digo?) ver o crescimento deles, vendo assim como é que eles foram, né? Nem todos foram pelo caminho, assim [...], mas me sinto bem, assim, vendo, né? Eles crescer, digo, crescer, no caso, de acompanhar desde pequeno, pequenininho, desde bebê assim, e gosto, né? e espero que todos fiquem bem. Sempre, né? quando eu faço as minhas orações, eu sempre peço por eles, por todos, né? Então, é isso aí.

Sobre a relação que tem com os netos(as), ressalta que com a mais velha teve pouca convivência, mas que o amor que sente por eles é igual, que quando pede em suas orações por um, pede por todos, mesmo a esta neta que só tem visto por fotos. Em relação aos demais netos(a), salienta que: “o sentimento é mais”, devido à proximidade no crescimento e na convivência. Porém, destaca que ficaria feliz em ter mais contato com a neta (T).

Quando questionada sobre as partes boas de ser avó, Rosa menciona que estão relacionadas às coisas que convive com os netos(as), aos momentos de brincadeira, das coisas que conseguiu participar e do crescimento deles. Ressalta que, com a neta mais nova, está podendo viver coisas que não conseguiu com os filhos, assim enfatiza:

E ela faz assim: “Vem, vó, senta, senta”. Ela quer que eu dance com ela e dançar eu até danço em pé, aí eu danço e dou umas rodopiadas com ela; e aí ela quer que cante... então, é uma coisa assim que eu tô vivendo isso agora, que eu não vivi nem com os meus filhos, porque na minha vida toda, eu tive os três, mas com os três eu trabalhava, quer dizer, eu que digo assim: eu não posso dizer, ‘ah, eu

criei os meus filhos', eu não posso dizer, porque eles foram cuidados por outra pessoa, né? e eu via eles no fim de semana, nas férias e assim só pegava de noite pra dar banho, dar janta e dormir, então, eu que digo, né? porque eu já trabalhava, quando eu casei, eu já trabalhava [...]

Em relação às partes ruins, ou às mais desafiantes de ser avó, salienta que estão relacionadas às questões que envolvem o neto (E), pontua ser triste, difícil e ruim. Também a distância de ambos, por estarem longe, ficando mais difícil de acompanhar. A dificuldade de contato com a neta mais velha também é mencionada. Salienta ter desejo de maior aproximação.

Ao final da entrevista, ao ser questionada sobre como se define sendo avó, Rosa relata que: *“Eu acho assim, oh, que agora com a idade que eu tenho, eu procuro fazer o que eu posso, mas não sou tão ativa como eu antes, né? então, nessa parte [...] Eu gostaria de fazer mais coisas e não posso [...]”*. Menciona sobre as limitações físicas, as dores que sente e não pode pegar sua neta no colo, por exemplo, devido à cirurgia que realizou, relembra:

Eles lembram, o E, principalmente, que lembra muito que eu chegava e ele dizia, e ele era pequeno, e dizia assim: “ô vó, vamos lá pro [...] vamos lá, vó, sentar no solzinho, comer uma laranja, não sei o que, bergamota (porque eles gostavam muito de ir comigo)”. Aí, eu ia pra lá sentava com eles. Às vezes, eu jogava bola com eles no pátio, meu pátio é grande, jogava bola junto, né? mas essas coisas assim eu já não faço [risos]. Essas coisas assim.

Também destaca sobre seus medos atuais, em relação à sua condição física e a estar com sua neta mais nova, relata: *“De eu passar mal e estar com ela, isso é uma coisa que às vezes eu me preocupo. Mas, graças a Deus, até hoje eu não”*. E finaliza afirmando que:

Ah, eu tento ser eu mesma, no caso, né? Não adianta eu querer, né? Eu tento ser o que eu sou pra eles, pra eles me conhecerem como eu sou, né? sou de falar as coisas que eu tenho que falar, não sou de dizer mentira, de coisas nenhuma assim, eu falo o que tem que ser, a verdade, o que eles têm que ouvir, né? eu acho que eu sou assim.

Figura 9 - Mapa: Avosidade para Rosa



Fonte: Elaboração da autora (2024).

7.10 Lavanda

Lavanda é uma mulher negra de 66 anos, solteira, que possui ensino fundamental completo. Exerceu a profissão de doméstica e atualmente sua ocupação é como diarista e aposentada. Seu rendimento provém de aposentadoria, pensão e trabalho como diarista, com renda de 1 a 2 salários mínimos. Reside sozinha em apartamento em amortização, no bairro Belém Novo, na cidade de Porto Alegre.

A entrevistada relata ter sido avó com 42 anos de idade, e neste período vivia um momento de muita dor, pois havia perdido um bebê, fazia um ano. Menciona que a notícia da chegada de sua neta foi ótima, uma superação da recente perda, ocasião de grande alegria para ela e para toda a família, pois chegava a primeira neta e sobrinha. Enfatiza que foi *“uma realização em nossas vidas, eu como avó e eles(as) como tios(as)”*.

Lavanda possui oito netos(as), e dois bisnetos(a), sendo 4 meninos e 6 meninas, ao todo. Narra um pouco sobre cada um deles(as). Começa pela neta mais velha, (N) de 28 anos e sua irmã (N) de 23, destaca que ambas foram criadas por ela desde a infância.

Durante sua fala relata também que perdeu um neto com 17 anos, fato que lhe abalou muito, e que ainda sente muito, que este ela também ajudou a criar. Após, menciona a neta (T) de 21 anos e sua irmã (E) com 17 anos. Também (V) com 14 e (G) com 9, e o mais novo (a) dos netos com 3 anos; bem como os bisnetos, a menina (A) com 3 anos e o menino (J) com quase 2.

Comenta que tem boa relação com todos(as), que estão sempre em sua casa, “*sempre fazendo festa*”, que a convidam para sair. Destaca, em especial, a relação com as netas e o neto que ela criou desde pequenos.

[...] Depois ela veio morar comigo, né? [...] e aí ela ficava comigo, ia pra casa da outra avó, ficava comigo, até que eu resolvi resgatar e ficou morando comigo. Pequeninha, botei na creche, colégio, uma filha. Hoje tem ela e a irmã, as duas que eu criei. A irmã foi pra minha casa com 2 aninhos. Então, elas falam hoje que a referência delas sou eu, e que elas não sabiam o que ia ser delas antes, se eu não tivesse presente na vida delas.

Complementa:

[...] O menino, esse que perdi, ele sempre assim me respeitou. Ele respeitava mais a mim que eu fiquei com eles desde de pequenininho, porque a mãe trabalhava muito, ele e a menina, ele respeitava mais a mim que a mãe [...]

Lavanda salienta que foi desafiador assumir a responsabilidade com as netas após seus filhos já criados, relata: “[...] *Eu disse tá bom, mas eu não tava com essa ideia, não tava com essa ideia. Assim, eu criei os meus e depois que tudo começou a florir, aí veio essas duas pequenas*”. Informou que ambas moraram com ela até se casarem e saírem de casa.

Salienta que as netas (T) e (E) “*são gurias boas*”, que a mais velha trabalha e faz faculdade, e a mais jovem está terminando o colégio e fazendo estágio. Ainda, que (V) morou com ela durante a Pandemia, que reside perto da sua casa, que sempre auxiliou nos cuidados, ficava em sua casa após a escola. Com o neto (G) tem menor convívio durante a semana, pois o mesmo fica mais na casa da família materna, e com o neto mais novo (A) tem convívio semanal, auxilia nos cuidados e faz companhia. Destaca que de forma geral tem boa relação e proximidade com todos(as).

Sobre como se define enquanto avó, Lavanda narra que se sente feliz em executar esse papel, e complementa:

Ah, eu percebo que esse bando de neto está super bem, porque vivem na minha casa. Eu me sinto assim muito bem, porque minha mãe não conheceu, minha mãe morreu com 42 anos e os meus irmãos também, não tinham netos quando morreram, morreram tudo novos assim, e eu bah com esse bando de netos aí, eu me sinto fortalecida.

Em relação ao seu entendimento e aos sentimentos sobre ser avó, refere notar mudanças: que o sentimento se fortaleceu tanto com os netos(as), quanto com bisneto(a), que se sente bem feliz. Ressalta, também, que mesmo perdendo um neto nasceu um bisneto. Menciona também a falta que este neto faz, que se sente chateada e muito triste, mas que o sentimento com os demais netos(as) é o mesmo, que continua a mesma.

Lavanda ressalta que suas vizinhas eram avós diferentes dela, em relação ao tratamento com os netos(as), pois ela sempre fez tudo que pôde para auxiliar os seus filhos no cuidado e reparo, relata:

[...] eu cancelava aquele serviço pra ir atender elas assim, sabe? e as amigas, assim, as vizinhas da volta, eu não via fazendo isso [...] Eu achava assim, eu pensava, ou eu sou muito bobalhona, porque eu sou bem diferente delas, elas não ficavam com os netos, os netos ficavam daquele jeito, as mães saíam e deixavam os filhos sozinhos, e elas não iam lá colher as crianças, sabe? não faziam aquelas coisas no final de semana pra reunir e ver os netos, com os filhos, era tudo meio... e às vezes eu ficava olhando assim, eu digo: ou eu sou bobalhona, ou sei se estou fazendo certo.

Complementa: “*Eu acho que só isso, porque o meu tratamento com os meus netos era bem diferente, assim, sabe? foi como eu tratei os meus filhos, sempre acolhendo, sempre conversando, sempre [...]*”.

Em sequência, narra sobre as tarefas que executou e executa com seus netos(as), salientando que antigamente nas férias escolares ficavam todos(as) em sua casa, preparava desde o café da manhã. Já atualmente, as atividades estão relacionadas ao lazer, como passeios e brincadeiras, e que também, uma vez na semana, fica com seu neto mais novo para auxiliar na rotina de sua filha e genro.

Lavanda destaca gostar de ter seus momentos sozinha, para preservação do seu lazer, e que também cansa, após realizar muitas atividades com os netos mais novos. Salaria que, ao mesmo tempo que essa interação cansa fisicamente, auxilia a não se sentir sozinha.

Sobre a percepção se ocorreram mudanças em sua rotina após se tornar avó, a entrevistada destaca que não observou, pois sempre planejou sua rotina, mesmo quando suas netas eram pequenas e ela as criava. Salaria que nunca foi impedida de fazer o que desejava, e complementa: *“Então, se eu não quero fazer, faz pai e faz mãe. Eu não me sinto na obrigação de fazer, sabe? não, tem pai e mãe [...] E aí, nunca mudou assim.”*

Lavanda salienta que se sente uma avó realizada, pois os netos(as) lhe dão suporte, auxiliam quando ela está triste, estão sempre por perto e propondo algo para fazerem juntos, salienta: *“[...] Estão sempre assim, quando eu quero dar uma decaída, sabe? não tou a fim de sair. Então elas vêm e me puxam[...]”*. Também menciona que sua relação com eles(as) é ótima, são amorosos, possuem um contato diário por telefone ou pessoalmente, ressalta o zelo que possuem com ela.

Em relação às partes boas de ser avó, a entrevistada relata que elas existem, e estão relacionadas ao companheirismo dos netos(as), uma vez que os filhos(as) estão envelhecendo e muito ocupados com o trabalho. Salaria que os netos vêm auxiliar na saúde dos avós, que seria triste não ter netos(as). Define-se como uma avó que faz tudo que eles(as) querem, o que é muito bom.

Sobre as partes mais desafiadoras e difíceis de ser avó, salienta que hoje não as percebem, pois faz tudo que deseja, não possui uma relação de obrigatoriedade com os cuidados dos(as) netos(as), isto faz com que seja tranquilo.

Em relação a como se define avó hoje, destaca que não teria energia se tivesse que assumir as responsabilidades que teve no passado, ou até mesmo se tivesse que cuidar de netos(as) pequenos(as), ressalta:

“[...] Eu não teria esse pique, não mesmo, ia ser complicado de ficar com um bebezinho, sabe? aquela coisa de ficar que eu fiz pra todos eles, sabe? eu acho que hoje eu não faria, não teria pique. [...] Continuo a mesma. Eles já tão grandinhos, né? [risos] com os mais velhos tá, sim, tinha aquele pique, mas com os pequenos ainda tenho, mas se fosse hoje pra ter o primeiro neto seria diferente. E, nem pegaria as meninas pra morar comigo, não ia fazer.”

Complementa:

Esses dias eu até comentei com as gurias, eu digo: 'eu não sei de onde eu tirei tanta força pra começar tudo de novo, porque foi triste [...] Foi triste assim, já não tinha muito recurso também, né? Aí tinha que sair de madrugada pra levar no médico, aquele frio [...] Foi cruel assim, mas graças a Deus superei, consegui e elas reconhecem isso.

Figura 10 - Mapa: A avosidade para Lavanda



Fonte: Elaboração da autora (2024).

8 A BRISA QUE SOPRA DO JARDIM: CATEGORIAS DE ANÁLISE

As categorias de análise são teias de pensamentos, cada uma com suas peculiaridades individuais, mas vivenciadas coletivamente. Elas funcionam como luminárias, orientando a pesquisadora através do emaranhado de dados e iluminando caminhos entre vivências plurais e desconhecidas.

Essas categorias auxiliam a compreender realidades diversas, se entrelaçam formando uma estrutura e juntamente às narrativas se apoiam. Elas capturam essências, destilam realidades e refletem a profundidade dos fenômenos estudados. São janelas e espelhos: pois mostram os fenômenos vividos de forma interna e externa, permitindo assim a quem observa e pesquisa um diálogo composto pelo desconhecido e suas revelações. Elas não apenas organizam, mas sim revelam camadas, desdobrando-se em uma narrativa visual e conceitual que ilumina tanto o caminho percorrido quanto as descobertas feitas ao longo da jornada.

No jardim das narrativas colhidas durante este estudo, surgiram categorias que se destacam como temas recorrentes, entrelaçando as experiências individuais e coletivas das entrevistadas. Essas categorias, com as nuances de suas histórias, são como sementes que germinam. Elas não são apenas classificações impessoais, mas sim janelas que oferecem um vislumbre das subjetividades e objetividades que essas avós cultivam.

Nas próximas seções, proponho-me a cultivar essas categorias, não apenas como colheitas acadêmicas, mas como revelações perfumadas que dão voz às profundas camadas de significados das narrativas das entrevistadas. Cada uma traz um espécime único no jardim desta pesquisa, contribuindo para formar um buquê diversificado, sobre as diversas formas de perceber e viver as avosidades.

8.1 Jardins compartilhados: as relações intergeracionais entre avós e netos

Pensar sobre as relações intergeracionais vai nos exigir refletir sobre as novas configurações familiares. Na sociedade contemporânea, devido ao aumento da expectativa de vida, a possibilidade e/ou necessidade da permanência dos jovens nas

casas dos familiares são fatores que vão modificando as relações intergeracionais, conforme aponta Vitale (2018). Temos ao menos três a quatro gerações em um mesmo convívio social e familiar, e isso possibilita que muitas crianças e jovens convivam com avós ou até mesmo bisavós.

Nas narrativas das avós entrevistadas, observei que o convívio com netos(as) e bisnetos(as) se confirma, apesar das diversidades etárias entre os envolvidos. Por exemplo, Lavanda menciona a importância dessa convivência e destaca como o seu entendimento e os sentimentos sobre ser avó mudaram ao longo do tempo. Ela afirma que seu amor se fortaleceu tanto com os netos e netas quanto com os bisnetos(as), sentindo-se extremamente feliz. Lavanda ressalta que, embora tenha perdido um neto, o nascimento de um bisneto trouxe renovação e alegria à sua vida.

Conforme Vitale (2018), a figura dos avós habita no nosso imaginário, estabelecendo um importante elo entre as gerações, pois atuam no processo de transmissão da história e da memória familiar, revelando um tempo particular e também coletivo em relação a esse grupo. Dessa forma, as avós têm um papel de destaque na transmissão da herança simbólica e cultural que integra os legados geracionais, contribuindo para a continuidade e coesão da identidade familiar ao longo do tempo.

Complementando essa visão, Laraia (2021) enfatiza que a cultura é um fenômeno aprendido, não hereditário, que envolve tanto aspectos materiais quanto imateriais. Ele destaca que a cultura é uma característica universal da humanidade, fundamental para a adaptação do homem ao seu ambiente, e que varia significativamente entre diferentes sociedades. Essa variação cultural influencia as maneiras de pensar, sentir e agir dos indivíduos. Portanto, o papel dos avós na transmissão cultural, incluindo conhecimentos, crenças, arte, moral, leis e costumes, é crucial para moldar as capacidades e hábitos adquiridos pelas gerações mais jovens, integrando-as à cultura familiar e social de forma única e significativa.

Para as crianças, os avós são uma parte importante de sua vida; falar sobre eles é trazer referências familiares. Já os adolescentes podem perder esta influência à medida que se inserem em outros grupos. Do ponto de vista dos avós e com possíveis efeitos do processo de envelhecimento, as condições de saúde, renda e autonomia podem sofrer

alterações. Assim, avós de crianças, adolescentes e jovens adultos se aproximam, e o quadro das relações intergeracionais podem ser modificados (Vitale, 2018).

As mudanças na vida familiar, a monoparentalidade, as novas relações de casamento e/ou separação dos responsáveis enfatizam os laços intergeracionais e a presença das avós nas cenas familiares. Nas famílias que vivem alguma situação de vulnerabilidade, pode ocorrer a diminuição da autonomia, impedindo que os membros mais jovens e mais velhos acessem serviços e recursos, gerando assim uma necessária de solidariedade de subsistência material e afetiva.

Por sua vez, essas famílias, desprovidas de proteção social, tem necessidade de incrementar as trocas intergeracionais para responder às exigências dos diversos momentos do seu ciclo de vida. Os avós, como já foi apontado, participam ativamente dessas trocas (Vitale, 2018, p. 118).

O envelhecimento humano pode ser acompanhado do enfraquecimento dos laços afetivos da rede familiar mais próxima, e dos vínculos de amizade ou de trabalho (Elias, 2001). Essa etapa da vida pode ser marcada pela diminuição da autonomia, evidenciando uma maior intensidade dos vínculos entre avós e netos (Vitale, 2018). Dentre essa realidade, podemos considerar as avós que passam a cuidar de seus netos para que os pais se dediquem aos compromissos profissionais. Este auxílio é fornecido pelos avós muitas vezes por terem algum tipo de renda fixa, ou até mesmo mais tempo disponível, exercendo, assim, apoio material e acompanhamento educacional.

O rearranjo familiar com novas responsabilidades realizadas pelos avós é um tema recente nas pesquisas. Estes vínculos de aproximação entre gerações manifestam a avosidade. Conforme afirma Cardoso (2011), o século XXI é dos avós, desvelando uma intensa e complexa relação às gerações, manifestada pelo protagonismo, possibilitando uma nova forma de perceber o processo de envelhecimento humano, fortemente ligado às relações sociais e familiares. Para Teixeira e Rabelo (2021), são múltiplos os papéis que os avós executam, são cuidadores, provedores e pais dos pais, realizando apoio afetivo, social e financeiro para com seus familiares.

De acordo com Cardoso e Brito (2014), as autoras apontam as distintas formas de manifestação destes apoios, ressaltam que existem os avós que se responsabilizam por tempo indeterminado e/ou determinado dos netos, os que possuem convivência de final

de semana e aqueles que os encontram de forma esporádica, sendo plural as formas como os vínculos e periodicidade se manifestam.

Conforme apontam Teixeira e Rabelo (2021), existem múltiplas representações das avosidades e responsabilização dos avós para com seus netos, e estas fogem do aspecto romântico que esta prática pode soar historicamente. Muitas vezes, os avós desempenham funções no contexto contemporâneo que ultrapassam ações de menor responsabilidade, se tornam os atores centrais no apoio afetivo, material, na formação e no auxílio, bem como na construção das personalidades dos netos perante a sociedade.

Outros acontecimentos também podem modificar as relações familiares, como aponta Vitela (2018), quando ocorrem separações conjugais, ou na condição de monoparentalidade, com isso, estes eventos podem responsabilizar os avós a assumirem, temporariamente ou não, parte dos compromissos atribuídos aos pais. Muitas vezes, isso pode gerar entre avós e pais a formação de um par educacional provedor, por suas condições culturais e socioeconômicas, e em situações mais extremas filhos e netos podem voltar de forma temporária ou definitiva para a casa dos avós, podendo também gerar a diminuição da renda familiar, devido ao maior número de membros (Vitela, 2018).

As dinâmicas entre diferentes gerações são essenciais para refletir sobre o papel de ser avó. Essas relações oferecem oportunidades e desafios, ao mesmo tempo que servem como suporte mútuo, em que a solidariedade familiar é praticada. Desta forma, os avós assumem importante papel nas relações familiares, pois são:

[...] personagens em movimento na cadeia das gerações, mas talvez permaneçam em nossa memória como figuras cristalizadas em determinado momento do percurso. A herança simbólica por eles transmitida é mantida e/ou recriada ao longo das nossas vidas, no processo de continuidade e descontinuidade dos bens simbólicos recebidos (Vitela, 2018, p. 122).

De acordo com as reflexões propostas pela autora sobre as simbologias e memórias afetivas que associamos aos avós, destaca-se a pesquisa conduzida por Silva (2012). Nesse estudo, crianças foram entrevistadas sobre suas percepções e experiências com os avós, e 92% delas relataram que os avós eram responsáveis por seus cuidados, incluindo alimentação, vestuário e a contação de histórias. Segundo Viebig e Almeida

(2021), há significativos benefícios e vantagens nas trocas afetivas e de conhecimentos entre gerações, especialmente envolvendo as avós. A figura da avó ocupa um lugar importante no imaginário coletivo, estabelecendo um elo essencial entre as gerações. As avós desempenham um papel crucial no processo de transmissão da história e da memória familiar, revelando uma dimensão tanto particular quanto coletiva em relação a este grupo (Vitale, 2018).

Desta forma, podemos considerar as avós, como já discutido são importante apoio emocional, social e econômico, indispensável para muitas famílias em diversas realidades, considerando a transferência dos valores sociais e culturais que propagam as demais gerações. Essa relação de apoio configura-se de maneira mútua, uma vez que o convívio proporciona benefícios e assistência em situações de enfermidade, luto e depressão, além de contribuir para a preservação da autoestima ao se sentirem valorizadas pela utilidade social que desempenham. Assim, através do afeto e da convivência entre netos e avós, são preservadas as condições para a qualidade de vida individual e coletiva.

8.2 As raízes deste jardim: diferentes dimensões de apoio

Esta categoria foi constituída com a finalidade de conhecer como mulheres idosas descreviam suas rotinas e afazeres relacionados às avosidades. Pude perceber que a materialização destes no cotidiano vivido manifesta-se através do apoio social mútuo entre as avós e seus netos(as). Isso foi percebido em formato material, afetivo e emocional, de informação e de convívio e interação social.

A definição de apoio social pode ser compreendida através dos recursos disponibilizados por grupos ou por pessoas com quem são mantidos contatos articulados, que podem resultar em efeitos emocionais ou comportamentos positivos. Essas trocas podem se manifestar de forma mútua, de um indivíduo para com o outro, e também no âmbito coletivo dessas vivências, podendo se manifestar na contribuição emocional, afetiva e também no auxílio material, na valorização das relações que os sujeitos reproduzem, conforme afirma Uchino (2004 *apud* Rodrigues; Seidl, 2008).

Os conceitos indicam que a participação dos sujeitos, coletivos ou comunidades,

está implicitamente presente e se manifesta nas conexões entre os recursos e os procedimentos de suporte. Dessa forma, o apoio social não deve ser visto apenas como uma teoria construída, mas sim como um processo complexo e dinâmico que envolve interações entre os indivíduos e suas redes de relacionamento. Este processo visa suprir necessidades sociais, promover e complementar recursos pessoais, permitindo que as pessoas lidem com novas demandas e alcancem novos objetivos (Martins, 2005).

De acordo com Griep, Chor e Faerstein (2003, apud Norbeck *et al.*, 1981), o apoio social compreende uma dimensão funcional e/ou qualitativa nas relações sociais estabelecidas. Isso significa a capacidade de contar com alguém em situações difíceis, recebendo, por exemplo, ajuda material, emocional ou afetiva. Além disso, o apoio social também envolve o sentimento de pertencimento e valorização em contextos coletivos dos quais os indivíduos fazem parte. O apoio social pode ser classificado em diferentes categorias: apoio emocional e afetivo, interação social positiva, apoio informativo e apoio instrumental ou material, conforme descrito por Bowling (1997), Norbeck *et al.* (1981), Östergren *et al.* (1991) e Sherbourne e Stewart (1991 *apud* Griep; Chor; Faerstein, 2003).

De forma complementar, os estudos de Barrón (1996) sugerem uma abordagem mais simplificada para caracterizar o apoio social e suas subdivisões, nomeadamente: apoio emocional, apoio material e instrumental e apoio informacional. O apoio emocional abrange ações voltadas para o desenvolvimento de habilidades comunicativas e o bem-estar emocional do indivíduo. Este tipo de apoio faz com que o sujeito se sinta querido, amado e respeitado, incluindo expressões ou demonstrações de amor e empatia.

O apoio material e instrumental caracteriza-se pelas ações e recursos fornecidos por terceiros para resolver problemas práticos ou facilitar a realização de tarefas cotidianas. O objetivo deste tipo de apoio é, frequentemente, criar oportunidades de lazer. Já o apoio informacional refere-se ao processo pelo qual as pessoas recebem informações e orientações relevantes, ajudando-as a compreender e a adaptar-se às mudanças vivenciadas.

Em uma abordagem complementar, Barrón (1996) pontua os estudos de Cohen e Will (1985), Cutrona e Russell (1990), Powell e Enright (1990) e Vaz Serra (1999), os quais identificam seis tipos distintos de funções que o apoio social pode assumir. Destacarei duas dessas funções, que se diferenciam das demais e são particularmente

úteis para este estudo. O apoio perceptivo, que auxilia os indivíduos na reavaliação de seus problemas, na ressignificação de suas experiências e na definição de metas mais realistas; e o apoio de convívio social, que se realiza através do contato com outras pessoas em atividades de lazer e culturais, promovendo o pertencimento a uma rede social.

No que se refere à manifestação dos tipos de apoio fornecidos e observados pelas avós entrevistadas, estes estão materializados em suas narrativas. Portanto, convido aos leitores(as), ao prosseguirem com a leitura do presente estudo, a revisitar as transcrições e os mapas das avosidades como uma forma de correlacionar os conceitos apresentados com a materialidade das vivências e ações realizadas pelas avós.

8.2.1 Apoio social material

Sendo o apoio material percebido como um tipo de apoio instrumental também, assumem-se características voltadas às ações e aos recursos fornecidos e recebidos, voltados a resolver problemas práticos ou facilitar a realização de tarefas cotidianas. Neste contexto, a materialização do apoio material fica evidenciada nas relações que as avós entrevistadas estabelecem com seus netos(as), muitas afirmam realizar afazeres domésticos, como, por exemplo, cozinhar, cuidados com a higiene, envolvimento com rotinas da escola, consultas. Esse tipo de apoio também se manifesta quando relatam auxiliarem com alguma necessidade ou manutenção financeira.

O auxílio financeiro é destacado de forma objetiva por três das entrevistadas. Para Margarida, ele se manifesta na contribuição que fornece ao neto, com a compra de passagens e ajuda na aquisição de roupas e utensílios. Esse tipo de apoio é manifestado pelas avós como um gasto que aumenta, mas ao mesmo tempo é realizado por desejo.

Para as avós entrevistadas, envolver-se nos cuidados diários dos netos provoca mudanças em suas rotinas, exigindo que reorganizem horários e compromissos. Elas mencionam a necessidade de maior atenção aos riscos domésticos quando os netos são pequenos. Além disso, a diferença de idade entre os netos requer tarefas variadas, demandando mais ou menos atenção, conforme a faixa etária. Destacam que os cuidados incluem preocupações com doenças, machucados e até mesmo injustiças que

os netos possam enfrentar. Durante as narrativas, ficou evidenciado que também percebem certa dependência dos netos adolescentes e jovens adultos. Notam que, como avós maternas, têm maior envolvimento, ocupando um papel de destaque na estrutura familiar, tanto afetiva quanto funcional.

Essa responsabilidade pode ser atribuída a diversos fatores socioculturais que conferem à avó materna compromissos mais frequentes e abrangentes do que às avós paternas. Quanto a isso, conforme relata Girassol: "*Eu praticamente era mais responsável porque era filha mulher, então, ficou mais pro meu lado, avó materna. Eu me envolvi muito com a B. Quando minha neta nasceu, fui para a casa da minha filha, fiquei com ela e cuidando da B, me envolvi muito.*"

Este papel social reflete tradições, expectativas e dinâmicas familiares que podem variar entre diferentes culturas, mas que frequentemente posicionam a avó materna no centro da vida familiar. Em muitas culturas, a mãe da mãe é presumida ter uma influência significativa na criação dos netos, reforçando a tendência de as mulheres serem as principais cuidadoras nas famílias. Essa dinâmica naturalmente estende esse papel de cuidado à geração mais velha.

Já em relação às outras avós que as entrevistadas possuem contato, ressaltam perceber que amigas ou vizinhas são exploradas pelos filhos e netos. Explicam que essa exploração ocorre porque essas avós assumem responsabilidades que não desejam, desempenhando simultaneamente os papéis de avós e pais. Amor Perfeito identifica essa realidade destacando sobre a necessidade de deixar os filhos terem o papel de pai e mãe, e não "*a avó assumir os dois papéis, de mãe e vó*". Acrescenta que "*tão largando e sai, parece que tão largando tudo para a vó, se puder deixa para a vó*".

Esse relato da entrevistada evidencia o que acontece em algumas realidades experimentadas pelas avós. A mesma salienta a importância de permitir que os pais desempenhem seus papéis, em vez de sobrecarregar as avós com essas responsabilidades.

Essa maior carga adquirida por algumas avós acaba resultando em um envolvimento de tempo e energia muito maior do que elas gostariam. Em resposta a essa situação, essas avós destacam a necessidade de estabelecerem limites claros, conforme apontado pela entrevistada acima.

Outros tipos importantes de apoio mencionados pelas avós foram os afetivos e informativos, que promovem uma maior troca e aproximação com os netos e netas.

8.2.2 Apoio emocional, afetivo e de informação

O apoio emocional está associado ao processo de afetividade, englobando sentimentos representados e encorajamentos durante vivências difíceis. Este conceito é bastante próximo ao apoio afetivo, que se manifesta por meio de carinho, atenção e cuidados. Essas ações visam fomentar práticas que promovam o bem-estar emocional de uma pessoa, fazendo com que ela se sinta querida, amada e respeitada. Incluem expressões ou demonstrações de empatia e gratidão, contribuindo para a estabilidade emocional e o fortalecimento dos vínculos interpessoais.

Esse tipo de apoio social é manifestado por todas as avós entrevistadas, e é contido nas trocas de carinho, amizade e atenção que estabelecem. Girassol destaca o carinho e a dedicação recebidos de todos os netos, percebendo uma relação de apoio mútuo. Ela relata que uma das melhores partes de ser avó é quando chega na casa dos filhos e é recebida com um carinho especial pelos netos, comentando:

[...] Aí eles vêm: “aí que saudade de ti, (eu, no caso) minha gordinha, minha avozinha”, não sei o que, e abraça nós, sabe? Aí, eu e o J. “Olhe, chegou os ‘veinhos” – A I e o M, quando nós vamos lá: “Olhe, chegou os ‘veinhos’, pai e mãe, chegou os veinhos. Ô, gordinha, ô vozinho”. Assim, sabe? É o carinho que a gente é recebido por eles, que eles têm pela gente, entende?

Tulipa resume essa experiência, ao expressar o profundo carinho e satisfação que uma avó sente ao ver os olhos de seu neto olhando para ela com amor e carinho. A simples frase "Vó, eu te amo" provoca uma sensação de felicidade intensa e incomparável para ela.

Com isso, também percebi que, para além da afetividade que as avós sentem, também acabam transferindo para os seus netos e netas. Ressaltam assim as afetividades contidas, na amizade, no carinho, na atenção de forma bastante recíproca com seus netos e netas, de forma intergeracional.

Juntamente a estes tipos de apoio, também se destaca a importância do apoio de informação nas relações que as avós estabelecem com seus netos(as). Este apoio caracteriza-se pelas ações de aconselhamento em situações ou vivências desafiadoras, também com enfoque informativo educacional, e este está atrelado e atravessado pelo apoio emocional e afetivo, nas falas trazidas. O apoio de informação aparece nas atividades voltadas a auxiliar em dificuldades diversas e também na transmissão de saberes, nas trocas que realizam.

Esses apoios são percebidos através da amorosidade, da amizade, da cumplicidade, do respeito e do companheirismo que ocorrem nas trocas geracionais. Também na forma como as avós acabam orientando os netos em suas experiências vivenciadas e assim compartilhando conhecimentos. Percebi, ao longo das narrativas trazidas, que essas relações de convívio trazem sentimentos de renovação, sentido de vida, identificação, ao se verem nos(as) netos(as), além disso um amor que aumenta e renova, bem como a sensação de serem valorizadas.

Conforme apontam, Tulipa relata sentir-se feliz e abençoada, considerando um privilégio ser avó. Ela descreve a experiência como um amor renovado e um renascimento gratificante. Flor de Maio enfatiza que ser avó é uma renovação, um ato de abraçar e acolher um ser indefeso, permitindo-lhe estar mais presente e experiente na vida da neta.

Assim, os afetos se intensificam, tornando-se essenciais na vida das avós, destacando novas perspectivas e o prazer na realização dessas atividades. Esse papel é visto como uma experiência enriquecedora, proporcionando um sentimento de excelência, convivência e, como definiu Rosa, uma sensação de “*casa sempre cheia*”.

8.2.3 Apoio de interação e convívio social

O apoio de interação e convívio social está relacionado ao contato com outras pessoas, para atividades de descontração, permitindo o pertencimento a uma rede social ou a uma formação de novas. Está relacionado aos momentos de lazer e de cultura, que são vivenciados de forma positiva, nas trocas que podem ser manifestadas através das

visitas que as avós recebem e fazem aos netos(as), nos passeios, nas brincadeiras, nos almoços e nas datas comemorativas.

Conforme trazido em suas narrativas, Orquídea salienta que, com os netos mais velhos, a convivência é mais esporádica, pois eles são mais independentes e já trabalham. Quando precisam de algo, geralmente é para aconselhamento, conversas e troca de ideias, "*às vezes é mesmo para ouvir uma palavra*". Às vezes, eles a convidam para almoços em suas casas, pois possuem independência financeira, mas Orquídea está sempre disponível para ajudar.

Lavanda destaca que "*[...] o meu tratamento com os meus netos era bem diferente, assim, sabe? Foi como eu tratei os meus filhos, sempre acolhendo, sempre conversando, sempre...*". Ela narra sobre as tarefas que realizou e ainda realiza com os netos, destacando que, antigamente, nas férias escolares, todos ficavam em sua casa, e ela preparava o café da manhã. Atualmente, as atividades envolvem lazer, como passeios e brincadeiras. Uma vez por semana, ela cuida do neto mais novo para auxiliar na rotina da filha e do genro.

Para Amor Perfeito, o contato mais frequente é com a neta de 3 anos: "*Ela vai lá em casa, a gente brinca*". As netas de 4 e 6 anos, que moram no Canadá, visitam ocasionalmente: "*Aí vão lá em casa, a gente faz as comidinhas que elas gostam e brinca*". Ela também tem outras duas netas, de 4 e 15 anos, com quem tem um contato mais eventual: "*O pouco contato é assim: quando vai em um domingo a um churrasco, aí chegam lá em casa, e também me chamam de vó*".

Margarida afirma que não há atritos na relação com os netos, que se identifica como uma avó amiga: "*Amiga demais. Eu me preocupo demais, do nascimento aos estudos*". Salienta sua preocupação e as orações pelos netos, sempre aconselhando para o bem de todos.

As avós destacaram que suas atividades voltadas aos netos incluem disposição para momentos de lazer, intervenções educacionais e suporte geral. No entanto, duas das entrevistadas mencionaram os desafios físicos decorrentes dessas atividades, como a diminuição da energia, a resistência física e o surgimento de dores.

Rosa, ao final da entrevista, quando questionada sobre como se define sendo avó, respondeu: "*Eu acho que, com a idade que tenho agora, faço o que posso, mas não sou*

tão ativa como antes. Gostaria de fazer mais coisas, mas não posso". Ela mencionou as limitações físicas e as dores que sente, impedindo-a de pegar sua neta no colo, especialmente após a cirurgia que realizou. Também destacou seus medos atuais relacionados à sua condição física e ao estar com sua neta mais nova, preocupando-se: *"Imagina eu passar mal e estar com ela, isso é uma coisa que às vezes eu me preocupo"*. Ademais, Lavanda enfatizou que não teria energia para assumir as responsabilidades que teve no passado ou cuidar de netos

Além disso, relataram que a comunicação e o convívio podem ser limitados pela distância geográfica. Por exemplo, quando os netos se mudam para outro bairro ou cidade ou até mesmo vivem em outro país, isso dificulta o contato frequente. Além do mais, o crescimento dos netos e netas e as mudanças nas fases da vida também afetam a relação com as avós, pois os interesses e as prioridades mudam, resultando em menos tempo e atenção trocada com as avós.

Contudo, percebi que, embora esse tipo de apoio abarque aspectos positivos na vivência entre netos e avós, também existem limitadores que podem condicionar ou até mesmo diminuir a interação social e a convivência entre ambos. Ao refletirmos sobre as diversas formas de apoio social, observamos que elas não se manifestam da mesma maneira para todos os envolvidos. No entanto, essas ações mútuas são fundamentais para permitir e facilitar as relações sociais intergeracionais.

Assim, em concordância com Martins (2005, p. 129), "o apoio assume-se como um processo promotor de assistência e ajuda através de fatores de suporte que facilitam e asseguram a sobrevivência dos seres humanos". Nessas perspectivas trazidas, destaca-se a importância de o apoio social estar ligado à proximidade afetiva dos indivíduos, baseando-se em relações de confiança, e como algo que manifesta e cria possibilidades de auxílio via suporte para as diversas necessidades de sobrevivência na vida humana, sejam elas materiais e/ou no campo das relações afetivas.

Outrossim, os autores Brito e Koller (1999), Pietrukowicz (2001), Barrios (1999) e Valla (1998) vão complementar, destacando que pode ser compreendido como qualquer atividade ou energia recebida ou transmitida por familiares, amigos, entre outros grupos, ou com qualquer pessoa que ofereça apoio afetivo ou material. Esse apoio inclui a forma comunitária, as redes sociais e as relações íntimas. O apoio social considera a

reciprocidade de benefícios, tanto pela pessoa que recebe quanto pela que oferece, pois ter apoio social é sentir-se estimado, gerando uma rede social de situações e sentimentos mútuos.

Frente a estas definições e percepções destacadas, percebo que a relação das entrevistadas com seus netos e netas é permeada destas afetividades que podem se manifestar de maneira subjetiva, dentro do apoio emocional, na forma como demonstram atenção, carinho e cuidados, no apoio afetivo e também na manutenção de necessidades objetivas, quando elas auxiliam nos afazeres domésticos, nas rotinas escolares e na ajuda financeira. Assim como nos momentos de aconselhamento em situações desafiadoras de forma mútua, juntamente com os momentos de lazer que vivem com seus netos(as).

Assim, observa-se que as avós têm assumido um papel social significativo, prestando apoio tanto aos filhos quanto aos netos, o que pode aumentar sua valorização ao oferecerem seus cuidados (Dias; Aguiar; Da Hora, 2010). Essas avós proporcionam suporte moral, financeiro e afetivo aos membros da família (Cardoso, 2011). Além disso, o aumento da expectativa de vida permite a convivência de mais gerações no ambiente familiar e social, fortalecendo as relações intergeracionais. As experiências de múltiplas gerações são moldadas por diversos fatores e pela forma como as avosidades são representadas.

8.3 Um jardim multicolorido: a beleza da diversidade

Ao longo das conversas que tive com as avós entrevistadas, observei que não existe um único padrão ou formato de ser ou estar avó, ou até mesmo de se envolver com os netos(as). Conforme Vitale destaca:

Cuidar, educar ou ser responsável? Disciplinar, ser companheiro das brincadeiras, contar histórias, oferecer pequenos presentes, passeios, guloseimas, conselhos, ouvir sentimentos, segredos, acolher suprir algumas necessidades infantis, ajudar a sustentar, transmitir as histórias familiares... Esses e tantos outros aspectos indicam a diversidade de situações que envolvem os/as avós (2018, p. 113).

São diversas as atividades assumidas pelas avós, bem como também possuem múltiplas características. Conforme observado nos relatos, percebi que as avós podem assumir distintos papéis e perfis. Inicialmente, é importante destacar que muitas avós vivenciaram a avoividade antes mesmo de chegarem aos 60 anos. Assim, tornaram-se avó antes da idade tradicionalmente construída nos imaginários sociais.

A experiência das avós jovens, frequentemente referidas como "avós contemporâneas", evidencia as mudanças nas dinâmicas familiares e nas expectativas de vida, proporcionando uma perspectiva diferenciada sobre o papel de ser avó na sociedade moderna, conforme destaca Carvalho (2023). Essa realidade pode ser observada no estudo, em que Lavanda relata ter sido avó com 42 anos, e neste período vivia um momento de muita dor [...]. Assim, muitas mulheres que se tornam avós mais jovens estão vivendo estágios distintos da vida, o que ocasiona desafios diversos.

Já em relação às responsabilidades assumidas por estas avós, algumas terão mais obrigações com os cuidados e outras serão avós de final de semana, demonstrando a diversidade desta vivência. Algumas irão realizar trocas com as demais avós sobre seus netos(as), outras terão mais acessos a bens e serviços, configurando uma diversidade econômica, cultural e também de acessos. Porém, um fator que foi notório em todas as narrativas são as trocas afetivas e amorosas que realizam com os(as) netos(as).

Para refletir de forma ampliada sobre as múltiplas formas de avoividade, descreverei algumas características das avós que a literatura ajudou a problematizar e que também percebi nas narrativas. Existem as *avós de primeira viagem* (Monteiro, 2014), que podem estar aguardando a chegada dos netos ou serem surpreendidas pela notícia sem esperar, ou até mesmo se considerarem muito novas para assumir esse papel. Segundo Aratangy e Posternak (2005, p. 59), não há uma idade cronológica exata para se tornar avó. Eles ressaltam:

Não adianta fazer conjecturas sobre qual seria o momento certo de se tornar avó ou avô: essa não é uma decisão pessoal, em resposta a um desejo; nem cronológica, que dependa de se chegar a uma determinada idade. Também não é uma etapa do desenvolvimento, um evento automático e natural, o que acontece quando as pessoas atingem a maturidade. Para que você se torne avó é preciso só que outras pessoas - com os quais você mantém um vínculo de parentesco e, dê preferência, também afetivo - tomem uma decisão importante para a vida delas, sobre o qual você não tem poder nem controle.

Para os autores, o momento certo para ser avó é exatamente o momento em que os filhos se tornam pais. Ao contrário do que muitas vezes pensamos, a notícia da chegada de um neto(a) pode despertar inúmeros sentimentos, estes podem ser de grande alegria e expectativas, bem como podem causar inseguranças, conflitos e novos desafios.

Da mesma forma, existem *as avós não consanguíneas*, mas sim afetivas, que surgem a partir das novas estruturas familiares. Essas novas configurações permitem o desenvolvimento de conexões baseadas no afeto, em vez de exclusivamente em laços de sangue. As avós podem assumir ou envolver-se periodicamente nos cuidados ou na criação dos netos(as) dos companheiros(as), sem necessariamente possuírem vínculo consanguíneo.

A autora Monteiro (2014) também irá destacar *as avós que criam*, estas assumem diversas formas de responsabilidade para com os cuidados dos netos(as) com distintas faixas etárias. Os motivos são distintos, no que tange à necessidade de assumirem as criações.

Os (as) avós passam a ter a guarda e a se responsabilizar pelos(as) netos(as), devido às situações de doença mental dos pais, dependência química, negligência, quando estes vão morar no exterior, situações de pais menores de idade, ou quando os pais falecem (2014, p. 71).

Enfatiza a difícil tarefa envolvida neste processo de criação e responsabilização, especialmente quando se tem outros planos para esta fase da vida, como dedicar mais tempo ao lazer, que não incluem a responsabilidade de se envolver na educação das crianças e adolescentes. No entanto, a realidade mostra que muitas avós acabam assumindo esses compromissos, muitas vezes sem desejar.

Existem inúmeros desafios na criação dos netos, o que vai exigir das avós firmeza e auto realidade, e ao mesmo tempo amorosidade, situação que pode apresentar dificuldades, devido à distância das gerações. [...] os avós precisam se renovar, mas sem perder ou deixar de lado os seus valores [...]. É bastante difícil o processo de educação e criação dos netos, pois atrelado a isso os/as avós podem perder o privilégio das flexibilidades, para curtir e mimar os netos (MONTEIRO, 2014, p. 71).

Outro importante fato trazido é a necessidade de “*renovação dos avós*”, principalmente com os netos adolescentes, fato bastante mencionado nas narrativas das entrevistadas. A autora ajuda a refletir sobre:

Em relação aos netos adolescentes, deixe que eles contem as coisas, sem se apressar em julgar os atos. Os avós não precisam concordar com tudo que os netos pensam, fazem ou sentem, mas devem mostrar empatia. Os jovens precisam se sentir compreendidos, mesmo que você não aceite o seu comportamento. É um exercício difícil, mas necessário, para a abertura do diálogo e um processo orientativo (2014, p. 74).

As avós entrevistadas destacaram a importância de acompanhar a evolução dos tempos e de não se manterem presas a ideias e a comportamentos do passado. Elas reconheceram que, para entender e se conectar melhor com seus netos e netas, é essencial estar atentas às mudanças culturais, tecnológicas e sociais. Essa atitude evita que sejam vistas como antiquadas e permite que atendam melhor aos desejos e às necessidades das novas gerações, mantendo uma relação mais harmoniosa e atualizada com os mais jovens.

As *avós de fim de semana, ou avós do lazer*, também são frequentemente mencionadas nas narrativas. Essas são aquelas que desejam apenas os momentos de recreação e descontração com os netos, sem as rotinas rígidas ou compromissos sérios que tiveram com seus próprios filhos. Amor Perfeito resume esse desejo da seguinte maneira: “*Eu quero só a parte boa do lazer*”. Para Monteiro (2014), a avó de fim de semana pode ser identificada como aquela que “*deita e rola*”, utilizando o tempo para marcar sua presença de maneira positiva na vida dos netos (p. 80). Ela cria momentos marcantes através de jogos, histórias, brincadeiras, almoços ou lanches especiais, assistindo a filmes ou fazendo passeios.

Ao mesmo tempo, é preciso considerar os gastos de energia que essas atividades com as gerações mais novas podem dispendir. Isso aparece nas narrativas das avós entrevistadas, assim como no estudo de Cardoso (2011):

Com relação à diversão, muitas avós nos grupos identificaram passeios e brincadeiras que gostam de fazer com os netos [...] ainda que muitas sintam-se cansadas fisicamente ou não consigam acompanhar o ritmo das crianças. Elas acham os passeios e a diversão muito prazerosos e gratificantes e disseram que

dividem com os netos momentos de muita alegria, que eles adoram inclusive, até com as limitações dos avós. São momentos significativos para elas [...] (p. 174).

Desta forma, embora o corpo possa apresentar alguns limites físicos a estas avós, percebi a importância dos compartilhamentos dessas vivências com os netos. Esses momentos permitem não apenas a interação social, mas também uma melhor compreensão dos papéis que desempenham enquanto avós.

Em relação às formas como se percebem avós, destaco dois grupos mencionados no estudo para demonstrar como foram narrados. Primeiramente, as responsabilidades decorrentes do convívio com os netos e também os benefícios percebidos com os novos conhecimentos e a preservação de suas autonomias. Assim, estarei abordando tanto as obrigações quanto às vantagens percebidas pelas avós na convivência com seus netos e netas.

8.3.1 O convívio e as responsabilidades

O papel das avós na família moderna pode variar bastante, mas frequentemente envolve uma combinação única de convívio afetuoso e responsabilidades compartilhadas. As avós podem desempenhar funções que vão desde cuidadoras até mentoras, moldando significativamente a vida de seus netos(as). Em relação ao convívio e aos afetos, percebi que, nas narrativas trazidas, as avós, em sua maioria, possuem um relacionamento especial com seus netos e netas, marcado por um amor incondicional e uma paciência que muitas vezes só vem com a maturidade.

O tempo compartilhado entre avós e netos(as) acaba trazendo riquezas às jornadas dos mais jovens e mais velhos, possibilitando conforto emocional e momentos de felicidade e aprendizagem. Juntos realizam inúmeras atividades que vão desde os simples momentos na cozinha até as narrativas das histórias, passando pela troca de habilidades e brincadeiras animadas. Esses momentos criam memórias afetivas e tecem laços geracionais.

Sobre esse convívio com os(as) netos(as), algumas avós trouxeram sobre as afinidades existentes e mais fortalecidas com um único(a) neto(a), principalmente com aqueles(as) que residem na mesma casa ou próximo de suas residências, por acabarem

tendo mais proximidade e com isso trocas mais frequentes. Nos estudos de Barros (1987), Silva e Dias (1999) e Dias *et al.* (2021), as "preferências afetivas" também são abordadas.

Para Barros (1987, p. 119), ao trazer as narrativas dos participantes de sua tese, "[...] a ideia de amizade junta-se a essa relação de preferência, dando-lhe feição de companheirismo e gratificação mútua". Essa ideia de afeição também está presente em Silva e Dias (1999) e Dias *et al.* (2021), juntamente com a importância da proximidade geográfica (Dias, 2021, p. 69). Embora as relações de maior proximidade por preferências sejam destacadas, as entrevistadas também mencionam ter boas relações com os demais netos e netas.

Observei, ao longo das narrativas, que não se trata de desamor pelos outros netos, mas sim de fatores como as diferentes faixas etárias, maiores necessidades de cuidados, mudanças de território dos pais e, conseqüentemente, a construção de laços afetivos mais estreitos, que podem materializar essas afinidades. Além dessas relações de amizade proporcionadas pelo convívio com os netos, as avós destacaram que a proximidade permite acompanhar a evolução, tanto pessoal quanto profissional, deles.

No que tange às responsabilidades, a literatura e as realidades narradas evidenciam que são muitas as avós assumindo papéis ativos na criação dos netos e netas, especialmente em famílias em que os pais trabalham ou em casos da ausência permanente destes. Esses compromissos podem incluir cuidados diários, como buscar na escola, ajudar com deveres de casa e prover refeições. Esse envolvimento direto oferece suporte essencial à estrutura familiar.

As avós também desempenham um papel crucial na transmissão dos valores, tradições e histórias da família. Devido ao vasto conhecimento e à experiência de vida, são recursos valiosíssimos que ajudam a orientar os jovens em seu desenvolvimento intelectual e social. Ao compartilharem suas histórias de vida, as avós entrelaçam as raízes culturais e realizam suporte emocional ao ofertarem trocas para aconselhamentos que são vitais nas relações afetivas geracionais, auxiliando assim na travessia de situações complexas que podem ocorrer ao longo da vida jovem ou adulta.

Assim, nas narrativas trazidas pelas avós, estas demonstram responsabilidades percebidas de formas diversas. Algumas ressaltam que os compromissos assumidos

com os netos e netas se aproximam e se distanciam daqueles que tiveram com seus próprios filhos. As percepções mais próximas estão relacionadas aos netos que foram criados pelas avós ou que ainda possuem algum tipo de dependência emocional, afetiva ou material na vida jovem adulta. Desses são cobrados comportamentos assertivos e responsáveis, conforme apontado: *“Esse tratamento é para todos os netos, que são cobrados pelos seus comportamentos e atitudes”* (Rosa - entrevistada). Essas cobranças podem ser entendidas como formas de cuidado, pois as avós acompanham os desafios vividos por eles.

Ao mesmo tempo, elas também percebem a intensidade das responsabilidades assumidas na avosidade. Conforme narrado: *“Ser mãe é plantio. Ser vó é colheita. E eu tô colhendo assim, sabe? É um amor vagabundo. Não tenho mais obrigação de acertar”* (Flor de Hibisco). Ao longo das narrativas, percebo que as interpretações sobre as responsabilidades assumem um caráter plural, sem um certo ou errado definido. No entanto, essas responsabilidades são vistas como compromissos que as avós assumem, algumas com maior leveza e outras com mais seriedade, devido a situações complexas que podem influenciar a criação e exigir (re)planejamento das rotinas.

Outra importante manifestação trazida a partir das relações com as demais avós que as entrevistadas convivem foi em relação aos filhos e às filhas e à necessidade de maior responsabilização destes. Mais de uma avó pontua verificar a inversão dos papéis no que tange ao compromisso destas com os netos e netas, conforme aponta Amor Perfeito: *“as avós estão tendo um outro papel: avó e mãe ao mesmo tempo; porque acho que os filhos estão deixando tudo para a avó, largando as crianças”*. Destaca, ainda, a necessidade de deixar os filhos terem o papel de pai e mãe, e não *“a avó assumir os dois papéis, de mãe e vó”*, e alerta sobre a necessidade de os responsáveis assumirem suas atribuições.

Desta forma, percebi a importância de refletirem sobre os limites existentes ao prestarem diversos tipos de apoio aos seus familiares. Enquanto desfrutam do convívio, também assumem responsabilidades com os netos e as netas. Assim, é essencial que as avós consigam garantir sua autonomia, estabelecendo limites possíveis. Esse equilíbrio é crucial para manter seu bem-estar, permitindo que aproveitem seus interesses e compromissos pessoais. Ao mesmo tempo que estas responsabilidades são

vivenciadas e com elas alguns desafios, as avós trazem em suas narrativas o imenso prazer de ajudar os filhos e filhas, nos cuidados com os netos e netas, pois assim criam e fortalecem os vínculos de confiança com ambos, podendo ser: “*uma avó em que os filhos confiam*” (Flor de Hibisco).

É de suma relevância salientar que aqui não estou criando um receituário de como devem ou não agirem as avós, somente apresento alguns elementos importantes e observados sobre suas percepções ao executarem esse papel. Desse modo, o que percebo é uma grande diversidade de realidades e manifestações que atravessam o convívio e as responsabilidades desenvolvidas com seus netos(as) e filhos(as). Muitas destas podem ser verificadas nas transcrições trazidas.

Assim, o convívio e as responsabilidades exercidas na avosidade são experiências multifacetadas que envolvem sentimentos de afetividade, ensino, apoio e, às vezes, dificuldades. Percebi com as avós entrevistadas que tentam encontrar maneiras de equilibrar suas necessidades com as responsabilidades para apoiarem suas famílias; e que o convívio com os netos e netas não apenas enriquece suas vidas, mas também contribui significativamente para a formação das próximas gerações.

8.3.2 *Novos conhecimentos e autonomia*

Dentre as diversidades das avosidades, percebi que novos conhecimentos vão sendo adquiridos pelas avós ao longo desta experiência. Inicialmente, é importante ressaltar que nenhuma mulher nasce sabendo ser avó. Essa vivência é construída de forma individual, dinâmica, permeada por diversos sentimentos e aprendizagens, uma oportunidade intensa e desafiante, que pode oportunizar ganhos e renovação de conhecimentos, abrindo portas para aprendizados contínuos e significativos, bem como ajustes na rotina e intensos desafios.

Dentre os novos conhecimentos adquiridos, algumas entrevistadas destacaram o ganho de experiência, permitindo afirmar que não se nasce avó, torna-se. Conforme as narrativas, percebi que muitas avós somam sua vasta experiência de vida a um novo papel, que traz tanto desafios quanto realizações. Esse processo de ser e estar avó reforça habilidades já adquiridas ao longo da vida e também estimula a aprendizagem de

novas capacidades. Como destacou Violeta: "*[...] é uma medida gradual, que vai crescendo, e junto tu vais mudando. Tem coisas que eu cuido muito para não estar falando, ou me metendo [...] é um aprendizado, cada dia é um dia novo, e vou aprendendo com o crescimento da neta.*"

Essa convivência com os netos e as netas possibilita a aprendizagem contínua e gradual, e estas trocas não possuem data de validade, cada momento vivido é uma nova lição. Dentre estas novas capacidades que vão sendo divididas, muito foram destacadas as interações tecnológicas que aproximam as avós dos netos(as), no dia a dia, e também de forma fundamental durante a pandemia. Quanto a isso, salientou Orquídea: "*tudo que eu faço é pensando neles, mesmo que não estejam precisando eu ligo todos os dias, a gente se fala por WhatsApp*", referindo-se aos netos que moram longe.

Esses novos conhecimentos tecnológicos, em muitas narrativas, foram trazidos a partir dos ensinamentos dos netos(as) a suas avós. Essas novas aprendizagens são fomentadas devido às interações geracionais, conforme destacado por algumas avós do estudo. Elas mergulham no mundo das novas tecnologias e tendências culturais, através dos netos(as). Dessa maneira, esse contato estimula a novos desafios, a se atualizarem e a estarem abertas a novos saberes. Assim, constroem um intercâmbio que possibilita o enriquecimento pessoal e renovam visões de mundo.

Juntamente à possibilidade de ganhos de conhecimentos, a avosidade também traz a necessidade de adaptações e reformulações das rotinas. Como muitas das avós trouxeram, a chegada, o retorno ou a permanência dos netos(as) em seu convívio diário ou pontual gera necessidades de adaptações, como destacado por Amor Perfeito: "*Uma coisa é fazer comida pro marido, pra filha; aí vem uma nova integrante, você tem que fazer uma comida diferente, esfriar, né?! Botar menos comida, em um pratinho menor, colher menor, tudo isso muda um pouquinho.*"

Estes ajustes podem ser detalhes, mas igualmente modificam as rotinas diárias das avós, desde os horários, modificar os cômodos da casa e até mesmo revisar planos pessoais para acomodar as necessidades e as atividades dos(as) netos(as). Observei que essas adaptações, embora possam ser desafiadoras, também são gratificantes, pois fortalecem os laços afetivos e a rotina diária com novas experiências.

Ainda sobre as mudanças que a chegada da avosidade apresenta, Flor de Hibisco trouxe que com o tempo ficou cada vez melhor essa experiência, destacando que: “*Com a chegada do primeiro neto, nasceu uma avó*”. Frente a esse relato, observei que se trata de um momento especial vivido com novas e boas expectativas, ao qual se identifica. Este momento da vida pode ser permeado de significativas reflexões sobre o legado que deseja construir nas interações com o neto. Percepção que a meu ver se faz possível através da maturidade adquirida, para tornar-se avó.

Adquirir maturidade não é uma tarefa fácil nem rápida, só é possível quando estamos dispostas a aprender com os ensinamentos da vida, bons e ruins. Sobre esse aspecto, pude perceber nas narrativas das avós a maturidade aqui, foi enriquecida pela idade na fase da avosidade, com a perspectiva de vida que adquiriram e hoje possuem, o que acabam tendo obrigações menos densas e imediatas em comparação com a maternidade. Isso permite que possam enfrentar desafios com mais calma e sabedoria, focando nas soluções e não nos problemas como mencionou Tulipa em sua narrativa.

Em síntese, tornar-se avó pressupõe ser atravessada por inúmeras possibilidades. É executar um papel que, embora repleto de desafios, também oferece recompensas que acompanham essa jornada. A experiência da avosidade permite explorar novas habilidades, redescobrir interesses e exercer o autoconhecimento, devido à experiência e à maturidade que puderam armazenar ao longo de suas vidas.

8.3.3 *A preservação da autonomia*

A autonomia, conforme Freire (1970), pode ser entendida como central na vida humana, no que se refere à capacidade de um indivíduo se autodeterminar, pensar e agir por conta própria, baseando-se em uma consciência crítica sobre si mesmo e o mundo ao seu redor. Aqui o conceito está sendo usado a partir da valorização das capacidades e das condições concretas que permitem às mulheres tomarem livremente suas decisões, que afetam suas vidas e o poder de agir segundo tais decisões.

Todas as participantes do estudo expressaram de alguma maneira a importância de manterem sua autonomia, especialmente no que diz respeito ao envolvimento e ao cuidado com os netos e netas. Elas enfatizaram que continuam a realizar seus próprios

desejos e a manter suas atividades pessoais, aproveitando seus momentos de lazer. A disponibilidade para ficar com os netos é conciliada com seus compromissos pessoais, não deixando de lado suas próprias necessidades e prazeres.

As participantes enfatizaram a importância de estabelecer acordos claros com seus filhos e filhas, mantendo a liberdade de decidir quando podem ou não se envolver nos cuidados com os netos e netas. É importante destacar que essas informações refletem a realidade atual dessas avós, que pode diferir de outras fases de suas vidas. Por exemplo, muitas delas relataram que, quando os netos(as) eram menores ou em períodos em que assumiram a responsabilidade pela criação das crianças, a dinâmica era diferente. Essas nuances das suas experiências foram cuidadosamente capturadas e refletidas nas transcrições apresentadas no estudo.

Durante as entrevistas, também emergiram diversos elementos que as participantes identificaram como essenciais para preservarem a autonomia. Esses contribuem significativamente para o equilíbrio entre a vida pessoal e o papel de avó, e serão explorados mais detalhadamente a seguir.

A vivência da avosidade, como já evidenciado anteriormente, pode ser caracterizada por períodos significativos de renovação e crescimento pessoal. Nesta fase, muitas avós têm a oportunidade de reafirmar e expandir suas dimensões de autonomia e liberdade, beneficiando-se das transformações que ocorrem ao longo das distintas etapas da vida. Conforme os relatos das participantes, este período é frequentemente associado a um amadurecimento, de modo que muitas se percebem mais "*donas de si*".

Esta realidade apresenta uma libertação de muitas obrigações anteriormente impostas pelas normas sociais. Tais convenções, frequentemente rígidas, que prescrevem e delimitavam o que mulheres, e por extensão as avós, deveriam ou poderiam fazer. A avosidade, portanto, surge não apenas como um momento de envolvimento com a próxima geração, mas também como uma oportunidade para as mulheres refletirem sobre suas próprias identidades dentro do tecido social, desafiando e remodelando as expectativas conservadoras associadas ao seu papel, podendo, assim, desenvolverem uma maior compreensão de si mesmas, viver de maneira mais autêntica e alinhada com seus desejos e princípios.

As entrevistadas também trouxeram a necessidade de oposição às obrigações que são muitas vezes impostas. Neste sentido, relatam a importância de poderem escolher como, quando e de que maneira querem contribuir para a vida de seus netos(as), contrariando a expectativa de que devem estar sempre disponíveis ou de renunciar seus próprios interesses. Durante as narrativas, foi enfatizado o desejo de preservar a liberdade para desfrutar da vida. Isso inclui se dedicar a projetos pessoais ou simplesmente aproveitar o dia a dia com mais calma e menos compromissos fixos.

Destacaram a importância da autonomia para compromissos e escolhas pessoais, as avós contemporâneas, deste estudo, manifestando amplamente suas capacidades de manterem compromissos pessoais e sociais que transcendem o âmbito familiar. Este aspecto é crucial para entender que as avós não se definem exclusivamente por seu papel familiar, mas também como pessoas ativas que possuem uma existência própria e dinâmica.

A preservação e o exercício da autonomia são essenciais para as avós entrevistadas, pois ajudam a promover qualidade de vida, satisfação e independência, desafiando estereótipos e, assim, apresentam um novo paradigma para o papel das mulheres idosas na sociedade. Muitas avós contemporâneas estão à frente das decisões que correspondem, desde escolhas significativas relativas à moradia, às finanças e aos cuidados pessoais, refletindo uma tendência necessária para viverem suas vidas com dignidade. Esta abordagem não apenas promove um sentido de competência e controle sobre a própria vida, mas também serve de exemplo para as gerações mais jovens, quanto à importância da autonomia ao longo do envelhecimento.

Também pude observar, conforme as narrativas, que algumas avós conseguem delimitar o momento e a forma como irão realizar o apoio social a seus familiares. Esse poder de escolha transforma a assistência e o envolvimento na vida dos(as) netos(as) de uma obrigação para um ato de vontade, podendo fortalecer laços familiares através de uma dinâmica de respeito mútuo. Assim, a preservação da autonomia não apenas oferece liberdade, mas também implica uma conscientização sobre as responsabilidades inerentes, fazendo com que muitas avós utilizem essa liberdade para equilibrar seus interesses pessoais com as necessidades de suas famílias, demonstrando que liberdade e responsabilidade são compatíveis e podem coexistir.

Outra importante percepção foi a necessidade da autenticidade, poder falar e dar limites aos netos e netas. Sobre essa reflexão, percebo estar entrelaçada à maturidade, que traz consigo a sabedoria, uma perspectiva que muitas avós utilizam para adotar posturas mais diretas e verdadeiras na forma de comunicação com as demais gerações. Com mais experiência frente aos desafios da vida, frequentemente se sentem mais confortáveis em expressar suas opiniões e sentimentos de maneira direta, o que facilita as trocas com os netos e também preservam suas opiniões e capacidades.

A preservação da autonomia para as avós pode ser compreendida como uma celebração da maturidade e da liberdade, refletindo significativas transformações sociais. A autonomia destas mulheres não apenas enriquece suas próprias experiências de vida, mas também atua como um modelo inspirador para as futuras gerações. Este exemplo destaca a importância do desenvolvimento e da manutenção das identidades em todas as fases da vida.

Desta forma, refletir sobre mulheres idosas avós na contemporaneidade pressupõe lembrar que estas viveram momentos históricos de profundas transformações sociais, de modo que em suas juventudes puderam testemunhar e/ou até participar dos movimentos que redefiniram o papel das mulheres nas sociedades ocidentais. Um exemplo disto foi o uso da pílula anticoncepcional, a “libertação” das minissaias, dos maiôs e biquínis como símbolos de liberdade aos padrões patriarcais estabelecidos aos corpos femininos; o exercício do direito ao voto e a conquista do direito ao divórcio foram marcos que acompanharam suas jornadas rumo a uma maior inclusão no mercado de trabalho. Todas estas mutações, potencializadas pelo movimento feminista e os crescentes debates sobre gênero abriram novos horizontes para algumas mulheres, dentre estas as avós deste estudo.

Algumas décadas se passaram e essas mesmas mulheres, agora como avós, estão testemunhando o fenômeno do envelhecimento mundial, e conforme os dados levantados pela ONU, em até 2030, espera-se que haja mais pessoas idosas do que jovens abaixo dos 14 anos. Neste contexto social, essas avós não estão apenas reinventando suas vidas, mas sim moldando o futuro, com a experiência de quem já lutou por direitos e seguem conquistando espaços.

Assim, é impossível delinear um perfil único para as avós, pois cada uma vive a

avosidade de forma diversa, atravessada por inúmeras circunstâncias de vida e suas pluralidades de gênero, geração, cor, cultura, classe social e acessibilidades. Cada uma traz para o papel de ser avó a riqueza de suas experiências pessoais, seus desafios e suas aspirações, tecendo um legado tão diverso quanto as mulheres que o protagonizam.

8.4 Entrelaçando raízes: as diversas florescências das avosidades

Nesta seção, darei ênfase a algumas categorias que considerei de extrema importância para o tema da tese, devido à significativa capacidade de enriquecer o estudo. Estas emergiram das narrativas individuais e coletivas das avós, conferindo importante profundidade e possibilitando novas perspectivas. A emergência dessas reflete não apenas na complexidade do tema estudado, mas também nas transversalidades que tecem essas experiências.

A avosidade, entendida como a experiência e o papel social de ser avó, possui atravessamentos que conectam diversas dimensões da vida social, cultural e familiar. Essa concepção não se limita apenas a uma relação interpessoal entre avós e netos, mas engloba uma série de interações que influenciam realidades sociais e culturas diversas. Explorar essas transversalidades ajuda a compreender a profundidade e a complexidade do papel das avós na sociedade contemporânea.

Desta forma, a identificação e a análise das categorias foram cruciais para uma compreensão mais abrangente dos fenômenos observados. Os temas que se destacaram foram sobre o privilégio de conviver com os(as) netos(as), a experiência não vivida por outros familiares, a oportunidade de realizar com os(as) netos(as) atividades que não conseguiram desempenhar com os(as) filhos(as), devido aos compromissos de trabalho e a outras rotinas. Também a discussão sobre a influência das mulheres e das famílias matriarcais na formação do legado e na preservação da ancestralidade entrelaçada à vivência da avosidade, bem como a análise da contribuição das avós como uma significativa força de trabalho no país e a relação da "comida de vó" com a memória coletiva.

Estas categorias não somente enriquecem o estudo, mas também ressaltam a profunda relação entre as vivências pessoais das avós e o contexto social mais

abrangente. Para essas reflexões, irei usar os trechos das narrativas como condutores para a discussão.

Para iniciar, apresento um fragmento narrado por Flor de Hibisco:

A minha família é um matriarcado muito forte. É um tradicional matriarcado brasileiro, e dentro disso assim eu me coloco no meu papel, eu assumi esse papel [...] eu acho que eu tô chegando a ser a avó que eu queria ser, tá? Claro, porque eu tive a minha ancestralidade muito presente também, os ensinamentos que eu recebi da minha avó, eles viraram aprendizado. É o que eu quero passar [...]

Os elementos destacados na entrevista fundamentam o tema sobre as relações existentes entre matriarcado, ancestralidade e o legado como manifestações da força de trabalho e as raízes femininas das avosidades. Para aprofundar esta discussão, recorro às contribuições de autoras renomadas no campo dos estudos de gênero e feminismos, tais como Carneiro (2020), Gonzalez (2020), Segato (2010) e Goldenberg (2013). Esta abordagem não apenas esclarece as contribuições de cada autora para o tema, mas também ressalta a importância de examinar o matriarcado, a ancestralidade e o legado através de uma lente feminista crítica, proporcionando um entendimento mais rico e matizado das questões discutidas.

Conforme Carneiro (2020), a ancestralidade transcende questões consanguíneas, englobando um conjunto de práticas, saberes e tradições que são passadas de geração em geração, fortalecendo o sentido de identidade e continuidade. Ela argumenta que a ancestralidade é fundamental para a resistência cultural e a afirmação da identidade negra, servindo como um pilar de força e resistência contra a opressão histórica e contemporânea.

Já nos estudos de Gonzalez (2020), em suas reflexões, é apresentada uma visão profunda sobre matriarcado e ancestralidade, destacando esses conceitos dentro do contexto sociocultural afro-brasileiro e latino-americano. Ela articula como o matriarcado em comunidades afro-diaspóricas não se traduz necessariamente em uma inversão do patriarcado, mas sim como uma forma de organização social em que as mulheres, especialmente as mais velhas, ocupam um lugar central na transmissão de conhecimentos e práticas culturais.

Gonzalez (2020) também destaca que a ancestralidade é um elemento vital na cultura afro-brasileira, representando uma conexão contínua entre o passado, o presente e o futuro. Esta ligação é marcada pela transmissão de saberes e práticas que são essenciais para a identidade e resistência cultural das comunidades negras. Para ela, entender a ancestralidade é crucial para compreender as formas de resistência e sobrevivência dessas comunidades ao longo da história, especialmente frente às opressões raciais e sociais.

Para Segato (2010), especialmente em comunidades tradicionais, o matriarcado não se configura necessariamente como contrário ao patriarcado, mas como um sistema em que as mulheres, em especial as mais velhas, são detentoras de grande respeito e autoridade. Destaca que, em muitas comunidades indígenas e afro-brasileiras, as mulheres idosas são vistas como as guardiãs dos saberes e da ordem social.

Assim, como já mencionado em outros capítulos da tese, a figura das avós é emblemática, principalmente dentro de estruturas matriarcais, pois exercem influência significativa na preservação da ancestralidade e no legado cultural das gerações. Para Goldenberg (2013), as mulheres velhas, através de suas interações cotidianas e narrativas, contribuem significativamente para a formação da identidade cultural dos mais jovens. Elas são frequentemente responsáveis por ensinar valores, ética e costumes, moldando assim o legado familiar que será transmitido às futuras gerações.

As avós, dentro da concepção do matriarcado brasileiro, são pilares fundamentais na manutenção da ancestralidade e na transmissão do legado cultural. Sua influência transcende gerações e reforça a importância dos laços familiares e comunitários. Assim, o estudo de suas funções e impactos permite uma compreensão mais ampla das dinâmicas culturais e sociais que permeiam a nossa sociedade brasileira.

Desta forma, na narrativa de Flor de Hibisco: "*A minha família é um matriarcado muito forte*", indica-se que as mulheres, particularmente as mais velhas, têm um papel significativo de liderança e influência. Essa estrutura é típica no contexto brasileiro, onde as mulheres são centrais na tomada de decisões, na orientação dos jovens e na manutenção dos valores familiares. Ela também ressalta o seu papel dentro desse matriarcado, agindo como mantenedora e transmissora das tradições e ensinamentos que recebeu, sobretudo, expressando o desejo de ser uma "*avó ideal*", inspirada pelos

modelos de sua própria avó, enfatizando a transmissão intergeracional de conhecimento e a educação como aspectos centrais de seu papel. Isso sublinha a função educativa e de preservação cultural das avós, que visam perpetuar o legado familiar e assegurar a continuidade desses valores através das novas gerações.

Em consonância com as reflexões de Carneiro (2020) e Gonzalez (2020), frente à discussão sobre a ancestralidade, entendendo esta como fundamental para a afirmação da cultura e da identidade negra, e também como resistência às opressões raciais e sociais, destaco dois fragmentos trazidos pelas entrevistadas, ambas mulheres negras:

Eu me sinto assim muito bem, porque minha mãe não conheceu, minha mãe morreu com 42 anos e os meus irmãos também, não tinham netos quando morreram, morreram tudo novos assim, e eu bah com esse bando de netos aí, eu me sinto fortalecida (Violeta, entrevistada)

[...] eu tô vivendo isso agora, que eu não vivi nem com os meus filhos, porque na minha vida toda, eu tive os três, mas com os três eu trabalhava, quer dizer, eu que digo assim: eu não posso dizer, 'ah, eu criei os meus filhos', eu não posso dizer, porque eles foram cuidados por outra pessoa, né? e eu via eles no fim de semana, nas férias e assim só pegava de noite pra dar banho, dar janta e dormir, então, eu que digo, né? porque eu já trabalhava, quando eu casei, eu já trabalhava[...] (Rosa, entrevistada)

Na narrativa de Violeta, é possível observar que a mesma traz reflexões sobre sua longevidade e legado familiar, especialmente em comparação com a de seus parentes que faleceram de forma prematura. Percebo que em sua fala sente-se "fortalecida" por ter muitos netos, e isso pode representar a continuidade e a preservação da família, algo que seus irmãos e mãe, que partiram antes, não tiveram a chance de vivenciar.

A menção específica ao se sentir fortalecida pode²⁰ indicar a consciência, mesmo que não explicitada na fala, da mortalidade e das adversidades enfrentadas ao longo da vida, devido às questões socioeconômicas, de saúde ou de discriminação racial. Isso porque, conforme as autoras citadas, ser mulher e negra no Brasil é ter a vida permeada de dificuldades adicionais, devido às questões de desigualdade racial e social.

²⁰ Destaco aqui que estas interpretações são minhas, com base em referencial teórico estudado. Em nenhum momento as avós entrevistadas (Violeta e Rosa) fizeram correlação com questões de desigualdades de gênero, de geração e raciais.

A expressão e a narrativa como um todo enfatizam a resistência às opressões historicamente vividas pelos outros membros de sua família, o que remete a uma perspectiva, conquista significativa diante dos desafios enfrentados por pessoas negras, principalmente as mulheres. Assim, pode estar refletindo um misto de conquista e resistência, percebido através de sua sobrevivência e legado, uma vitória pessoal e coletiva.

Conforme Alexandre Silva (2023), essa realidade trazida em ambas as realidades é expressão direta do racismo. Ele destaca que o racismo é um fator preponderante que impacta diretamente a expectativa e a qualidade de vida das pessoas negras, comparativamente às pessoas brancas. Afirma que não restam dúvidas de que o racismo estrutural tem um papel crucial nessa discrepância, mas é imperativo reconhecer que ele se manifesta de várias formas: culturalmente, institucionalmente, interpessoalmente e até mesmo de forma internalizada. Essas múltiplas faces do racismo consolidam uma estrutura social que, muitas vezes, impede o envelhecimento digno da população negra.

Rabelo *et al.* (2018) destacam que o envelhecimento da população negra é significativamente impactado pelo racismo estrutural, e seus efeitos são multifacetados, exercem uma influência significativa no processo de envelhecimento da população negra, tornando essencial uma análise detalhada dos fatores que decorrem dessas condições. A compreensão do envelhecimento desse grupo populacional requer um exame aprofundado de seus indicadores socioeconômicos ao longo da vida.

Já na narrativa de Rosa, é possível perceber o enfrentamento de desafios significativos relacionados à conciliação entre trabalho e família. Foi possível perceber um tom de lamento por não ter tido a oportunidade de criar seus filhos de maneira integral, pois a maior parte do cuidado diário era feito por outra pessoa, só conseguindo interagir com seus filhos(as) nos finais de semana. O relato trazido por Rosa revela uma realidade comum para muitas mães que precisam equilibrar a jornada de trabalho com a maternidade, o que pode ser particularmente desafiador em contextos de menor suporte social ou econômico, que muitas vezes afetam desproporcionalmente mulheres negras.

O depoimento de Rosa pode ser entendido no contexto mais amplo das discussões sobre as disparidades raciais e de gênero no mercado de trabalho, pois são as mulheres negras que frequentemente enfrentam múltiplas barreiras, incluindo preconceitos raciais

e de gênero, que podem limitar seu acesso a empregos com melhores condições e flexibilidade, impactando diretamente sua capacidade de participar ativamente na criação dos filhos.

Assis e Helena (2021) destacam elementos essenciais em suas pesquisas, ao denunciar as desigualdades vividas por mulheres negras no Brasil e o mercado de trabalho. Afirmam: “[...] podemos dizer que as relações entre gênero, raça e classe são profundamente marcadas por esse processo em que os capitalistas buscam aumentar a exploração do trabalho, se utilizando da opressão racial e gênero, para aumentar seus lucros” (p. 112-113), e concluem destacando a importância de:

[...] ver que desde sua origem a classe trabalhadora brasileira é marcada pelo nó entre gênero e raça (**conforme estudos de Heleieth Saffioti**), esse elemento além de revelar muito sobre a situação das mulheres trabalhadoras brasileiras, ao mesmo tempo mostra o enorme potencial que esse verdadeiro batalhão pode cumprir, já que são parte fundamental da produção do capital (p. 114, grifos nosso).

Desta forma, o relato trazido por Rosa e o que as autoras defendem evidenciam uma mistura de responsabilidades e sentimento de impotência, sugerindo que, embora tenha necessitado fazer escolhas, essas foram fortemente influenciadas por suas circunstâncias determinadas pelas relações desiguais de trabalho no capitalismo. Essa situação ressalta a complexidade das condições também na maternidade para mulheres negras em contextos sociais e econômicos que não as apoiam adequadamente no equilíbrio entre carreira e vida familiar.

Em suma, as narrativas de Violeta e Rosa, juntamente com os estudos citados, elucidam as contínuas lutas enfrentadas pelas mulheres negras no Brasil. Estes depoimentos não só denunciam as estruturas da opressão, mas também a necessária resistência e imperativa necessidade de implementação de políticas públicas e intervenções sociais que reconheçam e atendam às especificidades de forma justa e equitativa.

8.5 Entre trabalho e legado: a “comida de vó” e a memória coletiva

Aqui, apresento a discussão a partir do fragmento narrado por Flor de Hibisco, que

traz sua concepção sobre as avós no país como "*força de trabalho*" e a correlação com a categoria frequentemente mencionada pelas entrevistadas: a "*comida de vó*" entrelaçada à memória coletiva. Para isso, inicio esta explanação com as definições das palavras "trabalho" e "legado".

Para Albornoz (1999), o trabalho pode ser descrito não apenas como uma atividade pela qual o indivíduo recebe remuneração, mas também como uma atividade fundamental que define muitos aspectos da vida humana, incluindo a organização social, a identidade pessoal e a distribuição de poder e recursos na sociedade. Conforme a mesma autora, é uma categoria essencial para a compreensão das estruturas sociais mais amplas, incluindo questões de classe e desigualdades.

Outrossim, conforme Ferreira (2004), a palavra legado pode ser entendida como tudo aquilo que é transmitido ou deixado para gerações futuras, podendo ser valores, conhecimentos, tradições ou impactos culturais. Essa definição possibilita entender que o conceito é utilizado na transferência de saberes entre pessoas de distintos tempos históricos, como uma herança imaterial que impacta e influencia as gerações futuras.

A relação entre os conceitos apresentados por Albornoz (1999) sobre trabalho e a definição de legado, segundo Ferreira (2004), juntamente com a temática do trabalho das avós e a "*comida de vó*", ilustra a profunda interconexão entre a vida profissional, a transmissão cultural e o impacto social que indivíduos, especialmente figuras matriarcais como as avós, podem ter nas suas comunidades e famílias.

Albornoz (1999) destaca que o trabalho transcende a simples remuneração, moldando a organização social, a identidade pessoal e a distribuição de poder e recursos. Isso reflete claramente no papel das avós na sociedade, onde, através de suas atividades laborais, tanto formais quanto informais, elas contribuem significativamente para a coesão social e a transmissão de valores e identidades culturais. As avós frequentemente assumem papéis centrais nas famílias, não apenas como cuidadoras, mas como depositárias e transmissoras de tradições e saberes, incluindo habilidades culinárias à "*comida de vó*", que são celebradas como parte do legado familiar.

Paralelamente, a noção de legado, conforme descrita por Ferreira (2004), engloba os valores, conhecimentos, tradições e impactos culturais transmitidos pelas avós. Estas, através da "*comida de vó*" e outras práticas, perpetuam um legado de conhecimento e

cultura que transcende gerações, influenciando não apenas seus descendentes diretos, mas toda a comunidade ao redor. Este legado pode ser considerado uma forma de capital social e cultural que enriquece o tecido social. Portanto, o trabalho das avós, ao ser analisado através das lentes de Albornoz e Ferreira, não só sublinha a importância do papel das mulheres mais velhas em nossas sociedades, mas também destaca como a "comida de vó" e outras formas de trabalho doméstico e comunitário são cruciais para a sustentação e o enriquecimento das identidades culturais e sociais.

Assim, o trabalho das avós se manifesta como um pilar essencial na construção e na manutenção do legado cultural e social, fortalecendo laços intergeracionais e promovendo a continuidade cultural. Ao mencionar a frase acima, Flor de Hibisco convida a reflexão sobre o papel ativo e multifuncional que muitas mulheres idosas desempenham na economia e nas estruturas familiares do país, contribuindo de maneira significativa, no âmbito econômico e social. As avós frequentemente representam uma força de trabalho significativa dentro do país, seja através de contribuições não remuneradas, como o cuidado com os netos, seja participando ativamente da força de trabalho remunerada, elas desempenham um papel crucial na economia familiar e nacional, mas ao mesmo tempo também enfrentam desafios específicos relacionados à geração e ao gênero.

8.6 Percebendo diferentes aromas: será que ser avó é ser “mãe com açúcar”?

Conforme os relatos trazidos pelas entrevistadas, esse ditado popular que titula a presente seção seria facilmente afirmado, pois todas as dez avós ressaltam boas percepções sobre, e em inúmeras narrativas trouxeram sentimentos de afetividades em relação a esse papel. Desse modo, o que se faz necessário aqui é a aproximação com algumas reflexões, que podem explicar as nuances desta associação.

Para Vitale (2018, p. 119), “[...] os avós, homens e mulheres, dão sentido diferente a essa relação, segundo suas experiências familiares e seus relacionamentos sociais e de gênero”. Na dinâmica das relações entre gerações, os avós, principalmente as avós, podem não apenas conviver com o cuidado das crianças, mas também dos idosos da família. É atribuído às mulheres o papel de cuidar tanto da geração mais nova quanto da

mais velha, aumentando assim as responsabilidades em relação aos cuidados fornecidos aos membros familiares.

A mesma autora, ainda, afirma que existem tensões entre a “mulher-mãe, a mulher-indivíduo pode continuar com a mulher-avó” (p. 119), que muitas vezes ainda trabalha, deixando seus anseios desta etapa da vida de lado para auxiliar no trato com as gerações mais novas ou mais velhas da família. Essas mulheres necessitam, muitas vezes, conciliar as demandas dos seus projetos individuais e das responsabilidades familiares. Essas implicações acabam gerando desafios sociais e emocionais nas vidas dessas avós (Vitela, 2018).

Se considerarmos um passado recente, em que as mulheres não trabalhavam fora dos espaços domésticos, dependiam quase que exclusivamente das figuras masculinas da família, era acordada quase que naturalmente a responsabilidade sobre o cuidado com os(as) netos(as), “muitas vezes, inseridas em uma lógica de retribuição aos “favores” recebidos dos próprios filhos” (p. 119). Esse cenário que permanece muito presente na realidade brasileira e mais adensada nas famílias empobrecidas, como aponta Camarano (1999), vai delegar às mulheres mais velhas, que não tiveram melhores acessos educacionais, a trabalharem recebendo menor renda, em serviços de baixa ou nula proteção social.

Portanto, é impossível relacionarmos a figura clássica, representada nos contos infantis que dão conotação de uma “vovó de cabelos brancos, fazendo tricô ou crochê, sentadas na cadeira de balanço”, com o perfil das avós atuais, possivelmente em todos os segmentos sociais, se considerarmos as transformações nos rearranjos familiares e nos papéis assumidos pelas mulheres no contemporâneo.

Conforme apontam Viebig e Almeida (2021, p. 317):

[...] Para muitas mulheres, o ato de cuidar de prestar atenção aos demais, mesmo que sejam estes seus próprios filhos, tem se tornado um grande sacrifício, e/ou uma responsabilidade adicional e não prazerosa no crescente rol dos papéis assumidos por elas, em seu cotidiano.

Ainda, complementam:

Em um cenário atual, enquanto as mulheres mais jovens têm ou podem desenvolver mais dificuldades em cuidar de si e de sua casa, as idosas da atualidade têm vivenciado o processo de retomada dos papéis ancestrais da mulher [...] (Viebig; Almeida 2021, p. 318).

Nesse contexto, permanece a realidade de que o lugar das mulheres mais velhas brasileiras ainda esteja vinculado à cozinha, além dos muitos outros lugares onde elas podem, querem ou deveriam ocupar.

Ainda é comum, devido ao papel feminino de “donas de casa”, que as mulheres sejam associadas à cozinha e às práticas culinárias dentro de casa, no ambiente privado e para consumo da família. Ao se observar quem prepara as refeições e com quem se come, podemos observar a centralidade do papel das mulheres no preparo da comida e como detentora de um saber sobre os gostos e preferências dos demais membros da família [...] (Viebig; Almeida, 2021, p. 319).

Ao refletir sobre as manifestações sociais, econômicas, políticas e culturais, nos deparamos com as normativas contidas historicamente nas sociedades patriarcais e os seus atravessamentos sobre as identidades femininas, em especial aqui, na de mulheres idosas (Motta, 1999). A autora, ao elucidar sobre a temática, salienta que, além da identidade de gênero, também se constitui uma identidade geracional, considerando os percursos sociais e as vivências, que são determinantes na forma como estas se situam na sociedade, de forma diferenciada para os homens, principalmente no que tange às possibilidades de maior autonomia sobre suas vidas, sua liberdade e, com isso, a autorrealização de projetos na velhice.

A ideologia patriarcal e as condições de gênero conduziram diversas gerações de mulheres, que, hoje, se apresentam com idades mais avançadas, a se sujeitar ao local de domesticidade, ao espaço não público, à inibição ao social e sexual (Farias; Cassab, 2015). Assim, criando e fortalecendo uma cultura de proibições aos espaços de escolaridade, à restrição dos desejos, à tomada de decisão pelos seus corpos e à sexualidade, à proibição à vida política e coletiva, e estas acabaram se inserindo mais tardiamente no mercado de trabalho externo: mulheres privadas por uma vida toda de acessos a serviços e direitos. Tais condições fizeram com que essas, na velhice, tivessem diferentes trajetórias e experiências de vida (Motta, 2011).

Em cenários mais atuais, temos conseguido mensurar, mesmo que lenta e

tardiamente, algumas alterações destas convenções sociais, determinadas às mulheres. Esse processo pode ser pensado devido às transformações no mundo do trabalho, onde os papéis femininos sofreram alterações na sociedade atual, e com isso a inserção de mulheres no mercado de trabalho, mas, mesmo assim, são as mulheres que mais ocupam os serviços de cuidados e domésticos, principalmente mulheres idosas.

Conforme afirmam Viebig e Almeida (2021, p. 317): “[...] As mulheres brasileiras ainda são responsáveis por cerca de 80% das atividades alimentares domésticas [...]”. Se considerarmos essa realidade vivida por mulheres negras e envelhecidas no Brasil, temos maiores índices, conforme apontam estudos recentes de Lemos (2023). As autoras ainda vão afirmar que a presença das avós, mais do que os avôs, influencia na saúde e na nutrição de seus netos, provocando impactos fundamentais na unidade familiar, oferecendo a oportunidade de aprendizado com o contato intergeracional de muitas maneiras diferentes.

Ao mesmo tempo que ainda vivemos as divisões sexuais e geracionais dos cuidados, como já discutido até aqui, também precisamos considerar que essa proximidade das avós com seus netos(as) oportuniza algumas ressignificações dos papéis sociais assumidos até aqui, bem como no legado das memórias geracionais. Assim, os netos também se beneficiam ao aprender e compartilhar saberes ancestrais sobre espiritualidade, brincadeiras, contos, objetos passados por gerações e suas referências simbólicas, com isso, Vitale (2018, p. 120) afirma:

Muitas vezes, os objetos pessoais passados de avós para netos não só recaem nos preferidos, sendo também transmitidos por afinidade de gênero, por exemplo, da avó para a neta. Representam sentimentos positivos em relação aos netos, desejo de proximidade e perpetuação afetiva [...]. As mulheres têm tido papel privilegiado nos processos de transmissão da cultura familiar [...].

As memórias simbólicas, subjetivas e materiais, muitas vezes são advindas da figura das avós, sejam lembradas via uma foto, um presente, objeto ou no aroma da culinária. Nas narrativas trazidas pelas avós, foram inúmeras as vezes que trouxeram a expressão “comida de vó”, referindo-se ao ato de cozinhar para seus netos e netas, momento super aguardado e solicitado estes, e feito com muito prazer por elas, como forma de convivência e trocas afetivas.

Quem nunca despertou um sentido, a partir de um cheiro vindo da cozinha? ou quando é mencionado um nome de um prato específico? Ao ouvirmos o termo “comida de vó”, quase automaticamente somos tomados por uma lembrança de uma comida deliciosa ou não. Essa famosa expressão pode ser comprovada pelos netos(as) de diversos lugares do Brasil e do mundo, tenho certeza!

Esta relação das avós com os afetos da comida pode ser entendida como formas de cuidado, conforme apontam Viebig e Almeida (2021), de modo que é na cozinha que acontece a magia das avós, onde podem ser rememoradas as sensações de conforto, cuidado e alívio emocional que muitos buscam no alimento, que é ou era preparado por elas, pois o sabor e os aromas marcam períodos significativos da vida de uma pessoa de forma individual ou nas convivências coletivas.

O ato de sentar, conversar no entorno da mesa, ou até mesmo uma passada rápida para um almoço breve, em dias triviais ou comemorativos, é permeado de significados e sentimentos de afetividade. Sem negar claro a função importante de se alimentar, para a sobrevivência humana. Desta forma, ao mesmo tempo o alimento pode significar além da necessidade, pois também desperta sentidos, vivências e memórias.

O afeto contido no entorno da “comida de vó” pode ser demonstrado de inúmeras maneiras, através de um agrado feito por uma avó ao seu neto (ou vice versa), de forma individual ou coletiva. Como no simples bolo de chocolate, preparado por Lavanda em 30 minutos, ou até mesmo um prato mais elaborado, em que os ingredientes foram comprados pelo neto de Rosa. Os que partilham aquele alimento acabam tendo uma nova percepção do sentido daquela comida, percebem que o convívio social mais próximo ou mais distante também produz memórias afetivas. Assim, a sensação produzida pela comida e o cuidado proporcionados pelas avós se fixam na memória. De maneira surpreendente, deixam marcas importantes na vida dos netos e das avós.

Desta forma, esse capítulo final da tese pretendeu iluminar não apenas sobre o impacto socioeconômico das avós, mas também o profundo significado emocional e cultural que elas representam dentro do tecido social contemporâneo. Este estudo ressalta o papel diversificado das avós na perpetuação da herança cultural e no suporte da estrutura familiar, explorando como as avosidades enriquecem a memória coletiva.

Ao integrar experiências pessoais com práticas ancestrais, as avós tornam-se vetores essenciais na transmissão de saberes e na manutenção de uma cadeia contínua de tradições e valores. Bosi (1994) destaca que as memórias das pessoas idosas desempenham um papel crucial na preservação da identidade cultural e na transmissão de saberes ao longo das gerações. Salaria que o ato de lembrar não é apenas pessoal, mas social; as lembranças dos mais velhos constituem um “depósito de memória coletiva” que se comunica com a sociedade, fornecendo aos mais jovens acesso a uma herança cultural que, de outra forma, poderia ser perdida.

Nesse sentido, as avós, ao integrar suas vivências com práticas ancestrais, tornam-se agentes de uma memória social viva, conforme discutido por Bosi (1994). Elas mantêm ativa uma cadeia de tradições e valores, atuando como vetores que transmitem histórias, ensinamentos e costumes. Esse papel é fundamental em um mundo em constante transformação, pois elas se tornam não apenas guardiãs do passado, mas mediadoras entre gerações, reforçando uma identidade coletiva e cultural que dá sentido ao presente e ajuda a moldar o futuro. Assim, o que Bosi (1994) argumenta sobre a importância das lembranças dos mais velhos ressoa diretamente com o papel das avós neste estudo, pois ele buscou compreender como as narrativas e as vivências das avós contribuem para a formação de uma memória coletiva que sustenta e reafirma identidades sociais ao longo das gerações.

As análises realizadas, em consonância com a memória social, destacaram quanto o papel das avós se constitui de forma coletiva, por meio das trocas e saberes, e via lembranças que são simultaneamente criadas e recordadas. Essa dinâmica viabiliza a criação da identidade social, repleta de similaridades e diferenças, que são vivenciadas e interpretadas de forma individual e coletiva pelas participantes do estudo.

Este diálogo é enriquecido pelos estudos de Halbwachs (2004), que salienta a natureza composta do indivíduo que recorda, atravessado por construções coletivas e grupos de referência. Ele destaca que, embora a memória tenha um componente individual, ela é fundamentalmente uma construção grupal. Essa visão se alinha à experiência da avosidade, que, apesar de ser vivida individualmente, carrega semelhanças que ressoam coletivamente.

Mucida (2009) amplia o debate acerca da memória, apresentando-a como um

conjunto de impressões marcantes que, mesmo quando não totalmente lembradas, afetam a forma como os indivíduos percebem, interpretam, imaginam e assimilam suas experiências. A autora explica que a memória possui traços marcados pelas experiências vividas, pensadas, sentidas ou imaginadas, a força desses traços e os efeitos do tempo sobre eles.

Segundo Gondar (2016), a memória social é um conceito complexo, continuamente em desenvolvimento e inacabado. Gondar observa que essas memórias são ao mesmo tempo individuais e coletivas, constituindo uma parte fundamental da identidade social, facilitando a diferenciação entre grupos e a conexão do passado com as futuras ações. Halbwachs (2005) e Pollak (1992) complementam essa perspectiva, enfatizando que a memória e a identidade social são construídas tanto individual quanto coletivamente, vinculadas a locais e momentos particulares, exemplificados pelo evento de tornar-se avó, por exemplo.

De acordo com Halbwachs (2004), a memória coletiva é sustentada e perpetuada dentro de estruturas sociais, como a família. As avós, frequentemente, são vistas como quem guardam as tradições familiares e culturais, desempenham um papel crucial na manutenção e na transmissão dessas memórias coletivas. Elas contam histórias, celebram tradições e ensinam habilidades que são valores centrais da identidade familiar. Por meio dessas atividades, as avós ajudam a recriar a percepção e as memórias das próximas gerações, ancorando-as em um contexto mais amplo.

Desta forma, a avosidade envolve, portanto, mais do que o relacionamento biológico, consanguíneo ou emocional entre avós, netos e netas, trata-se também de um fenômeno social pelo qual a memória social é vivida, preservada e recriada. As avós, através de suas interações diárias e suas narrativas, não apenas passam conhecimentos e tradições, mas também reforçam os laços sociais, promovendo um senso de continuidade e pertencimento.

9 CONTEMPLANDO O JARDIM: REFLEXÕES AO LONGO DA TRILHA

Durante a caminhada, pude explorar as nuances que perpassam o papel social desempenhado por mulheres idosas e avós, especialmente nas experiências das avosidades, destacando como sua visibilidade tem sido ampliada e redefinida no cenário contemporâneo. À medida que os paradigmas culturais se transformam, os conceitos de avosidade estão sendo revisados, oferecendo uma perspectiva inclusiva e mais abrangente que valoriza a diversidade de experiências e as capacidades dessas mulheres.

Ao longo da pesquisa, percebi que as avós de hoje transcendem suas funções historicamente tradicionais, assumindo papéis heterogêneos cruciais, tanto nos núcleos familiares quanto nas relações sociais mais amplas. Os novos e distintos conceitos de avosidade indicam uma transformação significativa no papel desenvolvido pelas avós. Além de serem redes de apoio fundamentais, elas atuam como transmissoras essenciais de cultura, história e valores, definindo a avosidade como uma manifestação de autonomia e influência ativa. Para Ecléa Bosi (1994), as lembranças dos mais velhos carregam um valor essencial para a memória coletiva e para a construção da identidade

cultural de uma sociedade. Ela destaca que, ao compartilharem suas memórias, os idosos transmitem saberes, histórias e valores que moldam e enriquecem as gerações mais jovens, preservando o legado cultural.

Assim, o estudo revelou que a contemporaneidade oferece às avós uma maior autonomia e liberdade para vivenciarem e moldarem seus papéis, possibilitando ou exigindo assim a participação em atividades sociais, educacionais e econômicas. Isso reforça a ideia de que a avosidade pode ser uma fase de enriquecimento individual e coletivo.

Relacionando as teorias desenvolvidas por Halbwachs (2004) ao construto de avosidade, podemos ver que as avós são peças-chave na manutenção da memória coletiva, utilizando suas experiências e conhecimentos para influenciar a construção da identidade social e cultural dos netos e netas. Esta função destaca a importância das avós na estrutura social e na preservação da herança cultural através das gerações.

Portanto, os estudos sobre memória coletiva são fundamentais para entender as avosidades, bem como o importante papel destas na preservação social e no fortalecimento da estrutura comunitária. É crucial continuar a explorar e discutir os novos conceitos de avosidade, que estão em constante mutação, para assegurar que as políticas públicas e as bases sociais se reestruturem de modo a apoiar e valorizar o papel vital dessas mulheres. Essas mudanças valorizam a diversidade de experiências e as capacidades das avós, realçando a importância de seus papéis na formação de uma sociedade mais equitativa.

Desta maneira, é necessário reconhecer e promover o lugar de fala das avós, pois isso não apenas fortalece as dinâmicas familiares, mas também contribui significativamente para a riqueza do tecido social com sua profunda sabedoria e experiência intergeracional. Sem dúvidas, as avós representam pilares de força e base para a manutenção social das vidas em sociedade.

Quando decidi pesquisar sobre mulheres idosas e avosidade, estava profundamente mergulhada em meu contexto familiar, conforme mencionei no início desta tese. Cresci cercada pelas histórias e experiências das minhas tias, que são avós, e mais recentemente, pela minha mãe, que começou a vivenciar esse papel. A convivência com mulheres idosas sempre foi uma parte essencial da minha vida. Minha

avó, em particular, foi uma referência afetiva constante.

Mergulhar no universo feminino e nas experiências das avós foi um grande desafio, mas também uma jornada transformadora. Mas, afinal, o que era possível fazer? Ao escolher essa temática, meu objetivo era desmistificar a concepção romantizada do papel da avó na sociedade contemporânea. Embora essa romantização estivesse presente em muitas narrativas, também descobri que ser avó no contexto moderno permite uma maior experimentação de desejos e uma autonomia renovada.

Os achados desta pesquisa revelam que ser avó vai muito além dos laços consanguíneos e das conexões familiares tradicionais. Ser avó é viver intensamente, sem definições rígidas, com mais perguntas do que respostas definitivas. Muitas vezes, me emocionei profundamente com os relatos, pois, além das histórias de vida das avós, conheci a vida de mulheres diversas que enfrentaram inúmeros desafios, perdas, realizaram grandes conquistas e que seguem tecendo contínuas trocas e aprendizagens.

Este estudo só foi possível graças a essas mulheres, cujas narrativas formam a base deste trabalho. Elas acreditaram na importância de registrar suas experiências e contribuições para seus netos(as), familiares e para a sociedade como um todo. Agora, essas histórias estão materializadas nestas páginas, e isso é uma grande honra para mim.

Ao trilhar esse caminho, percebi a força das raízes, de suas histórias e de seus legados que serão deixados por cada uma. Com grande emoção e um forte desejo, finalizo esta tese compartilhando o sonho de transformar essas memórias em um livro sobre as vozes das avós. Espero continuar ouvindo e traçando minha caminhada junto com essas e outras mulheres idosas tão potentes, que tanto me ensinam. Obrigada por me permitirem fazer parte de suas vidas e histórias.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Ana Rojas; VITALE, Maria Amália Faller (Orgs.). **Famílias: redes, laços e políticas públicas**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2018. p. 1203-1208.

ADICHIE, Chimamanda N. **Sejamos todos feministas**. Tradução Christina Baum. São Paulo: Companhia das Letras, 2015. 63 p.

AGOSTINHO, Cíntia. S.; MÁXIMO, Geovana. C. **Idosos num Brasil que envelhece: uma análise multidimensional da pobreza**. Caxambu: ABEP, 2006. 18-22 set.

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019. 152 p. Coleção Feminismos Plurais/ Coord. Djamila Ribeiro.

ALBORNOZ, Suzana. **O que é trabalho**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1999.

AQUINO, Raisa Conceição Barbosa De. **Geração, gênero, classe e raça: intersecção**

necessária. **Anais V ENLAÇANDO...** Campina Grande: Realize Editora, 2017. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/31487>>. Acesso em: 21 abr.2022.

ARATANGY, Lídia Rosenberg; POSTERNAK, Leonardo. **Livro dos avós: na casa dos avós é sempre domingo?** São Paulo: Artemeios, 2005. 211 p.

ASSIS, Odete. **Formação e anatomia da classe trabalhadora feminina e negra no Brasil.** In: PARKS, Letícia; ASSIS, Odete; CACAU, Carolina. Mulheres negras e Marxismo. São Paulo: Iskra, 2021. p. 111-114.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRIOS, Pablo C. **Eventos estresantes y beneficios secundarios de la enfermedad.** In: CURSO NACIONAL TEORICO PRACTICO DE APLICACION CLINICA Y SOCIAL DE LA PSICONEUROINMUNOLOGIA, 2., 1999, Caracas. Resumos... Caracas: Universidad Central de Venezuela, 1999. p. 105-113.

BARRON, Ana I. **Apoio social: aspectos teóricos y aplicaciones.** Madrid: Siglo Veintiuno. España Editores, 1996.

BEAUVOIR, Simone. **A Velhice: A realidade incômoda.** Trad. de Heloysa de Lima Dantas. São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1970.

BONI, Valdete; QUARESMA, Sílvia Jurema. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Revista eletrônica dos pós-graduandos em sociologia política da UFSC**, Santa Catarina, v. 2, n. 1, p. 3, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027>. Acesso em: 17 ago. 2023.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos.** 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRITO, Ricardo C.; KOLLER, S. H. **Desenvolvimento humano e redes de apoio social e afetivo.** In: CARVALHO, Alysson Massote (org.). O mundo social da criança: natureza e cultura em ação. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

CAMARANO, Ana Amélia; BELTRÃO, Kaizô Iwakami. **Como vai o idoso brasileiro?.** [S.l. : s.n.], 1999.

CAMPOS, Haroldo de. **Da Tradução como Criação e como Crítica.** In: Metalinguagem e outras metas. São Paulo: Perspectiva, 2004.

CARDOSO, Andréia Ribeiro. **Avós no século XXI: mutações e rearranjos na família contemporânea.** Curitiba: Juruá, 2011. 254 p.

CARDOSO, Andréia. R.; BRITO, Leila. M. T. Ser avó na família contemporânea: Que

jeito é esse? **Psico-USF**, Bragança Paulista, v.19, n.3, 433-441, 2014.

CARNEIRO, Sueli. **Escritos de uma vida**. [S./]: Editora Jandaíra, 2020.

CARVALHO, Tatiane Kelly Pinto de. **Trajetórias escolares 'improváveis': a longevidade escolar de universitários de camadas populares criados ou cuidados por seus avós**. 2023. Tese (Doutorado em Educação) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2023.

CHAVES, Caroline Gonçalves. **A CONTAÇÃO NA AVOSIDADE: A QUALIDADE DA RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS ATRAVÉS DAS HISTÓRIAS**. 2015. 35 f. TCC (Graduação) - Curso de Pedagogia, Faculdade de Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 2015.

CHERLIN, Andrew. J; FURSTENBERG, Frank. F. **Styles and strategies of grandparenting**. In: Publications; p. 97-116, 1985.

COLLINS, Patrícia H.; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. [S./]: Boitempo Editorial, 2021.

CONNELL, Raewyn; PEARSE, Rebecca. **Gênero: uma perspectiva global**. São Paulo: nVersos, 2015.

COZBY, Paul C. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

DA SILVA, Alexandre. O racismo que se perpetua na velhice: O que pensa o recém-nomeado Secretário Nacional dos Direitos da Pessoa Idosa, Alexandre da Silva, sobre envelhecimento da população negra.]. Entrevista concedida à Licia Oliveira. **Radis**. 13 nov. 2023. Disponível em: <https://radis.enp.fiocruz.br/entrevista/trajetorias-negras/o-racismo-que-se-perpetua-na-velhice/>. Acesso em: 05 de maio 2024.

DA SILVA, Leida Cabral Nascimento; NUNES, Iran de Maria Leitão. **GÊNERO E ENVELHECIMENTO: as relações desiguais de poder e dominação expressas na violência contra a mulher idosa**. **X Jornada Internacional de Políticas Públicas**, ambiente virtual, 16 a 19 de nov. 2021. Disponível em: http://www.joinpp.ufma.br/jornadas/joinpp2021/images/trabalhos/trabalho_submissaold_1129_1129612e5a5646a2f.pdf. Acesso em: 09 abr. 2022.

DANTAS, Anne Joyce Lima. **Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade**. Orientador: Aluísio Ferreira de Lima. 2021. 76 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-graduação em Psicologia, Centro de Humanidades, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2021.

DE BARROS, Myriam Lins. **Autoridade & afeto: avós, filhos e netos na família brasileira**. [S./]: Zahar, 1987.

DEBERT, Guita Grin. **A Reinvenção da Velhice**. São Paulo: Edusp, 1999.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** [S.l.]: Editora Vozes Limitada, 2002.

DEUS, Meiridiane Domingues de; DIAS, Ana Cristina Garcia. Avós cuidadores e suas funções: uma revisão integrativa da literatura. **Pensando famílias**, [S.l.], v. 20, n. 2, p. 56-69, 2016.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito; DA HORA, Flávia Fernanda Araújo; DE SOUZA AGUIAR, Ana Gabriela. Jovens criados por avós e por um ou ambos os pais. **Psicologia: teoria e prática**, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 188-199, 2010.

DIAS, Cristina. M. S. B. Pais são para criar e avós para estragar: Será. **Família, diagnóstico e abordagens terapêuticas**, [S.l.], p. 67-72, 2008.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito *et al.* **Percepção sobre o relacionamento com netos adultos na perspectiva de avós.** In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.). Casal e família: Clínica, conflitos e afetos. Ed. PUC-Rio/Prospectiva, 2021. p. 217-233.

DIAS, Cristina Maria de Souza Brito. **Avosidades: teoria, pesquisa e intervenções.** Campinas, SP: Alínea, 2022. p. 9-375.

DINIZ, Rafaela. Escuta dos Avós: A Avosidade, o Vínculo, e o Tempo. **Revista Longeviver**, [S.l.], 2018.

DUARTE, Rosina. **Contos sem fadas: retalhos de memória.** 2. ed. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2012. 112 p.

ELIAS, Norbert. **Sobre o tempo.** Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

EVARISTO, Conceição. **Canção para ninar menino grande.** [S.l.]: Pallas Editora, 2022.

EVARISTO, Conceição. **Insubmissas lágrimas de mulheres: (contos).** [S.l.]: Nandyala, 2011.

FALCÃO, Deusivania. V. S. **A pessoa idosa no contexto da família.** In N. B. Makilin; L. T. Maycoln (Orgs.). Psicologia de família: Teoria, avaliação e intervenção. Porto Alegre: Artmed, 2012. p. 100-111.

FARIAS, Eduardo Augusto; CASSAB, Latif Antonia. AS EXPRESSÕES DO PATRIARCALISMO NA EXPERIÊNCIA DE MULHERES IDOSAS. In: **VII CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA**, 7. Maringá Pr: Unespar, 2015. 15 p. Disponível em: <http://www.cih.uem.br/anais/2015/trabalhos/1441.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2022.

FEDERAL, Senado. **Estatuto do idoso.** Brasília (DF): Senado Federal, 2003.

Disponível em:

https://www.faneesp.edu.br/site/documentos/estatuto_idoso_normas_correlatas.pdf.

Acesso em: 20 abr. 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3. ed. Curitiba: Positivo, 2004.

FRANCO, Maria Laura Puglisi Barbosa. **Análise de conteúdo**. [S.l.]: Autores Associados, 2018.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREITAS, Elizabete. V. de *et al.* **Tratado de Gerontologia e Geriatria**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

GESSNER, Ricardo. Transcrição, transconceituação e poesia. **Cadernos de Tradução**, v. 36, p. 142-162, 2016.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

GOLDENBERG, Mirian. **A bela velhice**. [S.l.]: Editora Record, 2013.

GOLDFARB, Delia Catullo; LOPES, Ruth Gelehrter da Costa. **Avosidade**: a família e as gerações. IN: FREITAS, Elizabete Viana de; PY, Lígia et al (org.). **Tratado de Gerontologia e Geriatria**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2011.

GOLDFARB, Delia.C.; LOPES, Ruth. G. C. **Avosidade**: A família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E.V. *et al.* **Tratado de geriatria e gerontologia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006. p.1374-82.

GOMIDE, Paula Inez; OTTA, Emma. **Métodos de pesquisa em ciências do comportamento**. [S.l. : s.n.], 2003.

GONDAR, J. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 7, n. 13, 2015. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/4815>. Acesso em: 5 jun. 2024.

GRIEP, Rosane Harter; CHOR, Dóra; FAERSTEIN, Eduardo. **Confiabilidade e Validade de Instrumentos de Medida de Rede Social e de Apoio Social Utilizados no Estudo Pró-Saúde**. 2003. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências na área de Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2003.

DODEBEI, V.; FARIAS, F. R. de; GONDAR, J. **Revista Morpheus** (Número especial: Por que memória social?). **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, [S. l.], v. 9, n. 15, 2016. Disponível em: <https://seer.unirio.br/morpheus/article/view/5475>. Acesso em: 5 jun. 2024.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo Afrolatinoamericano**. [S.l.]: Editora Zahar, 2020.

GRIEP, Rosane Harter; CHOR, Dóra; FAERSTEIN, Eduardo. **Confiabilidade e Validade de Instrumentos de Medida de Rede Social e de Apoio Social Utilizados no Estudo Pró-Saúde**. 2003. 177 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências na área de Saúde Pública, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz Escola Nacional de Saúde Pública, Rio de Janeiro, 2003. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4487>. Acesso em: 10 abr. 2024

HAGESTAD, Gunhild O.; BENGTSON, Vern L.; ROBERTSON, Joan F. Grandparenthood. A transição para a avós. **Reista de Assuntos Familiares**, v.7. n.2, 1985.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2004.

HEREDIA, Olga Collinet. Características demográficas da terceira idade na América Latina e no Brasil. **Estudos Interdisciplinares Sobre o Envelhecimento**, Porto Alegre, v. 2, p. 7-21, 1999. Quadrimestral. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/5471/3107>. Acesso em: 14 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Resultados**. Rio de Janeiro: IBGE, 2023. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 5 jun. 2024.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos idosos responsáveis por domicílios no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/20980-numero-de-idosos-cresce-18-em-5-anos-e-ultrapassa-30-milhoes-em-2017>. Acesso em: 09 dez. 2021.

KIPPER, Caroline Dal Ri; LOPES, Rita Sobreira. O tornar-se avó no processo de individuação. **Psicologia: teoria e pesquisa**, [S.l.], v. 22, p. 29-34, 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. 27. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

LEMOS, Amanda dos Santos. **Das senzalas, aos quatinhos, das casas aos abrigos: reflexões sobre como envelhecem as trabalhadoras domésticas negras no Brasil contemporâneo**. 2023. Tese (Doutorado) – FGV CPDOC - Escola de Ciências Sociais, São Paulo, 2023.

LIMA, Cesar Augusto Saouda. O processo de reparação na mudança da avosidade para aparentalidade baseado na custódia e educação dos netos. **Revista Educação-UNG-Ser**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 61-83, 2014.

MAINETTI, Ana Carolina; WANDERBROOCKE, Ana Claudia Nunes de Souza. Avós

que assumem a criação de netos. **Pensando famílias**, [S.l.], v. 17, n. 1, p. 87-98, 2013.

MARTINS, Rosa M. L. A relevância do apoio social na velhice. **Revista Millenium**, Viseu, v. 31, 2005. p. 128-134. Disponível em: <http://repositorio.ipv.pt/bitstream/10400.19/429/1/A%20relev%C3%A2ncia%20do%20ap%20oio.pdf>. Acesso em: 12 abr. 2024.

MCCALL, Leslie. The complexity of intersectionality. **Signs: Journal of women in culture and society**, v. 30, n. 3, p. 1771-1800, 2005.

MONTEIRO, Elizabeth. **Avós e sogras: dilemas e delícias da família moderna**. São Paulo: Summus, 2014. 136 p.

MONTEIRO, Evaldo Cavalcante. AVOSIDADE: o exercício da função de avós, as relações e os conflitos. In: 4 CIEH – Congresso Internacional de Envelhecimento Humano, 4., 2015, Campina Grande. **Anais CIEH**. Campina Grande: Realize, 2015. v. 2, p. 1 – 11.

MORONI, Alexandre. **Vozes e memórias docentes: a trajetória entre a modalidade presencial e a educação a distância na percepção de professores de Instituições de Ensino Superior privadas do RS**. [S.l. : s.n.], 2015.

MOTTA, Alda Britto da. Falando em surdina: são mulheres velhas. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS. 9. Caxambu. **Anais Caxambu**, 1994: [s.n.]. Disponível em: <http://www.abep.org.br/publicacoes/index.php/anais/issue/view/34/showToc> Acesso em: 17 jan. 2022

MOTTA, Alda Britto da. Reinventando fases: a família do idoso. **Artigos publicados em Periódicos (Ppgcs): Caderno CRH**, Salvador, p. 69-87, 1998. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/handle/ri/2498>. Acesso em: 09 out. 2021.

MOTTA, Alda Britto da. **As dimensões de gênero e classe social na análise do envelhecimento**. In: Cadernos Pagu. Número 13, 1999: pp.191-221. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/8635327/3129>. Acesso em: 09 abr.2022.

MOTTA, Alda Britto da. **Não tá morto quem peleia (A pedagogia inesperada nos grupos de idosos)**. Salvador, 1999. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia.

MOTTA, Alda Britto da. As velhas também. **Revista Ex aequo**, Vila Franca de Xira, n. 23, 2011. Disponível em: <http://www.scielo.mec.pt/pdf/aeq/n23/n23a03.pdf>. Acesso em: 19 fev. 2022.

MUCIDA, Ângela. **Escrita de uma memória que não se apaga: envelhecimento e velhice**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009. 149 p.

NERI, Marcelo. **Onde estão os idosos? Conhecimento contra o Covid-19**. FGV Social. Centro de Políticas Sociais. 2020. Disponível em: <https://www.cps.fgv.br/cps/bd/docs/Pesquisa-Covidage-FGV-Social-Marcelo-Neri.pdf>. Acesso em: 09 abr. 2022.

NOGUEIRA, Conceição. **Interseccionalidade e Psicologia Feminista**. Salvador: Devires, 2017. 130 p.

NORBERT, Elias. **A solidão dos moribundos, seguido de envelhecer e morrer**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

OLDFARB, Delia C.; LOPES, Ruth G. da C. **AVOSIDADE: a família e a transmissão psíquica entre gerações**. Tratado de Geriatria e Gerontologia. Rio de Janeiro: Guanabara-Kogan, 2011.

OLIVEIRA, Alessandra R. V. *et al.* Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**, v. 13, n. 3, p. 461-474, 2010.

OLIVEIRA, Maria. R. **As relações intergeracionais e a participação dos avós na família dos filhos**. (Tese de doutorado não publicada). Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, Brasil, 2011.

PAVIN, Raquel da Silva. **Mulheres idosas e o apoio social**. 2020a. 93 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Programa de Pós-Graduação em Política Social e Serviço Social, Psicologia, UFRGS, Porto Alegre, 2020a.

PAVIN, Raquel da Silva. **Mulheres idosas e o apoio social**. Curitiba: Crv, 2020b. 92 p.

PEREIRA, Tânia da Silva; COLTRO, Antônio Carlos Mathias; RABELO, Sofia Miranda; LEAL, Livia Teixeira. **Avosidade: relação jurídica entre avós e netos**. Indaiatuba: Foco, 2021. 432 p.

PEREIRA, Potyara. Discussões conceituais sobre política social como política pública e direito de cidadania. In: BOSCHETTI, I. et al (orgs.). **Política Social no Capitalismo: Tendências Contemporâneas**. São Paulo: Cortez, 2008.

PIEDADE, Vilma. **Dororidade**. São Paulo: Nós, 2017. 64 p.

PIERDONÁ, Natália *et al.* Avosidade nos desenhos animados ocidentais: estilos de avós com netos adolescentes. **Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento**, v. 23, n. 2, 2018.

PIETRUKOWICZ, Marcia C. L. C. **Apoio social e religião: uma forma de enfrentamento dos problemas de saúde**. 2001. 129 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Pós-graduação em Saúde Pública, Departamento de Endemias Samuel Pessoa,

Escola Nacional de Saúde Pública Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, 2001. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/4610>. Acesso em: 10 abr. 2024.

PINTO, Kelly Lins Beserra; ARRAIS, Alessandra da Rocha; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella Rodrigues. Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. **Psico-USf**, Bragança Paulista, v. 19, n. 1, p. 37-47, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusf/a/Xtjf6dQBqrQW6bGjcl4hYnv/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 26 jul. 2021.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 10, p. 200-215, jul. 1992. ISSN 2178-1494. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 09 jun. 2020.

PORTELLI, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho.: algumas reflexões sobre a ética na história oral. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduados de História: REVISTA DO PROGRAMA DE ESTUDOS PÓS-GRADUADOS DE HISTÓRIA**, São Paulo, v. 15, p. 13-49, 1997. Semestral. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/11215/8223>. Acesso em: 30 mai. 2020.

RABELO, D. F.; DA SILVA, J.; ROCHA, N. M. F. D.; GOMES, H. V.; ARAÚJO, L. F. de. Racismo e envelhecimento da população negra. **Revista Kairós-Gerontologia**, [S. l.], v. 21, n. 3, p. 193–215, 2018. DOI: 10.23925/2176-901X.2018v21i3p193-215. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/kairos/article/view/44428>. Acesso em: 9 maio. 2024.

RAMOS, Anne Carolina. **Meus avós e eu**: as relações intergeracionais entre avós e netos na perspectiva das crianças. 2011. 464 f. Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Ufrgs, Porto Alegre, 2011. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/handle/10183/32306>. Acesso em: 26 jul. 2021.

REDLER, Paulina. **Abuelidade. Nós Allá de La Paternidade**. Argentina: Ed. Legasa, 1986.

REIS, Bianca. **A voz da avó em uma família homoafetiva feminina**. 8. ed. Curitiba: Crv, 2020. 106 p.

RIBEIRO, Djamila. **Lugar de Fala**. São Paulo: Pólen, 2019. 112 p. Feminismos Plurais/ coordenação de Djamila Ribeiro.

RODRIGUES, Marcela A.; SEIDL, Eliane M. F. A importância do apoio social em pacientes coronarianos. **Paidéia**, Brasília, DF, v. 40, n. 18, p. 279-288, 2008.

ROSA, Nicole M. da. **AVÓS GUARDIÕES: FRONTEIRAS E LIMITES ENTRE AVOSIDADE E PARENTALIDADE**. 2018. 29 f. TCC (Graduação) - Curso de Psicologia, Psicologia, Ufrgs, Porto Alegre, 2018.

SALGADO, Carmen D. S. Mulher idosa: a feminização da velhice. **Estudos**

Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, Porto Alegre, v. 4, 2002. p. 7-19. Quadrimestral. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/article/view/4716>. Acesso em: 19 mar. 2020.

SAMPAIO, Miliana Augusta Pereira; PEREIRA, Silvanis dos Reis Borges; OSÓRIO, Neila Barbosa; SILVA NETO, Luiz Sinésio. A CONSTRUÇÃO DA AVOSIDADE NA LITERATURA CIENTÍFICA BRASILEIRA: uma revisão integrativa de literatura / the construction of avosity in the brazilian scientific literature. **Brazilian Journal of Development**, [S.l.], v. 7, n. 3, p. 24565-24576, 2021. Brazilian Journal of Development. <http://dx.doi.org/10.34117/bjdv7n3-252>.

SEGATO, Rita Laura. **As estruturas elementares da violência**: ensaios de gênero entre a antropologia, a psicanálise e os direitos humanos. Universidade Nacional de Quilmes: [s.n.], 2003.

SHERBOURNE, C. D.; STEWART, A. L. The MOS Social Support Survey. **Social Science and Medicine**, v. 38, n. 6, p. 705-714, 1991. Apud GRIEP; CHOR; FAERSTEIN, 2003.

SHERBOURNE, C. D.; STEWART, A. L. The MOS Social Support Survey. **Social Science and Medicine**, [S.l.], v. 38, n. 6, p. 705-714, 1991.

SILVA, Ana Mateus. A colaboração dos avós na educação dos netos. **Interfaces Científicas - Educação**, v. 1, n. 1, p. 67-75, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.17564/2316-3828.2012v1n1p67-75>.

SILVA, Gerson E. C. Apoio afetivo e emocional percebido por netos adolescentes no relacionamento com os avós: um estudo exploratório com discentes do ensino médio do instituto federal do maranhão. **Anais II CNEH...** Campina Grande: Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/50266>. Acesso em: 21 ago. 2021.

SILVA, Larissa Tenfen. TEMPOS DE AVOSIDADE: reflexões sobre família, pessoa idosa e Direito. **Sociedade e Advocacia**, v. 1, n.1, 2020.

SOUSA, Liliana. Avós e netos: uma relação afetiva, uma relação de afetos. **Povos e culturas**, n. 10, p. 39-50, 2005. Disponível em: <https://revistas.ucp.pt/index.php/povoseculturas/article/view/8806>. Acesso em: [data de acesso].

SOUZA, Adriana Ferreira de. **AVOSIDADE: A RELAÇÃO ENTRE AVÓS E NETOS**. 2014. 24 f. TCC (Graduação) - Curso de Serviço Social, Serviço Social, Universidade Católica de Brasília, 2014.

TEIXEIRA, Ana Carolina Brochado; RABELO, Sofia Miranda. **Avosidade & avoternidade**: a coparticipação parental dos avós no direito brasileiro. In: PEREIRA,

Tânia da Silva (org.). *Avosidade Relações Jurídicas entre avós e netos: relações jurídicas entre avós e netos*. Indaiatuba. São Paulo: Foco, 2021. p. 1-418.

TIBURI, Márcia. **Feminismo em comum: para todas, todes e todos**. 15. ed. Rio de Janeiro: Rosas do Tempo, 2021. 125 p.

TRIPODI, Tony; FELLIN, Phillip; MEYER, Henry. **Análise da Pesquisa Social: Diretrizes para o uso da pesquisa em Serviço Social e Ciências Sociais**. Tradução de Geni Hirata. 2. ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981. 337 p.

TURATO, Egberto Ribeiro. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011. 685p.

UCHINO, Bert N. **Social support and physical health**. New Haven: Yale University Press, 2004.

VALLA, Victor V. **Apoio social e saúde: buscando compreender a fala das classes populares**. In: COSTA, M. V. (Org.). *Educação Popular Hoje*. São Paulo: Loyola, 1998. p. 151-180.

VIEBIG, Renata Furlan; ALMEIDA, Andrea Romero de. **Avosidade, nutrindo o afeto e a alimentação saudável através das gerações**. In: PEREIRA, Tânia da Silva et al. (Org.). *Avosidade: relações jurídicas entre avós e netos*. Indaiatuba: Foco, 2021. p. 315-328.

WOODWARD, Kathryn; HALL, Stuart. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. 133 p.

ZANATTA, Edinara; ARPINI, Dorian Mônica. *Conhecendo a imagem, o papel e a relação avó-neto: a perspectiva de avós maternas*. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, v. 17, n. 1, p. 343-363, 2017.

APÊNDICE A - QUADRO COM SÍNTESE DAS CATEGORIAS NORTEADORAS

Categoria	Conceituação
Gênero	<p>Com uma estrutura social de um tipo particular que envolve uma relação específica com os corpos, este aspecto é reconhecido no senso comum, que define gênero como uma expressão de diferenças naturais entre homens e mulheres. [...] O que está errado com a definição do senso comum não é a atenção aos corpos nem a preocupação com a reprodução sexual, mas a tentativa de inserir a complexidade biológica e a sua adaptabilidade a uma dicotomia rígida, e a ideia de que os padrões culturais apenas expressariam diferenças corporais (Connell; Pearse, 2015, p. 48).</p> <p>Agora nos é possível definir o “gênero” de forma a resolver paradoxos sobre a “diferença”. O gênero é a estrutura das relações sociais que se centra sobre a arena reprodutiva e o conjunto de práticas que trazem as distinções reprodutivas sobre os corpos para o seio dos processos sociais. De maneira informal, gênero diz respeito ao jeito com que as</p>

	<p>sociedades humanas lidam com os corpos humanos, e as consequências desse “lidar” para nossas vidas pessoais e nosso destino coletivo [...] (Connell; Pearse, 2015, p. 48).</p> <p>Nas últimas décadas, o jogo de poder entre sexos/gêneros e entre as gerações começou a mudar. Uma consciência cada vez maior, por parte das mulheres, da sua subordinação social, levou-as a se organizarem como grupos, em movimentos feministas, que tiveram o seu caldo de cultura mais propício nas crises e nos movimentos do final dos anos sessenta e se fortaleceram ao longo dos anos setenta e oitenta (Motta, 1998, p. 70).</p>
Predestinação posta aos corpos femininos	<p>Sobre o contexto atual e brasileiro, destaca:</p> <p>Esse pensamento ainda é moderno, perpassa e vitimiza mulheres, jovens e meninas em várias culturas. Inclusive na nossa; pois, diante do cenário político que vivemos, nosso corpo não nos pertence [...] Esse corpo feminino interdito, da burca, da procriação, não pode ser exposto - esse corpo pertence a Deus! O corpo da luta política, o do prazer, do direito ao nosso corpo, é demoníaco, do mal (Piedade, 2017, p. 30).</p>
Patriarcado	<p>Patriarcado é um nome estranho para muitas pessoas que consideram natural a ordem social existente. Ele representa a estrutura que organiza a sociedade, favorecendo uns e obrigando outros a se submeterem ao grande favorecimento que ele é, sob pena de violência e morte. É claro que qualquer sistema de privilégios é feito para que uns usufruam deles enquanto outros devem trabalhar para que o sistema seja mantido (Tiburi, 2021, p. 63).</p> <p>O patriarcado pressupõe a subordinação das mulheres em todas as esferas, tanto da violência, da divisão sexual do trabalho, espaços de poder e tantas outras esferas sociais em que as mulheres estão em desvantagem por causa de um sistema que as coloca em condições de desigualdade (Da Silva; Nunes, 2021, p. 6).</p>
Interseccionalidade	<p>A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária - entre outras -, isso são interrelacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas (Collins; Bilge, 2021, p. 15-16).</p>
Interseccional e velhices femininas	<p>O processo de envelhecimento não ocorre uniformemente, e os marcadores de gênero, classe e raça também devem ser analisados neste contexto. Uma idosa que pertence às camadas populares apresentará problemáticas mais complexas em todos os campos de sua vida, em contraponto a mulheres da mesma faixa etária, brancas e pertencentes a classes abastadas, fato que influenciará diretamente no bem-estar e expectativa de vida destas mulheres negras, idosas e</p>

	<p>vulneráveis (Aquino, 2017, p. 5).</p> <p>A heterogeneidade de situações que os idosos vivem, de acordo com suas condições sociais – principalmente de classe e sexo/gênero – e a subjetividade possível, é evidente que essas duas situações bem diferenciadas existem e coexistem (Motta, 1998, p. 73).</p>
Relações intergeracionais	<p>A família é o “nosso grupo” primeiro, primário e fundamental, que é preciso preservar, a todo custo, da dissolução – mas também dos olhares externos. Por isso, seu estudo, sua observação, sua análise do ponto de vista das relações que a constituem, ou parecem constituí-la, é muito difícil. Relações de gênero (principalmente entre marido e mulher), de gerações (pais e filhos, avós, netos), e intrageracionais (os irmãos) são, frequentemente. E não apenas pelo desejo, consciente ou inconsciente, dos indivíduos, de preservar a privacidade do grupo; também porque essas relações são carregadas de ambigüidade nas suas contradições entre afetividade e poder/dominação ou entre afetos polares que podem não ser claros até para os que os vivenciam (Motta, 1998, p. 71).</p> <p>Os mais velhos, inclusive os das classes populares, estão sendo frequentemente arrimo (pelo menos parcial) da família, até abrigando em casa filhos e netos ou mantendo-os muito próximos. Até porque, ao contrário de outros membros mais jovens da família, muitos idosos têm uma renda certa, por menor que seja (Motta, 1998, p. 74).</p>
Avosidade	<p>No contexto contemporâneo, observamos avós de todas as gerações que acabam exercendo diversos papéis sociais nos núcleos familiares (Oliveira, 2011).</p> <p>Falcão (2012) salienta que nos anos 2000 foram realizadas pesquisas sobre os avós como responsáveis pelo provimento familiar e como cuidadores dos netos, estes trazem a transição do desenvolvimento, dos anos 90, as funções e papéis dos avós na contemporaneidade, a troca de uma imagem mais autoritária para a de maior afetividade.</p> <p>Oliveira (2011) retrata sobre as classificações dos avós contemporâneos, salientando que existem aqueles que são os “encarregados” pela criação de seus netos, que, muitas vezes, substituem as figuras maternas e paternas, e os que podem ser ditos “passivos”, que participam de atividades específicas da vida dos netos, com menor convivência e responsabilidade diária, seguidos dos que não possuem relações de convivência com os netos. Nesse sentido, o termo avosidade busca dar conta das condições de ser avô ou avó na atualidade, considerando as implicações sociais e psicológicas envolvidas neste processo.</p>
Memória	<p>A memória se constitui de marcas que não se apagam e que ao mesmo tempo nem sempre podem ser lembradas ou totalmente lembradas. Não tem relação direta com os fatos, nas impressões e lembranças que retornam encontram-se a forma de cada um perceber, interpretar, imaginar ou assimilar as experiências vividas (Mucida, 2009, p. 85).</p> <p>A memória é marcada por impressões arcaicas que não morrem: apresenta-se por algumas impressões, como odor, som, gosto, textura</p>

	<p>ou vestígios, reescrevendo experiências passadas e dando-lhes uma sensação de atualidade - entrelaça o passado com o presente e o futuro, como se o tempo que deixasse de imperar (Mucida, 2009, p. 86).</p>
<p>Memória Social</p>	<p>Halbwachs (2004) vai auxiliar na reflexão, destacando que o sujeito que recorda é um indivíduo composto e atravessado por construções coletivas, grupos de referência, além de a memória ser uma construção grupal, sem deixar de lado a construção individual.</p> <p>Para Halbwachs (2004), o papel da memória social consiste em pensar os grupos sociais e a reprodução da memória do passado no viés coletivo. Esta memória versa sobre sentimentos de identidade, aos quais possibilitam a identificação dos coletivos, realizando a distinção dos demais.</p> <p>Nos estudos de Halbwachs (2004), pode-se entender que a memória compõe a identidade, entendendo a construção da identidade como um reflexo das construções coletivas que um grupo cria ao longo do tempo histórico.</p>
<p>Memória e identidade social</p>	<p>Conforme refere Pollak (1992, p. 204), a identidade pode ser “a imagem que tem de si, para si e para os outros”. A representação de si, que constrói com o passar do tempo e que manifesta no coletivo. Pode-se destacar:</p> <p>A memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua construção de si (Pollak, 1992, p. 204).</p>
<p>Identidade</p>	<p>Stuart Hall (2014 p. 103 e 104) afirma que não podemos mais conceber a identidade, mas “as identidades”.</p> <p>Woodward (2014) salienta que a identidade assume uma série de elementos a serem considerados e ainda afirma que a “a identidade é relacional [...]” (p. 9).</p> <p>A identidade é marcada por meio de símbolos (Woodward, 2014, p. 9).</p> <p>A identidade está “vinculada a condições e materiais. Se um grupo é simbolicamente marcado como inimigo ou como tabu, isto terá efeitos reais, porque o grupo será socialmente excluído e terá desvantagens materiais [...]” (Woodward, 2014, p. 14).</p> <p>A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio dos quais os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar [...] A representação [...] estabelece identidades individuais e coletivas[...] (Woodward, 2014, p. 18).</p>

Representação	A representação inclui as práticas de significação e os sistemas simbólicos por meio do qual os significados são produzidos, posicionando-os como sujeitos. É por meio dos significados produzidos pelas representações que damos sentido à nossa experiência e àquilo que somos. Podemos, inclusive, sugerir que esses sistemas simbólicos tornam possível aquilo que somos e aquilo no qual podemos nos tornar [...] A representação [...] estabelece identidades individuais e coletivas [...] (Woodward, 2014, p. 18).
Identificação	Para Hall (2014), a identificação se manifesta a partir do reconhecimento, em que se tem algo em comum, dentro das características que podem estar presentes e são compartilhadas nos grupos, em um coletivo que possibilite o “pertencimento cultural” que rompa com “as diferenças superficiais” (p. 108). Ressalta, também, a importância desta concepção permitir afirmar que “as identidades não são nunca unificadas” (p. 108), mas mutantes, plurais e transitórias e, se pensadas no processo coletivo e manifestadas na sociedade, são um ato de poder e resistência.

Fonte: Elaborado pela autora (2022)

APÊNDICE B – TERMO CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa, vinculada ao projeto de tese intitulado: A visibilidade de mulheres idosas avós na contemporaneidade: construindo perspectivas sobre novos conceitos de avosidades, conduzida por mim, Raquel da Silva Pavin, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (Unilasalle), com orientação da Profa. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan. Essa pesquisa tem como objetivo compreender como mulheres idosas vivem a avosidade no atual cenário contemporâneo, via narrativas memoriais, com o objetivo de conhecer padrões e visões divergentes, desenvolvendo conjecturas sobre o tema para os avanços destes estudos.

O tempo dedicado a responder à entrevista é previsto em, aproximadamente, 1 a 2 horas, caso observada a necessidade por minha parte ou sua poderá ocorrer mais de um encontro para a realização da coleta dos dados. Esta será realizada em uma sala alugada no centro da cidade de Porto Alegre/RS, que garantirá o sigilo das informações. As entrevistas, após seu aceite em

participar, serão registradas e gravadas. Você terá direito de interromper ela a qualquer momento e não mais participar. Caso sinta-se incomodada, a partir da realização desta, eu estarei à disposição para que seja trabalhado esse incômodo.

Sobre os riscos que essa pesquisa pode oferecer, é importante informar que serão mínimos, podendo ocorrer desconforto com alguma pergunta ou durante as suas respostas. Se considerarmos que isso está afetando de alguma forma, interromperemos de imediato a entrevista, providenciando ajuda para sanar esse desconforto, junto aos serviços da rede de saúde pública disponíveis. Em relação aos benefícios da pesquisa, estes estão ligados à possibilidade de contribuir com um estudo voltado para novos saberes sobre o envelhecimento humano brasileiro, conseqüentemente para melhorias na sociedade.

As informações coletadas nesta entrevista serão utilizadas apenas para o estudo. Os resultados deste estudo serão utilizados exclusivamente para fins acadêmicos, sendo garantido o completo anonimato das participantes. Além disso, serão socializados mediante participação em eventos científicos e na produção de artigos pela pesquisadora. As participantes serão convidadas para a banca de defesa da tese, como forma de divulgação dos resultados da pesquisa.

A sua participação não é obrigatória e, a qualquer momento, você pode desistir de participar e retirar seu consentimento. Isso não acarretará prejuízo, e qualquer informação já concedida não será utilizada, sem danos para a pesquisa ou para a participante. Não existe custo para participação nesta pesquisa.

Como voluntária deste estudo, você terá a garantia de receber todos os esclarecimentos sobre qualquer dúvida relacionada a ele, o que poderá ser feito pela pesquisadora responsável, através do telefone (51)995969721, e-mail raquelpavin@yahoo.com.br, e junto a orientadora Profa. Dra. Patricia Kayser Vargas Mangan, e-mail: patricia.mangan@unilasalle.edu.br, bem como via Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade La Salle, pelo e-mail: cep.unilasalle@unilasalle.edu.br, telefone: (51) 3476.8452 e endereço: Av. Victor Barreto, 2288, Centro - Canoas RS- 3º andar do Prédio 6, nos seguintes horários: Segunda-feira: 14h às 18h, Terça-feira: 14h às 19h, Quarta-feira: 14h às 18h Quinta-feira: 10h às 13h e 14h às 19h e Sexta-feira: 14h às 18h. Saliento que este projeto de pesquisa foi aprovado pelo CEP.

Sendo assim, informo que fui orientada sobre os objetivos da pesquisa de maneira clara e detalhada, e concordo em participar desta. Destaco que fui informada da garantia a qualquer etapa do estudo, de receber esclarecimentos com a pesquisadora responsável, de qualquer dúvida sobre os assuntos relacionados a esta pesquisa. Que minha participação é voluntária, gratuita e terei a liberdade de retirar o meu consentimento, a qualquer momento, e deixar de

participar do estudo, sem que isso me traga prejuízo de qualquer natureza, garantindo que não serei identificada quando da divulgação dos resultados e que as informações serão utilizadas somente para fins científicos da presente pesquisa.

Fui informada que receberei uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinada e rubricada pela pesquisadora responsável e sua orientadora.

Porto Alegre, ____ de _____ de 20__.

Assinatura da doutoranda responsável:

Assinatura da professora orientadora da pesquisa:

Assinatura da participante:

APÊNDICE C – INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Dados de identificação e sociodemográficos

1- Data de nascimento:

2- Idade:

3- Qual seu sexo? _____

4- Como você se autodeclarada em relação a sua cor?

() branca

() preta

() amarela

() parda

5- Qual sua escolaridade?

- analfabeto
- alfabetizado fora da escola
- primário incompleto
- primário completo
- ginásial incompleto
- ginásial completo
- complementar
- secundário incompleto
- secundário completo
- superior incompleto
- superior completo
- não sabe
- não respondeu
- outro? Qual _____

6- Qual o seu estado civil? _____

7- Qual a sua naturalidade? _____

8- Qual profissão você exerceu? _____

9- Qual a sua ocupação atual? _____

10- Qual a origem da sua renda atual?

- não possui renda
- rendimentos de trabalho
- aposentadoria
- pensão
- benefício
- outro, (qual?) _____

11- Qual seu rendimento aproximado? _____

- sem renda fixa
- até 1 salário mínimo (R\$ 0,00 até R\$ 1.320,00)
- 1 salário mínimo (R\$ 1.320,00)
- de 1 a 2 salários mínimos (entre R\$ 1.320,00 e R\$ 2.640,00)
- de 2 a 3 salários mínimos (entre R\$ 2.640,00 e R\$ 3.960,00)
- de 3 a 4 salários mínimos (entre R\$ 3.960,00 e R\$ 5.280,00)
- de 4 a 5 salários mínimos (entre R\$ 5.280,00 e R\$ 6.600,00)
- de 5 a 6 salários mínimos (entre R\$ 6.600,00 a R\$ 7.920,00)
- mais de 6 salários mínimos (mais de R\$ 7.920,00)

12- Qual o seu tipo de moradia?

() própria

() alugada

() cedida

() ocupação

() em amortização

() outro, (qual?) _____

13- Em qual bairro você reside?

14- Você reside com mais pessoas? Se sim, quantas e quais pessoas residem com você?

APÊNDICE D - ROTEIRO DE PERGUNTAS EM PROFUNDIDADE

1. Em qual ano se tornou avó? Como foi esse primeiro contato?
2. Quantos netos(as) você possui? Fale um pouco sobre eles(as), são quantos(as)? quais as idades?
3. Como você se define como avó?
4. O seu entendimento/sentimento de ser avó mudou com o passar do tempo? Explique.
5. Como você observa suas amigas/familiares exercendo o papel de avó?
6. Quais tarefas executa relacionadas ao papel de avó, favor detalhar? Como se sente realizando estas? Explicar sobre.
7. Percebe mudanças na rotina após se tornar avó? Como identifica? Explique.
8. Como se sente sendo avó? Explique.
9. Como é sua relação com os netos(as)? Explique sobre.
10. Na sua opinião, existem partes boas de ser avó? Explique.

11. Na sua opinião, existem partes ruins de ser avó? Explique.
12. Como definiria ser avó hoje? Explique.

APÊNDICE E - QUADRO CONCEITUAL (LIVROS E CAPÍTULOS)

O quadro apresentado foi elaborado a partir de livros impressos e publicados nos últimos 5 anos, que incluem os termos "avosidade" ou "avosidades" em seus títulos e fornecem definições do conceito nos capítulos, conforme destacado.

Título	AUTORES	ANO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIAS
Livro: A voz da avó em uma família homoafetiva feminina.	Bianca Reis	2020	Existem diversos tipos de avosidade, podendo-se falar em avosidades. "Percebe-se, por exemplo, que no século XXI, há aqueles que são cuidadores integrais dos netos, os que se responsabilizam por apenas um período do dia, os que veem os netos nos finais de semana e aqueles que os encontram eventualmente" (2) (p.434)	(1) REIS, Bianca. A voz da avó em uma família homoafetiva feminina. 8. ed. Curitiba: Crv, 2020. 106 p. Cita: (2) CARDOSO, Andreia Ribeiro; BRITO, Leila Maria Torraca de. Ser avó na família contemporânea: que jeito é esse? Psico-USF , v. 19, p. 433-441, 2014.
Livro: avosidade relação jurídica entre avós e netos Capítulo: avosidade & avoternidade: a coparticipação parental dos avós no direito brasileiro.	Ana Carolina Brochado Teixeira e Sofia Miranda Rabelo	2021	Para as pesquisas de Goldfarb e Lopes, "a avosidade não remete a uma idade cronológica, mas há um laço de parentesco localizado nas filiações trigeracionais, do ponto de vista pessoal familiar e social". (p.145) (2) Para a análise da avosidade, "torna-se necessário abordar perspectivas bidirecional e interativa, pois cada questão que se discute depende da interação de ambas" (p. 462) (3). A relação entre as duas gerações é mutuamente importante. (p. 53) (1) A avosidade é definida pela Gerontologia (1) "como laço de parentesco localizado nas filiações trigeracionais do ponto de vista pessoal, familiar e social, que está intimamente ligada às funções materna e paterna, das quais, entretanto, se	(1) TEIXEIRA, Ana Carolina Brochado; RABELO, Sofia Miranda. Avosidade & avoternidade: a coparticipação parental dos avós no direito brasileiro. In: PEREIRA, Tânia da Silva (org.). Avosidade relações jurídicas entre avós e netos : relações jurídicas entre avós e netos. Indaiatuba: Foco, 2021. p. 1-418. (2) GOLDFARB, Delia Catullo; LOPES, RG da C. Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. Tratado de geriatria e gerontologia , v. 2,

			diferenciam exercendo papel determinante na formação do sujeito” (3) (p. 461)	p. 1375-1381, 2006. (3) OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; VIANNA, Lucy Gomes; CÁRDENAS, Carmen Jansen de. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia , v. 13, p. 461-474, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/YPdgxkTQLXqdW39jDD3CwWx/?format=html&lang=pt Acesso em: 17 out.2023
Livro: avosidade relação jurídica entre avós e netos Capítulo: avosidade manifestação de amor.	Antônio Carlos Mathias Coltro	2021	<p>“[...] a avosidade, definida como laço de parentesco, está intimamente ligada a maternidade e paternidade, das quais, entretanto, se diferencia, exercendo papel determinante na formação do sujeito” (p.461) (2)</p> <p>A “avosidade é associada a um forte sentimento de paternidade. Os avós demonstram uma enorme satisfação na relação com os netos”. (p.470) “[...] Assim, a avosidade é tema que cria um elo entre a Pediatria Gerontologia”, induzindo considerar a importância que possui o vínculo, daí resultante e a condição que dele resulta e que consiste justamente na avosidade (p.463) (2)</p> <p>Na referência de Giovana Ribeiro, em escrito intitulado “Você sabe o que é Avosidade?”, destaca-se “A avosidade é também um tema que transparece diversidade, intergeracional. Acima de tudo, a avosidade é um encontro entre gerações, uma relação ainda sujeita a preconceitos, estereótipos, como aqueles que se referem ao ser mãe, pai, marido, esposa”. (3)</p>	<p>(1) COLTRO, Antônio Carlos Mathias. (2) Avosidade manifestação de amor. In: PEREIRA, Tânia da Silva (org.). Avosidade relações jurídicas entre avós e netos: relações jurídicas entre avós e netos. Indaiatuba: Foco, 2021. p. 1-418.</p> <p>(2) OLIVEIRA, Alessandra Ribeiro Ventura; VIANNA, Lucy Gomes; CÁRDENAS, Carmen Jansen de. Avosidade: visões de avós e de seus netos no período da infância. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 13, p. 461-474, 2010. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbgg/a/YPdgxkTQLXqdW39jDD3CwWx/?format=html&lang=pt Acesso em: 17 out.2023</p> <p>(3) Você sabe o que é “Avosidade”? Veja o site que celebra relação de avós e netos. Disponível em:</p>

				[https://www.metroworldnews.com.br/estilo-vida/2016/05/25/voce-sabe-o-que-e-avosidade-veja-o-site-que-celebra-relacao-de-avos-e-netos.html] Acesso em: 13 out. 2023.
<p>Livro: avosidade relação jurídica entre avós e netos</p> <p>Capítulo: os laços afetivos da avosidade entre os povos indígenas no estado de Roraima</p>	Denise Abreu Cavalcanti	2021	<p>Cavalcanti (2021) relata que, após entrevista com o padre jesuíta, este relata que conforme sua vivência junto ao povo Saterê Mawé, no Amazonas [...]. A avosidade é fundamental na relação que se estabelece com os avós, porque as crianças indígenas vão viver com esses antes para escutarem suas histórias, que se entrelaçam nas lendas da mãe d'água, do Matinta Pereira, do Curupira. Ademais, os laços entre esses familiares, nas comunidades indígenas, se estabelecem como uma relação de conexão, de continuadores de uma cultura. Os avós sabem que dentro de pouco, pela lei natural, morrerão, desencarnarão na sua fé, participando do grande Cosmo (p.133)</p>	<p>CAVALCANTI, Abreu Denise. Os laços afetivos da avosidade entre os povos indígenas no estado de Roraima In: PEREIRA, Tânia da Silva (org.).</p> <p>Avosidade relações jurídicas entre avós e netos: relações jurídicas entre avós e netos.</p> <p>Indaiatuba: Foco, 2021. p. 1-418.</p>
<p>Livro: avosidade relação jurídica entre avós e netos</p> <p>Capítulo: Avosidade responsabilidade civil: um diálogo em construção.</p>	Nelson Rosenthal	2021	<p>Avosidade é um recurso expressivo que nos remete para muito além do formalismo do parentesco em linha reta (parentes que estão um para com os outros na relação de ascendente e descendente). [...] Tampouco a avosidade remete a tutela da pessoa idosa, calcada na proteção de uma pessoa vulnerável, que resulta, tanto da sua natural assimetria em um contexto individual de declínio de potencialidades psicofísicas, como também de sua dificuldade de inserção em um ambiente social cultural marcado por práticas discriminatórias. A avosidade se localiza no plano da intersubjetividade, resigne ficando o direito das famílias, como local de comunhão de vidas. (p. 266) (1)</p> <p>A um primeiro olhar a avosidade se destaca da paternidade, pois a tônica da relação de avós com netos não reside nos deveres, porém na função da transmissão de conhecimento geracional, do</p>	<p>(1) ROSENVALD, Nelson. Avosidade responsabilidade civil: um diálogo em construção. In: PEREIRA, Tânia da Silva (org.).</p> <p>Avosidade relações jurídicas entre avós e netos: relações jurídicas entre avós e netos.</p> <p>Indaiatuba: Foco, 2021. p. 1-418</p> <p>(2) LÔBO, Paulo. Direito de família e os princípios constitucionais. Tratado de direito das famílias. Belo Horizonte: IBDFAM, p. 101-129, 2015.</p>

			<p>passado, das origens. É da natureza das coisas que as avós mantenham o relacionamento com os netos menos tensos que aqueles estabelecidos com os pais, estando em melhores condições para ouvir, compreender e apoiar os seus netos em ocasiões em que seus pais não possam se fazer presentes ou mesmo careça de aptidão para tanto. Dessa forma, eles desempenham um papel essencial no processo de “Transmissão intergeracional”, um processo intimamente ligado ao da construção da identidade (p. 268) (1)</p> <p>Todavia, no âmbito da avosidade, o direito fundamental de solidariedade tende a se eficacizar de forma prevalente positiva pela via do princípio da convivência familiar, tida como “relação afetiva diuturna entretecida pelas pessoas que compõem o grupo familiar ... que não se esgota na chamada família nuclear, composta apenas por pais e filhos” (p.126) (2)</p>	
<p>Livro: envelhecimento & avosidades.</p> <p>Capítulo: avosidade e tea: um enredo relacional combinado entre a história oral e narrativa.</p>	<p>Maria Angélica Gonçalves Coutinho e Eliane Pedreira Rabinovich</p>	2022	<p>Assim, compreendemos a avosidade no compartilhamento de experiência (comportamentos e atitudes) que se desenvolve que se realiza entre as gerações, organizando e reorganizando as posições (avô e neto), em rotatividade eu-outro, que nos permitiu reconhecer naquela relação de intensas interações, o princípio do self dialógico. (p. 91) (1)</p> <p>Com o aumento da longevidade, esse papel social foi atualizado, constituindo-se a avosidade de três dimensões importantes na formação do neto: cuidado, suporte emocional e provisão de recursos (Scortegagna <i>et al.</i> 2019) (2) Neste sentido, as transformações culturais e aprendizados nas trocas intencionais que ocorrem nessa relação se replicam impactando modos de viver, conviver e socializar intergeracionais (p. 93) (1)</p>	<p>(1) COUTINHO, Maria Angélica Gonçalves; RABINOVICH, Eliane Pedreira. Avosidade e TEA um enredo relacional combinado entre a história oral e narrativa. In: AZAMBUJA, Rosa Mariada Motta; RABINOVICH, Eliane Pedreira; NEVES, Sinara Dantas. <i>Envelhecimento & Avosidades.</i> Curitiba: Crv, 2022. p. 10-126.</p> <p>(2) SCORTEGAGNA, Helenice De Moura <i>et al.</i> Cuidado de si em um grupo de convivência de idosas. Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia, v. 22, p. e180164, 2019.</p>

APÊNDICE F - QUADRO CONCEITUAL (PERIÓDICOS DA CAPES)

Levantamento de artigos publicados entre 2014 e 2024 que continham os termos "avosidade" ou "avosidades" nos títulos, acessados através do site de periódicos da Capes, visando definir o conceito segundo os autores mencionados.

TÍTULO	AUTORES	ANO	DEFINIÇÃO	REFERÊNCIA
Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência	Kelly Lins Beserra Pinto, Alessandra da Rocha Arrais e Katia Cristina Tarouquella Rodrigues Brasil	2014	<p>[...] A entrada na avosidade estaria relacionada a uma preparação e elaboração dos estágios anteriores para o exercício desse papel. No entanto, o levantamento teórico denuncia uma marca cristalizada na qual os autores percebem os avós como cuidadores ou figuras de apoio idealizado durante a infância dos netos, desconsiderando a possibilidade de emergirem outros sentimentos humanos, durante essa fase, nas relações entre avós e netos. (p.39) (1)</p> <p>Deposita-se a expectativa do exercício de uma avosidade desprovida de ambivalência e realizada por pessoas perfeitas e em condições ideais, aspectos que distanciam a possibilidade de existirem sentimentos conflituosos na condição de tornar-se avô. (p.39) (1)</p> <p>Para Goldfarb e Lopes (2006), o que definirá a avosidade não será a idade cronológica ou o papel social, mas a possibilidade de transmitir as funções materna e paterna para as próximas gerações. (p.39) (2)</p>	<p>(1) PINTO, Kelly Lins Beserra; ARRAIS, Alessandra da Rocha; BRASIL, Katia Cristina Tarouquella Rodrigues. Avosidade x maternidade: a avó como suporte parental na adolescência. Psico-USF, v. 19, p. 37-47, 2014. Disponível em: https://www.scielo.br/j/pusf/a/Xtjf6dQBqrQW6bGjcL4hYNv/?lang=pt Acesso em: 12 out 2023.</p> <p>(2) GOLDFARB, D. C., LOPES, R. G. C. (2006). Avosidade: a família e a transmissão psíquica entre gerações. In: Freitas, E. V. e cols. Tratado de geriatria e gerontologia. (pp.1374-1382). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.</p>

<p>Avosidade nos desenhos animados ocidentais: estilos de avós com netos adolescentes</p>		<p>2018</p>	<p>Nas animações com personagens idosos do gênero feminino, surgiu uma relação de avosidade com maior participação familiar, na qual a avó exerceu papel importante na formação social do neto, preenchendo muitas vezes o papel de mãe, de cuidadora. (p.187)</p> <p>Nos 17 desenhos animados analisados, encontrou-se 9 avôs e 10 avós. Na literatura, a relação de avosidade predomina com as avós, sendo que, no período da infância dos netos, quando os pais por algum motivo não assumem seus próprios filhos ou não têm tempo para cuidar dos mesmos, as avós incorporam a responsabilidade materna e se consideram as principais substitutas para essa atribuição. (p.186)</p>	<p>PIERDONÁ, Natália <i>et al.</i> Avosidade nos desenhos animados ocidentais: estilos de avós com netos adolescentes. Estudos Interdisciplinares sobre o Envelhecimento, v. 23, n. 2, 2018. Disponível em: https://downloads.editoracientifica.com.br/articles/200800831.pdf</p> <p>Acesso em: 12 out 2023.</p>
<p>Ressignificações da avosidade a partir do reconhecimento do envelhecimento e da socioafetividade multiparental</p>	<p>Dóris Ghilardi e Larissa Tenfen Silva</p>	<p>2023</p>	<p>O termo avosidade é criado para descrever os laços de parentesco entre avós e netos, de modo a refletir sobre os vínculos, relações, modos de exercício, funções e papéis envolvidos na atuação de ser avô ou avó. (p. 9) (1)</p> <p>As teses da socioafetividade e da multiparentalidade jurídica têm acarretado uma releitura jurídica das relações de parentesco e dos formatos de família por meio do reconhecimento de novos entes familiares o que leva a alterações nas relações avoengas</p>	<p>(1) GHILARDI, Dóris; SILVA, Larissa Tenfen. Resignificações da avosidade a partir do reconhecimento do envelhecimento e da socioafetividade multiparental. civilistica.com, v. 12, n. 3, p.1-41, 2023.</p>

		<p>ou também denominadas atualmente de avosidade. (p. 24) (1)</p> <p>Deste modo, tal qual a “relação mãe e filho (a) tem uma nomenclatura específica como</p> <p>maternidade e, a relação entre pai e filho (a) é chamada de paternidade, a relação entre</p> <p>avós e netos é chamada de avosidade” carregando significados subjetivos próprios</p> <p>àqueles que exercem a função de avô ou avó sendo compreendido como um conceito</p> <p>em construção social. (2)</p>	<p>(2) SILVA, Larissa Tenfen; ZANNIN, Sarah Farias. TEMPOS DE AVOSIDADE: reflexões sobre família, pessoa idosa e Direito. Sociedade e Advocacia, v. 1, n. 1, 2020. Disponível em: ibdfam.org.br/.</p>
--	--	--	--